



# Deus Sabe que Sofremos

**Philip Yancey**

Título original: When is God when it hurts

Tradução: Emma Anders de Souza Lima

Editora Vida

ISBN 85.7367.195-5

Digitalizador: desconhecido

Disponibilizado pelo Intervox

Revisado e formatado por SusanaCap

[WWW.PORTALDETONANDO.COM.BR/FORUMNOVO/](http://WWW.PORTALDETONANDO.COM.BR/FORUMNOVO/)

Por que Deus permite o sofrimento? Deus não vê que estou sofrendo?

Na maioria das vezes, nós nos sentimos totalmente incapazes de dizer ou fazer qualquer coisa para aliviar a dor dos que sofrem. E este sentimento de incapacidade é extremamente frustrante e entristecedor. Por que existe o sofrimento?

Será que a dor é um erro grosseiro de Deus? Ou Deus estará querendo nos ensinar alguma coisa através dela?

Neste livro, você encontrará as mais importantes respostas para esse inquietante problema que diz respeito a todos nós.

Com sensibilidade e profundo conhecimento do assunto, o autor trata o tema de maneira clara, informativamente rica, comentando também as conclusões a que chegaram os maiores estudiosos do assunto.

Um livro de estilo fácil, que responde questões difíceis.

\*\*\*

Philip Yancey é autor de vários livros, entre os quais “Decepcionado com Deus” e “As Maravilhas do Corpo “. Reside com sua esposa na cidade de Chicago, EUA.

\*\*\*

Entrementes, onde está Deus? Este é um dos problemas mais inquietantes. Quando a pessoa se sente feliz, tão feliz que nem parece precisar dele, e a ele se achega afim de ouvi-lo, é recebida de braços abertos. Mas, o que acontece quando você a ele se dirige em situação desesperadora, baldados todos os seus esforços ? A porta se lhe fecha, e por dentro é aferrolhada duplamente. Depois, silêncio. Daí, parece ser melhor a pessoa se afastar.

C. S. Lewis,

A Grief Observed (Análise de uma aflição)

## *Problema Que Permanece*

Sinto-me completamente incapaz, perto de pessoas que sofrem. Na verdade, sinto-me até culpado. As pessoas estão ali sozinhas, talvez gemendo, faces contorcidas, e não consigo transpor o abismo e penetrar no seu sofrimento.

Consigo apenas observar. Qualquer coisa que eu tente dizer, parece-me medíocre e formal, como se recitasse algo previamente decorado. Há alguns anos, atendi a um desesperado pedido de socorro de amigos muito íntimos, John e Claudia Claxton. Casados de novo, ambos com pouco mais de vinte anos, começavam a sua vida no Centro-Oeste Americano.

Jamais eu tinha visto o amor afetar alguém tão profundamente como acontecera com John Claxton. Nos dois anos em que ele e Claudia estiveram noivos, John, uma pessoa cínica, desagradável e fria, tornou-se otimista, pronto a desfrutar as aventuras do casamento.

John escreveu-me uma carta que me perturbou extremamente.

Erros e rabiscos desfiguravam a sua escrita, geralmente caprichada. Ele explicou: — Queira desculpar minha maneira de escrever... não sei o que dizer. Nem consigo achar as palavras. — o casal enfrentava um problema muito maior do que eles mesmos. Claudia tinha contraído a doença de Hodgkins, câncer das glândulas linfáticas, e os médicos diziam que sua chance de vida era de apenas 50%.

Em uma semana, os cirurgiões fizeram-lhe um corte desde a axila até o abdome e removeram todo e qualquer traço visível da doença. Fraca e aturdida, ela jazia numa cama de hospital.

Naquela ocasião, John trabalhava como assistente de capelão num hospital local. — A doença de Claudia, — contou-me ele, — fazia com que eu entendesse melhor a situação de outros pacientes. Mas, não mais me interessava por eles; pensava somente em Claudia. Tinha vontade de gritar: — Parem com essas lamúrias, seus idiotas!

Vocês pensam que estão cheios de problemas, mas a minha esposa pode estar morrendo neste momento!

Embora John e Claudia fossem ambos cristãos, a revolta contra Deus avolumou-se. Revolta contra um parceiro a Quem eles amavam e

que se tinha virado contra eles. — ó Deus, por que nós? — clamavam.

— Deste-nos, provocadoramente, apenas um curto ano de casamento feliz, preparando-nos para esta dor?

O tratamento de cobalto arruinou o organismo de Claudia.

Ela perdeu a beleza. Sentia-se constantemente cansada, sua pele tornou-se escura, o cabelo começou a cair, a garganta estava sempre inflamada e ferida. Vomitava quase tudo o que comia. Os médicos precisaram suspender o tratamento por algum tempo, pois a garganta havia inflamado de tal maneira que ela não podia engolir.

Todos os dias, Claudia pensava em Deus e na dor que sentia, principalmente quando estava na sala de tratamento. Naquela sala fria revestida de aço, estirada numa mesa, nua, ela ouvia o chiado e o estalido do aparelho bombardeando-a com partículas invisíveis. Cada dia de radiação fazia o seu corpo envelhecer meses.

### *As Visitas de Claudia*

No princípio, Claudia esperava consolo e conforto dos seus amigos cristãos. Estes, porém, tornaram-se desconcertantes.

Um diácono de sua igreja falou-lhe solenemente que refletisse naquilo que Deus estava tentando ensinar-lhe.

— Deve haver alguma coisa na sua vida que desagrada a Deus.

Você deve ter deixado de fazer sua vontade. Estas coisas não acontecem por acaso. O que é que Deus lhe está dizendo?

Certa vez veio uma senhora, uma viúva gorducha, um tanto desmiolada, que pensava ter sido chamada para ser “chefe de torcida” das visitas aos doentes. Trouxe flores, cantou hinos, e recitou lindos salmos de lindos riachos e montanhas, sempre batendo palmas. Todas as vezes que a doença de Claudia era mencionada, ela depressa mudava de assunto. Queria afastar o sofrimento com o seu entusiasmo e boa vontade. Quando ela se foi, as flores murcharam, não mais se ouviram os hinos, e Claudia ali estava, face a face com outro dia de dor.

Veio outra, que há anos, fielmente, vinha assistindo programas de Oral Roberts, Kathryn Kuhlman, e o “Clube 700”. Ela disse a Claudia

que a única solução estava em buscar a cura divina.

Dúvidas me assaltaram e comecei uma busca que se estendeu por vários anos, e culminou neste livro. Tenho procurado uma mensagem que nós, os cristãos, possamos dar àqueles que sofrem. Acima de tudo, tenho buscado uma mensagem que possa fortalecer minha própria fé quando soffro. Onde está Deus, quando chega a dor? Está ele tentando dizer-nos algo? Depois de uma longa viagem pelos Estados Unidos, o teólogo e muito conhecido pastor alemão Helmut Thielicke foi inquirido sobre o maior defeito que observara entre os cristãos norte-americanos. Ele respondeu:

— Eles têm opinião inadequada sobre o sofrimento.

Acabei por concordar com ele.

No mundo não-cristão, essa falha destaca-se ainda mais.

Perguntei a alguns universitários o que tinham contra o Cristianismo, e a maioria repetiu variações sobre o mesmo tema: o sofrimento:

— Não posso acreditar num Deus que permite Auschwitz e Irlanda do Norte.

— Minha irmã adolescente morreu de leucemia apesar de todas as orações dos cristãos.

— Ontem à noite um terço da humanidade foi para a cama com fome. Isso combina com o amor cristão?

Lendo livros sobre a dor, descobri que muitos grandes filósofos, favoráveis aos princípios e ética cristãos, tropeçaram ao se defrontarem com o problema da dor e do sofrimento, acabando por rejeitar o Cristianismo por essa razão. C. E. M. Joad escreveu:

— Quais são, pois, os argumentos que, para mim, desfazem o ponto de vista religioso do universo?

Primeiro, dor e infortúnio.’

Outros filósofos, tais como Bertrand Russell e Voltaire, compartilham eloqüentemente do protesto de Joad.

O confuso problema da dor e do sofrimento aparece sempre, apesar

de nossas eruditas tentativas de explicá-lo. Até mesmo C. S. Lewis, que deu a explicação mais inteligível neste século, viu seus argumentos desvanecerem-se quando sentiu os efeitos de um câncer de ossos no organismo de sua esposa.

— Não conseguimos jamais saber o quanto realmente acreditamos em algo, até que a sua veracidade ou não torne-se uma questão de vida ou de morte — disse ele.

Como a batalha de Hércules contra a Hidra, todas as nossas tentativas de derrubar argumentos agnósticos esbarram contra outros exemplos de sofrimento bastante constrangedores. E a defesa cristã, por nós empregada, geralmente parece uma desculpa falsa, confusa e mal-articulada.

### *Abordagem Pessoal*

Ao escrever este livro, não foi minha intenção dirigir-me a filósofos. Pessoas muito mais capazes do que eu já fizeram isso. Ao escrevê-lo, preferi ter diante de mim a imagem de minha amiga, Claudia Claxton, estirada numa cama de hospital. Nossos problemas a respeito da dor, na sua maioria, não são apenas mentais. São parecidos com os de Claudia: dor de garganta, casamento ameaçado pela morte, perda de juventude, o terrível medo do desconhecido.

Ao escrever este livro, conversei com cristãos que sofrem muito mais do que qualquer de nós. Para muitos deles, a dor faz parte da vida. É a primeira sensação da manhã que se prolonga até o último momento antes do sono, se tiverem a sorte de conseguir dormir. Falarei sobre eles neste livro.

Ironicamente, também passei uma temporada entre leprosos, pessoas que não sofrem no sentido fisiológico, mas desejam esse sofrimento desesperadamente.

É possível que da próxima vez que eu cair doente, com gripe forte, debatendo-me na cama com febre, ou lutando contra ondas de náusea, as minhas conclusões sobre a dor não me sejam de nenhum consolo. Entretanto, como um cristão tentando esquadrinhar o que Deus deseja neste mundo, tenho aprendido muito. A minha revolta e amargura contra Deus foram desaparecendo à medida que compreendia por que ele permite um mundo com tal sofrimento.

Não hei de me referir a alguns itens filosóficos, apesar de importantes, tais como: De que forma o mal entrou no mundo?

Por que é o sofrimento distribuído de maneira tão injusta?

Por que as calamidades naturais? Em vez de enveredar por tais perguntas, penetrarei no mundo dos que sofrem para descobrir, no momento da dor, o valor real de ser cristão.

Primeiramente, examinarei a dor através do microscópio, biologicamente, para ver o papel que ela desempenha na vida.

Então, voltando atrás, olharei para o planeta como um todo, procurando saber quais os desígnios de Deus. Será o sofrimento o grande erro de Deus?

Então, demonstrarei detalhadamente as reações que diversas pessoas extraordinárias e fascinantes tiveram. E, finalmente, perguntarei a mim mesmo qual a minha atitude quanto ao meu próprio sofrimento e ao sofrimento dos outros.

\* O problema de Claudia foi resolvido quando o tratamento de cobalto destruiu todas as células cancerosas. Já se passaram cinco anos, e ela continua perfeitamente sã.

## **Primeira Parte - Por que Existe a Dor?**

---

Sejamos agradecidos por ter Deus inventado a dor.

Ele não poderia ter feito coisa melhor.

Dr. Paul Brand

## **A dádiva indesejável**

Estou em Chicago na luxuosa sala do Orchestra Hall.

Deleito-me com a música de Beethoven e Mozart, mas o longo e complexo concerto de Prokofiev não me transmite o mesmo prazer. Devido à digestão do farto jantar de domingo, é-me difícil concentrar na música, e ficar acordado.

Aos poucos, a música desaparece ao longe, e pálpebras fecham-se. Vejo ao meu redor muita gente bem vestida que dorme a sono solto. Assim, eu também apóio o queixo na mão direita e encosto o cotovelo no — BUM!! Braços e pernas espalham-se. Algumas pessoas em derredor fulminam-me com os olhos, os pescoços esticados em minha direção. Meu sobretudo está no chão. Assustado e constrangido, pego o sobretudo, endireito-me e tento concentrar-me na música. O coração bate desordenadamente.

Que aconteceu? Enquanto eu vagueava na terra dos sonhos, o meu corpo me protegia. Enquanto eu cabeceava, meus braços moveram-se abruptamente, minha cabeça lançou-se para trás e todo o meu corpo se contorceu. Embora bastante embaraçoso para mim, isso foi apenas uma atitude leal do meu corpo a fim de evitar que eu me machucasse. As duas pequenas bolsas no meu ouvido interno, cheias de fluido e revestidas de pelos ultra-sensíveis, detectaram uma mudança alarmante no meu equilíbrio. Justamente no momento em que minha cabeça ia bater no braço da poltrona, o ouvido interno soltou um alerta geral. Com uma velocidade extraordinária, meus braços e pernas reagiram dramaticamente, e eu não me machuquei.

Todas estas manobras complexas — aconteceram enquanto eu cochilava.

### *Detector de Perigo*

Em geral, os sensórios da dor operam justamente como os sensórios do equilíbrio que se acham no ouvido interno. Eles avisam o corpo dos iminentes ou atuais perigos. O sentimento da dor força o corpo a concentrar-se na área em que há algum problema e a reagir de acordo. Às vezes, a reação é quase inconsciente. Por exemplo, quando vou ao médico para um exame geral de rotina e ele golpeia meu joelho com um martelo de borracha, minha perna estica-se violentamente. O joelho sofre a impressão de que está sendo dobrado e reage automaticamente. O martelo atingiu os mesmos nervos que seriam afetados se o meu joelho vergasse subitamente ao caminhar. O corpo reage, para que eu não tropece e sofra dor maior. A reação é rápida e espontânea demais para permitir que o cérebro tenha tempo de raciocinar que estou sentado numa mesa e não em pé, e que realmente não há perigo de eu cair.



Apesar de serem dispositivos de proteção ao organismo, o sistema nervoso e os seus milhões de sensores de dor são, entre as funções do corpo, as menos apreciadas.

Jamais li um poema exaltando as virtudes da dor, nem vi jamais uma estátua erigida em sua honra ou ouvi um hino a ela dedicado. A dor é sempre qualificada como “desagradável”.

Realmente, os cristãos não sabem como interpretar a dor.

Muitos deles, se postos contra a parede numa hora difícil, admitiriam provavelmente que a dor é um erro de Deus.

Achariam que ele devia ter tido mais cuidado e inventado uma melhor maneira de enfrentar os perigos do mundo.

Estou mesmo convencido de que a dor tem tido propaganda injusta. Talvez devêssemos ter estátuas, hinos e poemas exaltando a dor. Qual a razão de eu assim pensar? Porque se fizemos um exame realmente acurado, veremos a estrutura da dor por um prisma completamente diferente. Ela é, talvez, o modelo perfeito da capacidade inventiva.

Começo a examinar o corpo humano. Por que o corpo necessita da dor? O que está ela tentando transmitir? Quero examiná-la atentamente antes de poder enfrentar pessoas que sofrem.

(Há uma necessidade premente de que esta parte seja discutida em nível técnico e biológico muito mais elevado do que o resto do livro. Estes argumentos estabelecem uma estrutura à qual hei de me referir mais tarde.

Se a biologia não é do seu agrado e se você tem o hábito de desligar a televisão quando se trata de assuntos do corpo humano, é provável que não queira ler este capítulo. Não posso deixar de escrevê-lo, porque esta parte é uma das mais desprezadas, embora muito importante, por pessoas confusas com a pergunta: “Onde está Deus, quando chega a dor?”).

### *Tentando Re-inventar a Dor*

Impressionei-me grandemente com a assombrosa eficácia da dor, quando visitei Dr. Paul Brand\*, de Carville, Louisiana, o único homem, por mim conhecido, a empreender uma cruzada a favor da dor. Sem hesitação, o Dr. Brand anuncia:

— Devemos ser agradecidos pela invenção da dor. Deus fez o melhor. É maravilhoso!

Ninguém mais do que o Dr. Brand está apto a fazer tal julgamento, pois ele é uma das maiores autoridades em lepra, doença que ataca o sistema nervoso.

O apreço do Dr. Brand pela dor atingiu o seu auge depois que lhe foi concedida uma enorme verba para projetar um sistema artificial de dor. Ele esperava ajudar pessoas que sofressem doenças, cuja característica fosse a destruição dos sensórios da dor. Brand tinha de tentar colocar-se na posição do Criador, pensar como ele e prever as necessidades do organismo humano. Depois de contratar três professores catedráticos de engenharia eletrônica, um biotécnico e diversos bioquímicos especializados em pesquisa, ele começou o seu trabalho.

Em primeiro lugar, a equipe produziu um nervo artificial que podia ser colocado na ponta do dedo como uma luva. O nervo reagia à pressão por intermédio de uma corrente elétrica que estimulava um sinal de aviso.

Durante cinco anos o Dr. Brand e os seus assistentes atacaram os problemas técnicos. À medida que se aprofundavam no estudo dos nervos, mais complexa tornava-se a tarefa.

Quando deveria o sensório dar o aviso? Como poderia um sensório distinguir a pressão normal de segurar um corrimão da pressão exigida para segurar uma planta com espinhos?

Como seria possível permitir uma atividade como jogar tênis e, ainda assim transmitir o aviso de perigo?

Brand observou também que as células nervosas mudam a sua percepção de dor, a fim de ir ao encontro das necessidades do corpo. Quando a ponta do dedo sofre uma infecção, ela se torna dez vezes mais sensível à dor do que em estado normal.

Esta é a razão de um dedo inflamado incomodar e atrapalhar.

As células nervosas “aumentam o seu volume”, exagerando as reações às pancadas e aos arranhões. Não houve meio dos cientistas, embora muito estudiosos, poderem duplicar tal proeza divina com a tecnologia atual.

Todos os sensores artificiais revelaram-se frágeis, prestes a se romperem ou a se deteriorarem pela corrosão ou pela fadiga do metal depois de acionados uma centena de vezes.

Mês após mês, o Dr. Brand e seus companheiros apreciavam mais intensamente o notável planejamento da estrutura da dor no corpo humano.

### *Pele Resistente e Sensível*

Um exame mais atento do corpo humano realça o desafio incrível enfrentado pela equipe do Dr. Brand. sua única preocupação era a área superficial do corpo, a pele, um órgão flexível e resistente que se estende sobre o corpo todo como uma defesa avançada contra o mundo.

A pele é aquinhoadada com milhões de sensores de dor espalhados pela sua superfície. Entretanto, não estão espalhados a esmo; são distribuídos cuidadosamente em lugares de maior carência.

Os cientistas têm descoberto técnicas para medir a pressão necessária para uma pessoa de olhos vendados perceber um objeto em contato com a sua pele. A escala chamada o limiar absoluto do tato, é medida em gral (por milímetro quadrado de superfície da pele). Os órgãos internos não têm necessidade de tais sistemas elaborados de alarme. Depois de passar pela pele, pode-se queimar o estômago, cortar o cérebro, ou ainda esmagar o rim, e o paciente não sentirá dor alguma. Por quê? Simplesmente pelo fato dos defensores da dor não serem ali necessários. Os órgãos internos são raramente expostos a tal perigo, pois a pele e o esqueleto protegem-nos.

Entretanto, se o médico inserir um balão dentro do estômago e enchê-lo de ar dilatando-o ligeiramente, sinais de dor alcançarão o cérebro: cólicas, ou dor motivada por gases. A estrutura da dor do estômago foi planejada para reagir aos seus perigos específicos. Do mesmo modo, o rim solta um alarme de dor excruciante quando uma pedrinha de 4mm de diâmetro acha-se presente.

Se um órgão interno tem necessidade de informar o cérebro da existência de um perigo de emergência e os seus sensores de dor não foram planejados para tal tarefa, o órgão serve-se do notável fenômeno da dor reflexa. Ele “toma emprestados” os sensores de dor vizinhos para alertar o corpo da existência de perigo. Por exemplo, a vítima de um ataque de coração pode notar certa dor, embora fraca, na pele do lado

esquerdo do peito. A pele não está em perigo; o coração tomou-a emprestada como uma estação retransmissora de dor.

Semelhantemente, a apendicite é de diagnóstico difícil, porque o apêndice toma emprestado os sensores de dor de diversas partes do organismo, como os lados perto dos rins, por exemplo.

Tais fatos, como a distribuição exata das células de dor necessárias, os limites de dor e de pressão, e o sistema substitutivo da dor reflexa, convencem-me de que, qualquer que seja, a estrutura da dor não aparece por acidente.

O mal feito é algo indelevelmente cunhado com um propósito maravilhoso. É algo que equipa muito bem o nosso corpo.

Pode-se argumentar que a dor é tão essencial ao funcionamento normal da vida, como o sentido da visão ou até mesmo a boa circulação do sangue. Como veremos, se não houvesse dor, nossa vida estaria cheia de perigo, e não poderíamos jamais usufruir prazeres, tais como a prática de esporte e passatempos.

### *Mas, é Preciso Que Doa?*

Qualquer pessoa que estude o corpo humano admitirá que o sistema nervoso é bem arquitetado. Mas, alguém poderia naturalmente indagar: — É preciso que a dor seja desagradável? Claro que um sistema protetor é necessário, mas precisa doer? Há ocasiões em que uma penetrante explosão de dor invade o cérebro, contorcendo o paciente. Não poderia Deus ter achado outra maneira de alertar-nos?

A equipe do Dr. Brand analisou estas perguntas à medida que trabalhava numa célula nervosa artificial. Durante muito tempo, eles usaram um sinal audível produzido por um aparelho de audição, um sinal que zumbiria quando os tecidos estivessem recebendo pressões normais e zuniria ruidosamente quando os tecidos estivessem realmente em perigo. Mas o sinal não era suficientemente desagradável. O paciente era capaz de tolerar o forte ruído se quisesse fazer algo como apertar uma chave de parafuso com muita força, mesmo que o sinal lhe avisasse que isso lhe era prejudicial. Tentaram-se luzes cintilantes, que não funcionaram pela mesma razão.

Finalmente, Brand recorreu a choques elétricos para obrigar as

As pessoas a deixarem de fazer aquilo que lhes era prejudicial. As pessoas tinham de ser forçadas a retirar as mãos; não era suficiente apenas alertá-las do perigo. O estímulo tinha de ser tão desagradável quanto — Descobrimos também que o sinal tinha de estar fora do alcance do paciente — disse Brand. — Até mesmo pessoas inteligentes, quando queriam fazer algo que sabiam resultar no choque, desligavam o sinal, faziam o que tinham em mente, e religavam o sinal quando sabiam não haver mais perigo de choque. Isso fez-me lembrar da sabedoria de Deus ao colocar a dor fora do nosso controle.

Depois de cinco anos de trabalho, de milhares de horas de trabalho individual, e de uma despesa de mais de um milhão de dólares, o Dr. Brand e os seus associados abandonaram o projeto. Um sistema de alarme que se ajustasse para apenas uma mão, alcançaria um preço exorbitante, estaria sujeito a freqüentes avarias mecânicas, e ainda seria irremediavelmente inadequado para interpretar o grande número de sensações percebidas pela mão. O sistema chamado às vezes de “o grande erro de Deus” era demasiadamente complexo para ser reproduzido até mesmo pela tecnologia mais sofisticada.

Paul Brand diz com absoluta sinceridade: — Sejamos agradecidos a Deus pela existência da dor! Por definição, a dor é suficientemente desagradável, a ponto de forçar-nos a retirar os dedos de um fogão aquecido. Mas, é justamente essa característica que nos livra da destruição. Se não fosse um sinal de alerta que exige pronta reação, não prestaríamos a atenção devida.

Para os que sofrem de artrite deformante ou de câncer em estado avançado, a dor é terrível e qualquer alívio, até mesmo um mundo sem dor, parecerá o próprio céu. Mas, para a grande maioria das pessoas, a estrutura da dor funciona diariamente como proteção. É realmente planejada para que a vida seja possível neste planeta hostil.

A dor, portanto, não é o grande erro de Deus. É uma dádiva, a dádiva que ninguém deseja. Sem ela, nossas vidas estariam em perigo e prestes a sofrer decadência.

Mais do que nunca, a dor deve ser compreendida como uma estrutura de comunicação. É ela que une o nosso corpo, preservando simultaneamente os diversos órgãos e consolidando-os para o objetivo comum da proteção.

Longe de mim o afirmar que toda dor é boa. Algumas vezes, ela

torna a vida completamente miserável. Mas, mesmo assim, está cumprindo a sua missão de alertar o organismo de uma séria enfermidade. A “dádiva da dor” nem sempre corresponde a muitos problemas relacionados com o sofrimento. Mas é o ponto inicial de uma perspectiva realista sobre dor e sofrimento.

Muito freqüentemente o trauma emocional da dor intensa impede que apreciemos o seu valor intrínseco. Com um braço quebrado, ao tomar aspirina para amortecer a dor latejante, a pessoa se esquece de agradecer a dor. Mas, naquele exato momento, a dor está alertando o organismo para o perigo, mobilizando as defesas anti-infecciosas ao redor da parte afetada, e evitando piores conseqüências. É dor, exige atenção, o que é extremamente importante para a recuperação do organismo.

\* O Dr. Brand recebeu a famosa distinção médica Albert Lasker e recebeu a Comenda do Império Britânico das mãos da rainha Elizabeth.

\* Apesar de estes sensórios serem tremendamente sensíveis, a pele tem uma sensibilidade grosseiramente primitiva se comparada com a sensibilidade do olho ou do ouvido, que detectam mudanças de luz e vibração. Para produzir uma sensação de tato, a energia é de 100 milhões a 10 bilhões de vezes a sensação visual ou auditiva.

\* Os cientistas ainda conseguem medir outro fenômeno do sistema nervoso chamado limite dos dois pontos. As células da dor são inúmeras, mas não estão espalhadas ao acaso.

Temos exatamente o número necessário. O teste dos dois pontos mede a sensibilidade da pele ao sofrer uma pressão de dois alfinetes ou duas cerdas, estando a pessoa com os olhos vendados, a fim de determinar a proximidade em que devem estar os alfinetes para que a pessoa sinta uma só picada e não duas. Em outras palavras, este teste demonstra a proximidade em que estão os sensórios individuais de dor. Na perna, duas picadas tornam-se indistintas, quando os alfinetes estão a uma distância de 68mm. Mas, no dorso da mão, distinguem-se duas picadas a uma distância de 32mm, e na ponta do dedo da mão a uma distância de 2mm. Na ponta da língua, entretanto, a distância é de apenas 1 mm.

Isso explica o fenômeno bastante comum de sentir-se uma partícula de comida entre os dentes. Com a língua, descobre-se rapidamente em que fenda acha-se a comida. Mas, com a ponta do dedo, é mais difícil localizá-la. Os espaços entre os dentes “parecem menores” com o dedo do que com a língua.

Quem jamais foi ferido, zomba de cicatrizes.

William Shakespeare

### *O Inferno Indolor*

Não queremos a dor. Mesmo conhecendo os detalhes médicos do seu valor, não nos convencemos de que é uma parte necessária, altamente desejável, da nossa vida. Mas uma viagem que fiz na primavera de 1976 impressionou-me indelevelmente, a ponto de passar a apreciar a dor. Passei uma semana com o Dr. Paul Brand, o apologista da dor.

O Dr. Brand tem um interesse todo especial na estrutura da dor; ele passou a maior parte da sua vida entre leprosos que são destruídos dia após dia por terem um sistema defeituoso de dor. A palavra “lepra” evoca imagens exageradas de dedos sem ponta, úlceras, pessoas sem pernas, rostos deformados.

Livros e filmes como Ben Hur e Papillon têm-nos condicionado, muitas vezes erroneamente, a pensar na lepra, ou hanseníase\*, como uma das doenças mais cruéis.

O mal de Hansen é cruel, mas não tanto como o são outras doenças. Age primeiramente como anestésico, amortecendo as células de dor das mãos, pés, nariz, ouvidos e olhos.

Realmente nada grave, poderia alguém pensar. A maioria das doenças é temida por causa da dor que provocam. O que faz uma doença indolor tornar-se tão horrível?

A qualidade anestésica do mal de Hansen é justamente a razão pela qual surge a tão falada destruição e decomposição dos tecidos. Durante milhares de anos, pensou-se que a doença causava úlceras nas mãos e nos pés, e que essas úlceras produziam a putrefação da carne e a perda das extremidades.

Principalmente mediante pesquisas do Dr. Brand, descobriu-se que em 99% dos casos, o mal de Hansen apenas amortece as extremidades. A destruição que se segue é devida à falta do sistema de

alerta à dor.

Como se dá essa destruição? Nos povoados da África e da Ásia, tem havido casos de pessoas, com essa doença, que entraram numa fogueira para retirar uma batata que ali tinha caído. Não há coisa alguma em seu organismo que a impeça de fazer tal coisa. Havia pacientes no hospital de Brand, na Índia, que eram capazes de trabalhar o dia todo com uma pá com um prego saliente no cabo; ou eram capazes de apagar a chama de uma vela com as mãos desprotegidas; ou, ainda, podiam andar sobre cacos de vidro. Ao observá-los, Brand começou a formular a sua teoria de que o mal de Hansen é principalmente anestesiante, e destrói apenas indiretamente.

Certa ocasião, ele tentou abrir a porta de um pequeno depósito, mas o cadeado enferrujado não cedia. Um paciente, um garoto de dez anos, desnutrido e raquítico, aproximou-se dele, sorrindo.

— Deixa-me tentar, Doutor. — e pegou a chave, com uma contração rápida da mão ele virou a chave na fechadura.

Brand ficou atônito. Como pôde esse garoto fraco sobrepujá-lo? Mas, os seus olhos deram com a pista. Não era sangue aquilo no chão? Examinando os dedos do menino, Brand descobriu que o fato de dar a volta na chave tinha aberto uma ferida profunda no dedo, a ponto de ficarem expostas pele, gordura e articulação. O garoto, porém, nada tinha percebido. Para ele, a sensação de cortar seu próprio dedo era a mesma de apanhar uma pedra ou de jogar uma moeda no bolso.

A rotina diária acaba com as mãos e os pés dos pacientes que sofrem do mal de Hansen; eles não possuem um sistema de alarme. Se torcem um tornozelo, lacerando tendão e músculo, acomodam-se a isso e andam com ele torcido. Se uma ratazana lhes rói um dedo à noite, só o percebem na manhã seguinte.

### *Visita a Carville*

Eu próprio vi os devastadores resultados de uma vida sem dor quando fiz uma visita ao hospital do Dr. Brand. Atualmente, ele trabalha em uma das instituições mais notáveis dos Estados Unidos, um “leprosário” em Carville, Louisiana, o U.S. Public Health Service Hospital”.



Por causa do estigma da lepra, Carville acha-se em lugar afastado e de difícil acesso. O hospital foi construído no local de uma antiga fazenda, que lá havia há 112 anos e que antigamente era rodeada por um pântano. O terreno foi comprado nos anos de 1890, para ser ali construído o hospital dos leprosos. Mas, para que os vizinhos não suspeitassem da verdadeira intenção dos compradores, o pretexto foi de ali se fazer uma criação de avestruzes.

Só o hospital abrange mais de 136 hectares de terra, incluindo um campo de golfe de nove buracos e um lago de águas drenadas do pântano, além de modernos meios de tratamento da doença. Não mais existe o arame farpado ao redor de Carville, e os visitantes são realmente bem-vindos.

\* Em certas ocasiões, há até três excursões por dia.

O ambiente é agradável, os edifícios são projetados para pacientes em cadeiras de rodas, os cuidados médicos são os melhores possíveis, e o tratamento é gratuito com as drogas mais modernas à disposição dos pacientes. À primeira vista, a vida neste cenário à sombra das plantações torna-se quase invejável. Atualmente a doença está sob controle. Na maioria dos casos, ela pode ser detida no primeiro estágio.

Mas ainda permanece um aspecto horrível do mal de Hansen: a perda da sensação de dor.

### *A Perigosa Auto-harpa de Lou*

Tive a oportunidade de visitar um ambulatório em Carville.

Dois fisioterapeutas, uma enfermeira e o Dr. Paul Brand sentaram-se em semicírculo defronte a uma tela de televisão. Três pacientes seriam vistos naquele dia, todos eles com sérios problemas.

Veio o primeiro, um havaiano de meia idade chamado Lou (naturalmente, não é o seu nome real). Lou era mais deformado do que a maioria, pois veio a Carville quando a doença já se encontrava em estado adiantado. Já não tinha pestanas, e havia alguma coisa diferente nas suas pálpebras, o que lhe dava uma aparência desequilibrada, como que faltando algo. É que as suas pálpebras já estavam paralisadas, de maneira que as lágrimas tendiam a extravasar como se ele estivesse sempre chorando. O Dr. Brand disse-me num cochicho que Lou estava quase

totalmente cego. A perda da sensibilidade foi parcialmente responsável por isso: a superfície dos seus olhos deixou de distinguir a irritação e o desconforto que requer um piscar de olhos; e, como as pálpebras amortecidas cada vez piscavam menos freqüentemente, isso afetou a sua vista.

\*\*\*

Os pés de Lou eram tocos gastos, sem dedos. As suas mãos estavam marcadas com fendas e cicatrizes profundas, resultado de antigas úlceras. Mas o seu principal problema era psicológico. Lou sentia que uma porta tinha sido fechada entre ele e o mundo. Quase cego, não podia perceber bem as pessoas. Tinha perdido completamente o sentido do tato, e não podia nem mesmo sentir se lhe queimasse a mão ou se pisasse em pregos. O último sentido que ainda possuía era a audição e era esta a fonte do seu grande temor.

Com a voz tremendo, Lou contou ao grupo o quanto ele amava a sua auto-harpa. Ele podia tocar melodias havaianas do tempo da sua infância e sonhar com os dias da sua juventude. Era um devoto cristão e tinha prazer em tocar os hinos de louvor a Deus, chegando mesmo a tocar em sua igreja. Para tocar, Lou prendia a palheta ao único lugar do seu dedo que ainda possuía algum tato. Ele era capaz de sentir uma variação na pressão de modo a selecionar as cordas e tocá-las. Mas ele não era suficientemente sensível para estar alerta à pressão perigosa. Horas de auto-harpa haviam deixado calos e úlceras no seu polegar. Somente agora procurava a clínica.

Tivera medo de vir antes. — Podia o Dr. Brand achar um jeito para que ele continuasse a tocar auto-harpa sem prejudicar a mão? — ele pedia, quase implorando. A equipe observou a mão de Lou no monitor de televisão. Usavam o termograma, um aparelho que converte as diversas temperaturas do corpo em cores berrantes. No termograma, a mão de Lou estava delineada numa mistura psicodélica de verde-amarelado, amarelo-limão, vermelho-escarlate, e todas as nuances entre essas cores. O verde representava as partes mais frias, violeta representava o calor quase normal. Vermelho vivo era um sinal de perigo, pois mostrava que a infecção estava sendo combatida internamente. Amarelo demonstrava perigo extremo.

O único ponto mais útil do polegar de Lou era facilmente visível.

Era do tamanho de uma ponta de alfinete de cor amarela; estava inflamado pelo uso constante. O termograma é o melhor sistema de alerta que a ciência pode oferecer às pessoas que não sentem dor. Infelizmente, ao contrário da dor, somente detecta o perigo depois do período de pressão e não durante. Qualquer pessoa estaria plenamente consciente de um polegar infectado. Latejaria o dia todo, até que não fosse mais usado e recebesse um adequado tratamento. Mas Lou não possuía tal vantagem. Ele não tinha capacidade de saber quando estava prejudicando e aumentando o ponto de infecção do polegar.

A equipe projetou uma luva para a mão de Lou, a qual viria aliviar parte da pressão da palheta da auto-harpa. Depois de ter ele partido, a enfermeira que trabalhava com Lou expressou o seu pessimismo: — Lou detesta luvas. Elas chamam atenção às mãos e, certamente, a luva diminuirá o controle sobre o toque. Com certeza, ele a usará no primeiro dia, para depois deixá-la de lado.

Lou já estava afastado das pessoas, tendo perdido contato com elas à medida que perdia os sentidos da vista, tato, e também um pouco da audição. Agora, achava-se ameaçado o seu último grande amor: a íntima auto-expressão através da música. Podia ser que ele voltasse dentro de poucas semanas com uma infecção generalizada tendo como consequência uma lesão permanente no polegar. Ele corria o risco de até perder aquele dedo. Mas, o tratamento é voluntário. Sem o seu próprio sistema de dor para forçá-lo a agir, Lou tinha a arriscada opção de ignorar o sinal de alerta dado pelo termograma.

### *Uma Escova e Um Sapato*

Outro paciente, um homem de pele azul, entrou na sala.

Heitor tinha uma fala arrastada e profunda. Vinha do Texas, um dos poucos estados da América do Norte onde o mal de Hansen pode ser encontrado. O seu organismo não se dava bem com as sulfonas geralmente usadas para tratar os hansenianos, e os médicos estavam tentando uma nova droga que era um corante. Era essa a razão da sua pele estar toda manchada de azul. Heitor sacrificava alegremente a sua aparência normal para deter a disseminação do mal de Hansen por todo o corpo.

O termograma, entretanto, prontamente revelou um vermelho vivo, sinal de perigo, na membrana entre o polegar e o indicador da mão

direita. Um calo escondia qualquer sinal externo de infecção. Interrogando-o minuciosamente, o Dr. Brand e os outros tentavam descobrir quais as atividades diárias de Heitor. De que maneira ele se barbeava? Como calçava os sapatos? Qual era o seu trabalho? Jogava golfe? Jogava bilhar?

Em algo que fazia diariamente, Heitor estava segurando alguma coisa com demasiada firmeza entre o polegar e o indicador. A sua mão ficaria mais e mais danificada, a menos que se pudesse descobrir qual a atividade que o prejudicava, e tal atividade fosse retirada de sua rotina.

Finalmente, descobriu-se. Depois de um ameno dia de trabalho como caixa de uma cantina, Heitor ajudava a fazer a faxina do local. Diariamente ele esfregava o assoalho para eliminar qualquer mancha de refrigerante ou doce. O movimento para frente e para trás, unido à sua incapacidade de regular a força a ser imprimida no cabo da escova, havia danificado o tecido do lado de dentro do polegar. O mistério estava resolvido.

Heitor agradeceu à equipe efusivamente. Um fisioterapeuta prometeu conseguir do chefe de Heitor a mudança da atividade que o prejudicava. Veio o último paciente: Jones. Em contraste com a grande maioria das pessoas de Carville, Jones estava vestido à última moda. Usava bonitas calças de tecido xadrezado e via-se que a sua camisa tinha vindo do tintureiro. Os seus sapatos eram, também, muito diferentes dos feios sapatos pretos ortopédicos da maioria dos pacientes. Jones calçava sapatos elegantes, de bico fino, e tinham uma bonita cor marrom, demonstrando terem sido bem engraxados.

Na realidade, os sapatos eram o problema. Ele se vestia muito bem, porque trabalhava em regime de tempo integral, como vendedor, numa loja de móveis. Os terapeutas de Carville haviam tentado convencer Jones a usar sapatos mais apropriados aos seus pés, embora menos elegantes, mas ele jamais aceitou tal idéia. Para ele, o trabalho e a sua imagem eram mais importantes do que a perda de grande parte do pé. Quando Jones tirou os sapatos e meias, o pé mostrou aquilo que eu jamais havia visto. Não havia protuberância alguma onde deviam estar os dedos. Havia apenas tocos redondos sobre os quais ele andava. Os termogramas ilustraram graficamente o problema. Sem os dedos para amortecer o efeito do calcanhar levantado ao andar, Jones foi gastando sistematicamente o toco, causando infecção permanente. Uma pessoa normal mancaria automaticamente, ou passaria a usar outro tipo de

calçado. Mas Jones não sentia os sinais de perigo. A equipe conversou longamente com ele sobre o problema, mas Jones foi delicadamente inflexível.

Ele não estava disposto a usar os sapatos feitos em Carville, que lhe pareciam inadequados à sua aparência e posição. Isso faria com que os seus fregueses suspeitassem de que havia algo de errado com ele. A fisionomia e as mãos eram quase normais. Ele não deixaria que os pés o traíssem.

Finalmente, o Dr. Brand chamou o sapateiro e pediu-lhe que fizesse uns ajustes nos sapatos de Jones que pudessem aliviar a pressão.

Depois da saída dos pacientes, o Dr. Brand virou-se para mim e disse:

— A dor é muitas vezes julgada como agente inibidor que cerceia certas atividades. Eu a vejo, porém, como a grande doadora de liberdade. Veja estes homens. Lou: estamos procurando desesperadamente uma maneira de lhe dar a liberdade de tocar auto-harpa. Heitor: ele não pode nem esfregar o chão sem prejudicar-se. Jones: orgulhoso demais para um tratamento adequado; ele teria de usar um sapato que não o deixasse perder uma parte ainda maior do pé. Não pode calçar e andar normalmente; para isso, precisaria da dádiva da dor.

### *Pessoas Sem Dor*

Carville e outros hospitais para hansenianos ao redor do mundo têm legiões de pessoas que estão se destruindo sem sentir a dor. Mas, a lepra não é a única coisa que amortece os sentidos. O diabético defronta-se com perigo semelhante de perda de dor nas extremidades. Viciados em álcool e drogas podem também ter os seus sentidos amortecidos.

Durante o inverno em países de clima frio, muitos alcoólatras morrem porque o corpo não sente o frio cortante.

Há pessoas que nascem com uma estranha deficiência chamada “indiferença congênita à dor”. Estas pessoas têm uma espécie de sistema de alerta, mas, como as luzes cintilantes e os sinais audíveis do Dr. Brand, não produzem dor. Para elas, a sensação de tocar um fogão quente é a mesma de tocar o piso da entrada da garagem. Para uma criança, especialmente, há o perigo dela interpretar os sinais de dor como sendo

sinais de prazer e, portanto, prejudicar-se.

Uma família contou a fantástica história de sua garotinha a quem tinham nascido quatro dentinhos. A mãe, ouvindo-a rir e murmurar no quarto ao lado, foi até lá esperando que ela tivesse descoberto alguma nova diversão. O nenê tinha mordido a ponta do dedo e estava brincando com o sangue, fazendo desenhos com as gotas. Sem dor, ela havia perdido o sentido inato da autoproteção. Como explicar o perigo dos fósforos, facas e lâminas de barbear a crianças como esta?

Uma menina de sete anos beliscou tanto seu nariz que as suas narinas ficaram cheias de úlceras.

Estas pessoas podem sofrer operação cirúrgica sem anestesia, e muitas vezes impressionam seus amigos com proezas, tais como enfiar um alfinete nos dedos. Mas a sua vida está marcada pelo perigo. Uma mulher quase perdeu a vida porque contraiu uma séria doença sem sentir o sintoma de alerta, que seria dor de cabeça. Muitos prejudicam os seus próprios ossos porque não conseguem reconhecer o abuso a que os sujeitam. Podem torcer o pulso sem saber que isso tenha acontecido, e continuar a usá-lo para o seu próprio mal.

Uma garota de dezesseis anos perdeu todos os dedos da mão por negligência.

Aqueles que sofrem de insensibilidade congênita precisam depender de indícios que eles aprendem a observar. São capazes de sentir alguma coisa, tal como uma leve sensação de cócegas. A fim de poderem reagir, entretanto, eles precisam prestar muita atenção à área em questão. Uma pessoa normal reagiria imediatamente; eles precisam concentrar-se para saber o que fazer.

Os exemplos de “inferno indolor” são numerosos e trágicos.

Deviam fazer com que todos nós nos descartássemos da noção usual de que a dor é uma coisa desagradável a ser evitada a todo o custo. Geralmente, a dor não refreia a vida. Mais do que qualquer outra coisa, ela nos liberta para que possamos aproveitar a normalidade neste planeta. Sem a dor, levaríamos vidas desequilibradas e anormais, encontrando perigos desconhecidos, sem nunca podermos estar certos de não estarmos destruindo a nós próprios.

Antes de visitar Carville, livros de medicina já tinham feito a sua

parte para me convencer do valor da dor. Eu já estava começando a ver que, mesmo no caso de Cláudia Claxton, a dor não era o problema fundamental, mas sim a própria doença. A dor estava apenas informando-a de que as células do câncer e os raios de cobalto estavam prejudicando o seu corpo. Sem a dor, ela poderia ter morrido, inconsciente à presença da doença. A semana que passei em Carville deixou memórias visuais muito profundas.

Todas as vezes em que sou tentado a revoltar-me contra Deus por causa da dor, lembro-me de Lou, dos seus olhos sempre lacrimejantes, do seu rosto cheio de cicatrizes, incapaz de sentir o toque de alguém, procurando freneticamente um jeito de continuar com a sua música, seu último amor na vida.

O único ambiente seguro para uma pessoa incapaz de sentir dores é ficar na cama o dia todo . . . mas até isso produzirá feridas.

\*Todos os pacientes preferem o termo hanseníase, porque este não traz o estigma social e moral da palavra “lepra”.

— Lepra é uma palavra tão temida que tem sido impossível informar o público sobre a verdadeira natureza do mal de Hansen. Pelos pacientes de Carville, está demonstrado que dentre todas as doenças contagiosas, o mal de Hansen é provavelmente a menos contagiosa, e que 90% das pessoas são imunes. Apesar de um contato diário com pacientes infectados, em noventa anos de funcionamento, somente uma pessoa, um empregado, contraiu o mal de Hansen em Carville.

Assim mesmo, suspeita-se que ele já tenha vindo com a doença incubada, pois era oriundo de uma área endêmica.

\* Stanley Stein, autor do livro “No Longer Alone” (Não Mais Sozinho), o mais famoso paciente de Carville, ficou cego por causa de outra peculiaridade do mal de Hansen. Todas as manhãs ele lavava o rosto com um pano molhado em água quente, mas nem a mão nem o rosto tinham sensibilidade suficiente para avisá-lo de que estava usando água fervendo. Gradualmente, ele destruiu os olhos com a sua higiene diária.

É inconcebível! Estou com 69 anos e jamais vi uma pessoa morrer. Nem jamais estive na mesma casa em que houvesse alguém morrendo. E nascer? Somente no ano passado vi um nascimento, ocasião em que fui convidado por um obstetra.

Imaginem só! Estes são os maiores acontecimentos da vida e estão inteiramente fora da nossa experiência. Omitimos cuidadosamente as fontes das emoções humanas mais profundas, e ainda temos esperança de levar vidas emocionalmente plenas. É muito difícil sentir alegria, quando não se teve a experiência da dor.

George Wald Prêmio Nobel

### *A Agonia, depois o êxtase*

Se alguém visitar um leprosário, provavelmente jamais voltará a fazer perguntas sobre o importante papel da dor. Sem ela, a vida é uma seqüência miserável de receios e perigos. Levando em consideração fatos fisiológicos, a maioria admitirá que realmente um pouco de dor é coisa útil e até boa.

Entretanto, mais do que este aspecto da dor, negligencia-se o elo íntimo existente entre dor e prazer. As duas sensações funcionam em conjunto, uma freqüentemente acompanhando a outra, tornando-se algumas vezes quase indistinguíveis. A dor não somente é útil como alerta; pode também ser um elemento essencial nas nossas experiências reais ricas.

Parece esquisito? Possivelmente, pois nossa cultura moderna metralha-nos diariamente com um conceito absolutamente diverso. Aprendemos que a dor é a antítese do prazer. Quem sente uma leve dor de cabeça, corre a tomar aspirina. Se o nariz começa a escorrer, trata-se logo de secá-lo com um descongestionante da mucosa nasal. Ao menor sinal de constipação, corre-se à farmácia e escolhe-se um líquido, ou pílula, ou ainda um enema.

Nós, os modernos, isolamo-nos de um mundo que reivindica a dor como sua parte integral. Em toda a história, exceto em tempos muito recentes, a dor foi uma ocorrência normal e diária, coisa natural para qualquer pessoa. Atualmente, a dor é considerada um acessório, um intruso que precisa ser eliminado.

A sociedade globalizada afasta-nos do ciclo diário de sofrimento e morte do mundo animal. Quantas pessoas conhecidas seriam capazes de torcer o pescoço de uma galinha? Não é fácil. É preciso



ter força e rápida coordenação para virar o pescoço enquanto se segura o animal que se debate e, então, separar o pescoço num estalo rápido, mas o processo ensina algo sobre a vida. Os pedaços de carne encontrados no balcão do supermercado, sem penas, sem sujeira, sem sangue, apertados no invólucro, nada dizem sobre a vida; removem-na de nós.

Deixe-me acrescentar que eu compro galinha no supermercado, e o meu escritório tem ar-condicionado para me aliviar do desconforto do calor. Também uso sapatos para evitar a aspereza do chão e dos cascalhos, e uso luvas de tênis para evitar bolhas e calos. Faço estas coisas deliberada e alegremente, porque elas tornam minha vida mais confortável. Mas elas também me ajudam a ficar isolado. Luxo e conforto abundante dão-me uma perspectiva do mundo e da dor, que jamais foi compartilhada em qualquer século da história e não é compartilhada, tampouco, por dois terços da população atual do mundo. Eu e a maioria dos americanos do norte, sofremos a tendência de analisar a dor como algo que pode e deve ser dominado pela tecnologia. O nosso ponto de vista distorcido adota o mito de que dor e prazer são coisas diametralmente opostas. Nosso estilo de vida sugere-nos isso diariamente.

### *Cérebros Excitados*

Um biotécnico de Louisiana compara o cérebro a um amplificador. Ele recebe uma deslumbrante coleção de fontes de energia. Em vez de discos ou fitas, o cérebro recebe os sentidos do tato, visão, audição, etc. Quando um dos sentidos começa a enfraquecer, o cérebro automaticamente aumenta o seu volume. Às vezes, uma pessoa com o mal de Hansen não percebe a perda de um sentido até que tenha desaparecido inteiramente; isso porque o seu cérebro veio compensando a perda com aumento de volume até o momento em que o sentido não funciona mais.

A cultura moderna entristece-me, porque vem constantemente aumentando o volume. Temos ouvidos: eles são tão bombardeados com decibéis que os tons mais sutis perdem-se para sempre. Temos olhos: confrontamo-nos com o brilho ofuscante dos néons e o brilho fosforescente dos anúncios, ao ponto de o pôr-do-sol e a borboleta ficarem eclipsados pela comparação. Temos nariz: perfumes químicos estão tão facilmente ao nosso alcance, perfumamo-nos com tão grande variedade de odores, e jogamos tantas toneladas de partículas

desagradáveis no ar, que muitos de nós não temos a mínima a idéia do cheiro do mundo ao natural.

Não mais andamos ao lado do lago para ouvir as rãs e os grilos, ver os peixes na água como submarinos, sentir o cheiro suave das flores silvestres. Nem tampouco visitamos lugares onde a natureza está longe de ser sutil. É lá que as rochas se avultam caprichosamente no horizonte em formatos gigantescos; quedas d'água agridem os sentidos com um rugido ensurdecedor, com borrifos de água gelada, e com um espetáculo visual de beleza a mudar de cenário a cada momento; animais que mais parecem desenho animado, tais como o alce e o castor, esperam ser por nós descobertos. Em lugar de tudo isso, as nossas experiências são vicárias: afundamo-nos numa poltrona em frente a uma TV bruxuleante com cores que não são nada naturais.

Em nossa cultura, há pessoas usando drogas para intensificar a percepção; sentam-se sozinhas, apreciando um espetáculo interior de luz psicodélica) as suas emoções mudando de marcha como numa corrida em alta velocidade.

Adolescentes usam a palavra “drogados” para as pessoas tão sobrecarregadas de sensações que se tornaram quase embotadas. Eu prefiro a palavra “excitados”. Sentir sensações de segunda mão”, sensações já preparadas por outros, é fácil demais. Deixamos de sentir prazer em coisas que exigem o nosso esforço, pelas quais temos de lutar. Se a busca envolver dor ou sofrimento, nós a abandonaremos.

Annie Dillard escreveu um dos meus livros favoritos: Um Peregrino no Riacho do Latoeiro (Pilgrim at Tinker Creek) que ganhou em 1975 o prêmio do “National book”, e também o prêmio “Pullitzer”. Se me perguntassem do que se trata, eu diria: — É uma senhora que vive ao lado de um riacho, em agonia, faz passeios no bosque e defronta-se com ratos almiscarados e com lagartas, além de muitas outras coisas.

Não há muito enredo; o interessante é a reação dela. É mesmo um livro notável por mostrar uma pessoa que olha, ouve e cheira ativamente. Não é um livro idílico de adoração à natureza. São descobertas muito mais profundas do que qualquer de nós faria. A autora pode tornar um passeio pela floresta muito mais sensacional do que uma viagem à Disneylândia.

A tendência de nossa cultura é afastar-nos de um mundo de sensações ativas, ao vivo, principalmente quando envolvem dor.

## *Esteiras de Folhas de Coco*

Da mesma maneira que os músculos, nossos sentidos podem tornar-se mais receptivos, mediante estímulos repetidos.

Alguns cientistas afirmam que as pontas dos nossos dedos são incrivelmente sensíveis porque na infância eles são muito usados. Os terminais nervosos podem tornar-se mais sensíveis do que já são. A sensibilidade da pele pode ser aumentada, apenas pelo fato de se escovar o braço diariamente com uma escova de náilon. Com o correr do tempo, o braço estará apto a receber maior gama de sensações de prazer e de dor.

Por esta razão, o Dr. Brand, meio por brincadeira, e meio a sério, sugeriu que os nenês fossem criados em esteiras ásperas de folhas de coco, e não em camas com cobertores macios. Rodear um nenê com sensações macias e neutras, reprime o desenvolvimento dos nervos e limita sua possibilidade de interpretar o mundo. Brand também contou que sua esposa não permitiu que ele rodeasse o cercado dos filhos com arame farpado. Crueldade? Apenas treinaria a criança a aceitar um mundo onde certas coisas, como fogões quentes, estão fora dos nossos limites e são dolorosas. Ele é de opinião de que quanto mais mimamos as crianças, mais as preparamos para uma vida de isolamento, sem as sensações que elas poderiam ter.

Andar descalço, por exemplo, principalmente na areia ou na grama, ajuda a aumentar o número de sensações. As variações sutis do formato e da textura da grama alimentam o cérebro com as informações sensoriais necessárias, o que é vital para o desenvolvimento do cérebro. Cientistas franceses fizeram uma experiência, na qual algumas pessoas prontificaram-se a viver por algum tempo em aposentos isolados de qualquer estímulo externo. Os cientistas chegaram à conclusão de que, para terem uma vida normal, as pessoas precisavam ser bombardeadas com estímulos externos.

Sem estes estímulos, elas se tornam desorientadas e inquietas, chegando mesmo a sofrer alucinações.

É fácil esquecer que os mesmos sensórios nervosos e os mesmos condutores que levam mensagens de dor ao cérebro levam também as mensagens de prazer. A sensação de coceira (desagradável) e a sensação de cócega (agradável) sofrem o mesmo estímulo, sendo que a única

diferença é que a cócega envolve o movimento de alguma coisa em ação sobre a pessoa: uma pena em contato com a pele, ou a carícia de um dedo em ponto sensível. Os sensórios são os mesmos; nós simplesmente interpretamos uma ação como agradável e a outra como desagradável. Algumas dores, como a de uma alfinetada que pode parar a coceira de uma mordida de mosquito, estão mais próximas do prazer que do desprazer.

Os sensórios dos dedos que alertam o indivíduo contra o calor, ou contra um leve choque elétrico, ou contra uma superfície áspera, são os mesmos que o levam a sentir o veludo ou o cetim. Os sensórios que transmitem o prazer sexual são os mesmos que levam mensagens de alarme ao cérebro.

As pessoas que gostam de tomar banho quente geralmente deixam correr água mais quente do que podem suportar. Elas esperam alguns poucos minutos e, então, cuidadosamente colocam a mão ou a perna dentro da água. Oh! Uma dolorosa explosão de dor. Tiram o membro e depois tentam novamente.

Desta vez a dor é menor. Então elas colocam outras partes do corpo na água. O processo de mergulhar o corpo dentro de uma banheira cheia de água quente ilustra a íntima ligação entre a dor e o prazer. As duas sensações misturam-se, tornando-se indistinguíveis. As células ajustam-se rapidamente, e aquilo que parecia ao cérebro uma substância perigosa torna-se alguns segundos depois suave e relaxante.

### *Passas na Montanha*

A associação íntima entre sofrimento e prazer não se aplica somente ao corpo. A experiência humana demonstra que essas duas qualidades acham-se entrelaçadas. Frequentemente, o prazer intenso só aparece depois de uma luta prolongada.

Um dos meus amigos costuma fazer longas caminhadas pelas montanhas. É uma atividade árdua e cansativa, que o leva aos limites da sua capacidade física. Ao fim do dia, ele se joga exausto no saco de dormir e acorda cheio de dores e arranhões. Tropeçando nas pedras soltas e atravessando passagens difíceis pelas rochas, ele fica com os músculos doídos, machuca os seus dedos, e sente muita dor. Mas o meu

amigo relata que, no meio de todas estas experiências, os seus sentidos são grandemente afetados. Parece que se tornam mais vivos. Quando ele respira grandes golfadas de ar, torna-se mais consciente da existência do ar. Seus olhos e os seus ouvidos ficam mais atentos ao que se passa do que normalmente. Certa vez, depois de andar uma tarde numa neblina fria, ele explorou os seus bolsos à procura de algo para comer. A sua comida tinha-se acabado, sobrava-lhe apenas uma caixa de passas. Negligentemente, abriu a caixa e jogou a primeira passa na boca. Sentiu um sabor incrível.

Comeu outra e mais outra. Pareciam até superpassas, muitíssimo mais gostosas e refrescantes do que quaisquer outras que houvesse algum dia comido.

O fato de usar o seu corpo, bem como todos os seus sentidos, deu-lhe uma consciência de prazer numa gama de valores inteiramente nova. Ele jamais sentiria tal sabor, tão delicioso e extraordinário, em umas simples passas se não fosse pela fadiga e pelo esforço violento de escalar montanhas o dia todo.

Lin Yutang descreve uma antiga filosofia chinesa no seu livro “My Country and My People” (Meu país e meu povo):

— Sentir-se ressequido e sedento em terra quente e poeirenta, e receber grandes gotas de água na pele despida, não é isso a felicidade? Sentir coceira numa parte íntima do corpo, e finalmente conseguir escapar dos amigos para, num lugar escondido, coçá-la, não é isso a felicidade? — Na longa lista de “felicidade” de Yutang, quase todas elas combinam sofrimento com êxtase.

As sensações de fome e sede podem levar ao tormento. Mas, sem elas, poderíamos ser abençoados com as delícias do paladar?

Os atletas conhecem muito bem essa estranha irmandade entre sofrimento e êxtase. Observe um levantador Olímpico de peso.

Ele se aproxima da barra de aço com pesados e enormes discos. Respira fundo. Faz uns trejeitos, flexiona os músculos. Abaixando-se, dá alguns arrancos preparatórios para ficar mais flexível. Então, ele se agacha, retesa todos os músculos do corpo num enorme reflexo, e começa a levantar. Veja só a dor expressa no seu rosto. Cada milésimo de segundo em que empurra o peso para cima até chegar aos ombros e depois levantá-lo acima da cabeça está estampado na agonia da sua face. Os

músculos estão gritando por alívio.

Se for bem sucedido, ele atira os pesos ao chão com um tremendo estrondo. Pula para o alto, as mãos enlaçadas acima da cabeça. Agonia absoluta e êxtase absoluto em dois segundos. Um não teria existido sem o outro, Mas, se lhe perguntarmos o que ele acha da dor, ele ficará perplexo. Já a esqueceu, ela foi pelo prazer. sobrepujada .

### *Um Prelúdio de Três Anos*

Num nível mais elevado, a maioria das realizações humanas de grande mérito envolve uma grande história de lutas. Seria o prazer possível sem o processo da dor? As esculturas e Pinturas de Miguelângelo envolvem anos de sofrimento e miséria. Qualquer que tenha conseguido algo de valor em sua casa, tal como construção de móveis ou o simples ato de plantar um jardim, conhece esta verdade. O prazer, vindo depois da dor, absorve-a. Jesus usou o nascimento de uma criança como analogia: nove meses de espera, dor excruciante, e, então, êxtase absoluto.

Falei certa vez com Robin Graham, a pessoa mais jovem que já velejou ao redor do mundo, sozinha. Quando começou a viagem era um garoto imaturo de dezesseis anos, à procura de algo.

Durante os três anos em que velejou pelo mundo, foi seriamente atingido por uma violenta tempestade marítima, viu o mastro rachar-se em dois, e por pouco não sofreu destruição total numa tromba d'água.

Ao chegar à zona das calmarias equatoriais onde não há ventos nem correntes marítimas, ele ficou tão desesperado que desistiu de tudo , encharcou o barco com querosene e ateou fogo . Mudou de idéia imediatamente e pulou de volta para o barco afim de extinguir o fogo com suas próprias mãos. Depois de três anos , Robin entrou no porto de Los Angeles e foi saudado por barcos, bandeiras, multidões, jornalistas, carros buzinando e apitos de navios. A alegria de retornar foi muito diferente de qualquer outra experiência que ele tivera. Mas, ele jamais teria sentido essas emoções de alegria se apenas voltasse de um agradável passeio pela costa. O sofrimento e a agonia da viagem ao redor do mundo tornaram possível a exultação da volta triunfal. Partiu um garoto de dezesseis anos e voltou um homem de dezenove. Impressionado pela saúde mental que a auto-realização pode trazer, Robin comprou imediatamente uma fazenda em Kalispell, Montana, e lá construiu uma

cabana de toras cortadas a mão. Editores e agentes de cinema tentaram engodá-lo com viagens ao redor do país, com a fama de conferencista e com o conforto de grandes lucros financeiros; mas Robin a tudo declinou.

### *O Cenário da Coragem*

Há um corolário para o princípio cristão sofrimento/prazer.

O real espírito do Cristianismo acha-se no fato de que a verdadeira satisfação vem, não por uma realização egocêntrica e confortável, mas por meio de serviço tedioso e sofrido. Madre Teresa, de Calcutá, encontra um nível inteiramente novo de paz e felicidade. O leprosário de Carville, no estado de Louisiana, foi originalmente comprado pelo estado, que pretendia ali estabelecer uma grande organização para os sofrendores do mal de Hansen. Mas o estado não conseguiu ninguém que limpasse as estradas, consertasse as cabanas dos escravos, nem drenasse o pântano.

Ninguém queria trabalhar perto de pessoas com essa doença.

Finalmente, uma ordem de freiras, as Irmãs de Caridade, ofereceram-se para cuidar dos leprosos. Como pessoa alguma quisesse ali trabalhar, elas mesmas cavaram valas, consertaram as construções, e tornaram o lugar habitável e durante o tempo todo glorificaram a Deus e levaram alegria aos pacientes. Elas aprenderam a associação talvez mais profunda sofrimento/prazer da vida: o serviço sacrificial.

Não se pode tirar o sofrimento das experiências da vida e condená-lo severamente. A reação instintiva de revolta contra Deus por permitir ele a dor, é extremamente fútil.

Ela está por demais entrelaçada com as nossas sensações, e é, freqüentemente, um passo necessário ao prazer e à realização. Espero que, ao envelhecer, não venha a morrer por entre lençóis esterilizados, preso a um pulmão de aço num ambiente totalmente livre de germes, mas num campo de tênis, forçando o coração numa última e violenta rebatida de um septuagenário, ou, talvez, descendo arquejante e ofegante por uma trilha na parte sul das Cataratas do Yosemite, sentindo pela última vez no rosto enrugado os borrifos d'água. Se eu gastar a vida procurando felicidade em drogas, conforto e luxo, terei enganado a mim mesmo. "A felicidade foge daqueles que a perseguem." A felicidade virá a mim

inesperadamente, como subproduto, como uma surpresa adicional, depois de eu ter investido a vida em alguma coisa de valor. E, provavelmente, esse investimento incluía muito sofrimento. Sem ele, é muito difícil imaginar o prazer.

Somente depois de estar deitado na palha putrefata da Prilio, que senti dentro de mim os primeiros impulsos do bem — gradualmente, fui descobrindo que a linha que separa o bem do mal não passa por estados, nem por classes sociais, nem tampouco por partidos políticos, coração humano, por dentro de todos mas por dentro de cada os corações humanos. Portanto, prisão, bendigo o teres feito parte da minha vida.

Alexandre Solzhenitsyn

Arquipélago Gulag

### *O Planeta Maculado*

Pense na terra, o nosso lar. Deixe que os seus olhos absorvam as nuances brilhantes e os sombreados mui delicados do pôr-do-sol ou do arco-íris. Enterre os dedos dos pés na areia e sinta a espuma ondulada e os borrifos da onda do mar. Visite um museu e estude a arte abstrata de borboletas — 10000 variedades, muito mais admiráveis que os desenhos dos modernos pintores abstratos; tudo condensado em delicadas amostras de material volante. Rodeado dessas coisas maravilhosas, é fácil acreditar num Deus amoroso.

Entretanto, o mesmo sol que esbanja as cores no firmamento pode também transformar o solo africano em uma superfície seca e lustrosa, cheia de pequenas rachaduras, trazendo desastre a milhões de pessoas. O constante ritmo retalhante da arrebentação pode, quando estimulado por uma tempestade, transformar-se num paredão da morte, de seis metros de altura, destruindo cidades e vilas. E as inofensivas amostras coloridas que passam a vida esvoaçando por entre as flores são agarradas e destruídas pela ferocidade constante dos ciclos vitais da natureza. Embora seja o mundo a vitrina de Deus, também é uma fortaleza rebelde. Pode ser uma coisa maravilhosa, mas pode igualmente ser coisa muito má.



Pense no homem. O mesmo país que produziu Bach, Beethoven, Lutero, Goethe e Brahms trouxe ao mundo Hitler, Eichmann e Goering. O país que engendrou a Constituição dos Estados Unidos produziu a escravidão e a Guerra Civil. Há em todos nós traços de inteligência, criatividade e compaixão entrelaçados com traços de fraude, egoísmo e crueldade.

O mesmo acontece com o sofrimento.

Depois de um minucioso exame, o sofrimento pode parecer um amigo de confiança e digno. O sistema nervoso, quando marcado pelo gênio, pode ser apreciado na pintura primorosa de um Rafael. Do ponto de vista restrito de um biotécnico, a estrutura da dor certamente parece ser uma das maiores obras de Deus.

Entretanto, a dor chama a nossa atenção, não por intermédio do microscópio, mas mediante espasmos de tormento. Se relacionarmos cada sinal de advertência à sua causa específica, a estrutura da dor parecerá boa e em bom funcionamento. Mas se, em âmbito maior, virmos a humanidade contorcendo-se de dor, morrendo de inanição, sangrando; bilhões morrendo de câncer aos poucos. . . eis aí um problema. Os filósofos preferem o ponto de vista mais amplo, de maior perspectiva que discute “a soma total do sofrimento humano”, como se toda a dor humana pudesse ser extraída e colocada num grande frasco a fim de ser apresentada a Deus:

— Aqui está toda a dor e todo o sofrimento do planeta Terra.

Qual a razão de tanta miséria? — É um dilema. A dor podia ser um sistema de alarme suave e eficiente, mas há algo neste planeta em sublevação total. O sofrimento está-se alastrando e não pode ser controlado.

Neste livro ainda serão apresentadas pessoas com medula dorsal fragmentada e judeus sobreviventes do holocausto. São essas as pessoas com que precisamos nos defrontar. — Nenhuma racionalização piegas pode resolver suas indagações cortantes. São essas as pessoas que levantam a questão:

— Onde está Deus quando chega a dor? Se a nossa fé não lhes souber responder, nada mais podemos dizer a um mundo alquebrado.

O problema da dor é muito mais profundo do que o simples

reflexo das células nervosas. Já vimos exemplos de “dor útil”, isto é, da dor avisando e protegendo. Mas, o que dizer dos efeitos colaterais da dor? O que dizer das implicações psicológicas quando a dor corrói a alma, estimulando amargura e desespero? Por que há pessoas amaldiçoadas com artrite, câncer, ou defeitos de nascença, enquanto outras há outras saudáveis? Por que existem tantas causas de intensa “dor não-útil” disseminadas por toda parte?

Apesar de algumas pessoas não passarem por intenso sofrimento físico na vida, todas as pessoas que conheço têm alguma dor da qual não se livram. Pode ser personalidade torcida, um relacionamento rompido ou um sentimento consumidor de culpa. . . De qualquer maneira, a dor reaparece sempre corroendo a satisfação.

Para bem visualizá-lo é preciso que nos afastemos do microscópio onde observamos as células nervosas reagindo linda e obedientemente ao estímulo. Olhem, depois, com todo o nosso interesse para o rosto dos angustiados seres humanos. A pergunta “Onde está Deus quando chega a dor?” torna-se “Onde está Deus quando a dor não cessa?” Como pode Deus permitir dor tão intensa e injusta?

### *O Animal Selvagem*

A Bíblia registra a entrada do mal e do sofrimento no mundo em conexão com a maravilhosa mas terrível qualidade dos seres humanos: a liberdade. O que nos torna diferentes dos botos brincalhões, dos leões que rugem, dos pássaros canoros? Os seres humanos foram os únicos libertados do comportamento instintivo e estereotipado da espécie animal. Temos o poder da escolha, da autodeterminação. Podemos até mesmo manipular e controlar nosso meio-ambiente.

O homem livre, entretanto, introduziu algo de novo no planeta: a rebelião contra o plano original. Temos apenas uma vaga idéia de como a terra deveria ter sido, mas sabemos perfeitamente que a humanidade fugiu do modelo primitivo. — Falamos dos animais selvagens — diz Chesterton—, mas é o homem o único animal selvagem. Foi ele que fugiu. Todos os outros animais são submissos; obedecem à severa respeitabilidade da tribo ou o tipo.

O homem é um animal selvagem porque é o único, neste pontinho de rocha chamado Terra, que resiste a Deus, sacode o punho

e diz: — Faça o que quero porque assim o desejo, e é melhor que Deus me deixe em paz.

Construímos uma parede que nos separa de Deus.

Dentro dela vivemos exatamente como queremos. Algumas vezes seguimos as regras ditadas por ele: o caminho do amor, da paz e da benevolência; outras vezes, não. Mui notavelmente, Deus escuta. Permite que o homem tenha liberdade de fazer o que deseja, de desafiar todas as leis do universo, pelo menos por algum tempo. “Ao criar o mundo, deu-lhe liberdade. Não foi um poema o que Deus escreveu, antes uma peça; uma peça que ele planejou com toda perfeição, mas que necessariamente foi levada em cena por atores e diretores humanos, os quais desde então só têm atrapalhado tudo.

E aqui que começa o debate sobre os aspectos universais do sofrimento. Não julgemos Deus apenas pelo mundo, como não julgaríamos Picasso somente pela sua “Fase Azul”. O mundo está em rebelião. O mundo está “condenado” por Deus. Ele prometeu que haverá julgamento. E o fato deste mundo cheio de maldade e sofrimento ainda existir é uma prova da misericórdia de Deus, e não da sua crueldade.

Seja como for, dor e sofrimento foram desencadeados como companheiros necessários à mal empregada liberdade humana.

Quando o homem escolheu voltar-se contra Deus, o seu mundo livre foi arruinado para sempre.

### *Outro Caminho?*

Para manter seu compromisso com o livre-arbítrio humano, Deus impôs certos limites a si próprio. Todas as vezes que um criador interpõe um intermediário, é por ele limitado.

Tomemos como exemplo uma analogia de C. S. Lewis. Deus fez a madeira, um produto útil. Produz os frutos das árvores, sustenta as folhas que dão a sombra e abrigam pássaros e esquilos. Ainda que retirada da árvore, a madeira é útil. Os homens usam-na para se aquecerem, para construir casas e móveis. As propriedades da madeira — dureza, inflexibilidade, inflamabilidade — permitem que ela desempenhe essas funções úteis. Mas no momento que esse material com tais propriedades foi legado a um mundo de homens livres, um

perigo inerente o acompanhou. O homem pode tomar um pedaço de madeira e, por causa da sua dureza, usá-la para esmagar a cabeça de outro homem.

Deus poderia, suponho, descer e mudar as propriedades da madeira para as de esponja, a fim de que o porrete apenas ricocheteasse levemente. Mas não é essa a sua intenção.

Estabeleceu leis fixas que podem, na realidade, ser pervertidas por nossa liberdade mal dirigida. A estrutura da dor, embora dádiva útil, está sujeita ao abuso e ao sofrimento extremo na terra.

Uma vez dados os parâmetros da proteção do livre-arbítrio do homem, poderia Deus ter agido de outra maneira? Poderia ele ter mantido alguns dos benefícios da estrutura da dor sem as desvantagens?

Há dúvida sobre a possibilidade de funcionamento de um sistema de alarme que não inclua sofrimento. Conforme as tentativas do Dr. Brand e a experiência das pessoas incapazes de sentir a dor mostram, não é suficiente que sejamos apenas alertados para o perigo. É necessário que haja dor, a fim de que sejamos obrigados a agir.

Ainda há outra indagação: teria sido uma boa coisa Deus criar um mundo sem dor, ou um mundo com menos sofrimento? A Bíblia claramente demonstra que há algumas coisas mais terríveis para Deus do que a dor dos seus filhos. Pense na dor psicológica de Abraão quando Deus lhe pediu que matasse o seu próprio filho Isaque. Ou na sua terrível dor ao tornar-se homem e suportar os pecados do mundo. Céticos têm citado estes exemplos como prova da falta de compaixão de Deus. Para mim, estes acontecimentos provam que há algumas coisas, como o falar a verdade, mais importantes na agenda de Deus que o mundo livre sofredor. Isso até mesmo para os seus mais fiéis seguidores.

Pode-se argumentar, o dia inteiro, se Deus deveria ou não ter permitido a existência de um vírus ou três bactérias a menos. Ninguém sabe responder a tais perguntas, nem a uma pergunta que deveria vir anteriormente a esta. Como determinado vírus entrou neste mundo? Teria sido uma atividade criativa direta de Deus? O resultado prático do sofrimento está, porém, em harmonia com a opinião da Bíblia sobre o planeta Terra. É um planeta maculado, e disso lembra-nos o sofrimento.

## *O Megafone*

O que pode Deus usar que fale tão alto a ponto de prestarmos atenção? O que nos convencerá de que esta terra não está levando a vida planejada por Deus?

C. S. Lewis introduziu a frase “dor, o megafone de Deus”. É uma frase apropriada, porque a dor realmente grita. Quando dou uma topada com o dedo do pé, ou torço o tornozelo, a dor avisa meu cérebro aos berros que há algo errado.

Semelhantemente, a existência do sofrimento na terra é, assim acredito, um berro a todos nós de que alguma coisa está errada. É isso que nos faz parar e examinar outros valores.

Poderíamos, como muitos fazem, acreditar que o objetivo da vida é ter conforto. Divertir-se, construir uma linda casa, empanturrar-se de boa comida, ter sexo, levar uma vida agradável. Isso seria tudo.

Mas, a presença do sofrimento complica tal filosofia. É verdadeiramente difícil acreditar que o mundo exista com essa finalidade, quando a terça parte dos seus habitantes vai para a cama com fome todas as noites. É difícil acreditar que o propósito da vida seja o divertimento, quando vemos jovens adolescentes amassados pelas estradas.

Ainda que a pessoa tente esquecer tudo e apenas aproveitar a vida, o sofrimento está presente, trazendo à lembrança quão superficial seria a vida se o mundo se resumisse apenas nas experiências individuais.

Algumas vezes sussurrando, outras vezes gritando, o sofrimento é um “clamor transcendente” de que toda a condição humana está fora do seu funcionamento normal.

Alguma coisa está errada numa vida de guerras, violências e insultos. Precisamos de auxílio. Aquele que deseja estar em paz com o mundo, que pensa que viver é o único alvo da existência, só pode alcançar a sua meta com algodão nos ouvidos; o megafone do sofrimento grita muito alto.

Foi essa espécie de Cristianismo que fez G. K. Chesterton dizer: — Filósofos modernos disseram-me repetidamente que eu estava no lugar certo; embora concordando com eles, sentia-me deprimido. Mas, tendo

ouvido que eu estava no lugar errado, a minha alma cantou de alegria, como o pássaro na primavera. Otimistas haviam-lhe informado de que este mundo é o que há de melhor, mas isso não lhe deu conforto. O Cristianismo fez-lhe sentido pelo fato de admitir livremente que este planeta é maculado e desfigurado.

Depois desta experiência, Chesterton descobriu que “o bem não é apenas um instrumento para ser usado, mas uma relíquia para ser guardada como a carga do navio naufragado de Crusoé, ainda que seja apenas um tímido sussurro de alguma coisa originalmente sábia; pois, de acordo com o Cristianismo, somos os sobreviventes de um naufrágio, a tripulação de uma nave preciosa que afundou antes do raiar deste mundo.

Mas o importante é que foi justamente isso que reverteu inteiramente a razão para otimismo, e, no instante em que a reversão é feita, sente-se um alívio semelhante ao que se sente quando um osso é recolocado no lugar. Eu tinha o hábito de chamar-me otimista, afim de evitar a blasfêmia evidente demais do pessimismo. Mas todo o otimismo do mundo é falso porque tenta provar que nós nos ajustamos ao mundo.

O otimismo cristão é baseado no fato de não nos ajustarmos ao mundo.

Pode-se culpar a doutrina cristã pela origem do sofrimento, isto é, que ele é resultante da malograda liberdade do homem, de ser fraca e insatisfatória. Pelo menos, porém, como observa Chesterton, o conceito de um mundo maravilhoso mas fracassado enquadra-se ao que conhecemos da realidade.

Algumas religiões tentam negar a existência da dor, ou elevar-se acima dela. Mas o sofrimento é compatível com a visão cristã do universo que revela ser o nosso habitat um planeta maculado.

A dor, o megafone de Deus, pode afastar-nos dele. Podemos odiar a Deus por permitir ele tal miséria. Ou, por outro lado, a dor pode levar-nos a ele. Podemos crer nele, quando diz que este mundo não é tudo o que existe, e saber que ele está preparando um lugar perfeito para aqueles que o seguirem na terra destruída pela dor.

## *Unidades de Terapia Intensiva*

Se houver dúvida quanto ao valor megafônico do sofrimento, basta visitar a U.T.I. de um hospital. Difere de todos os outros lugares do mundo. Por sua sala de espera, passa toda a espécie de gente. Alguns ricos, outros pobres. Há pessoas bonitas, feias, negras, brancas, elegantes, mal vestidas, espirituais, ateístas, funcionários e trabalhadores. A U.T.I. é o único lugar do mundo onde tais divisões não fazem a menor diferença, pois todos eles estão unidos pelo mesmo simples e terrível laço: o amor a um parente ou um amigo às portas da morte. Ali não se vê uma centelha de tensão racial. Diferenças econômicas e religiosas desaparecem.

Muitas vezes consolam-se uns aos outros, ou choram silenciosamente. Enfrentam as emoções mais profundas da vida; alguns chamam então o pastor ou o padre pela primeira vez. Só o megafone da dor é suficientemente poderoso para tornar estas pessoas humildes e fazê-las reexaminar a vida.

John Donne, poeta do século 17, passou por uma experiência de grande sofrimento. Por ter-se casado com a filha de um lorde que não aprovava o casamento, perdeu o emprego de assistente do Presidente da Câmara dos Lordes, foi separado à força de sua esposa e confinado numa masmorra. Nessa ocasião ele escreveu uma frase sucinta, que bem demonstra o seu desespero, “John Donne/Anne Donne/Undone” (União desfeita). Mais tarde, ele sofreu uma longa enfermidade que solapou a sua resistência até o ponto de quase morrer.

Durante a sua enfermidade, Donne escreveu uma coletânea de preces sobre o sofrimento, as quais fazem parte das meditações mais comoventes sobre o assunto. Numa delas faz ele a seguinte declaração: “A doença que o obriga a guardar o leito força-o a pensar na própria condição espiritual.” A afirmação é válida. Geralmente ignoramos o megafone de Deus — a dor física — que está sempre lembrando-nos de quão fracos e necessitados somos, tanto física quanto espiritualmente.

## *As Buscas de Roger*

Encontrei um exemplo bem atual do valor megafônico da dor quando entrevistei um jovem estudante do 2º grau, de dezoito anos, que trabalhava para “Busca e Salvamento”, um grupo de voluntários que atendiam a emergências externas. Roger Bowlin foi escolhido pela

equipe de salvamento de Seattle apesar de sua pouca idade, por ter aptidões atléticas extraordinárias e um bom treinamento de primeiros socorros.

Ele tinha por hábito observar o impacto da dor nas ocorrências dos fins de semana.

Semana após semana, Roger e o seu companheiro viveram experiências dilacerantes. Certa vez, escalaram uma geleira móvel na superfície do Monte Sloan, à procura de um excursionista desaparecido. Roger ouvia os sons perigosos que indicam o avanço da geleira; estrondos roucos e estalidos penetrantes como tiros de espingarda. Ele viu pequenas fissuras transformarem-se em grandes fendas de metro de largura. Retrocedendo para salvar a própria vida, os dois abandonaram a busca, e o excursionista jamais foi achado.

Em outra ocasião, Roger foi chamado para procurar uma suicida numa ilha em Puget Sound. Ela havia deixado um bilhete e desaparecido. Roger achou o corpo num pasto, atrás da casa da mulher, tendo ao lado o retrato do esposo.

Viam-se grossos rastros de sangue saídos do pulso cortado.

— Lembro-me perfeitamente de outro corpo contou-me Roger. — Ela tinha sido estuprada e jogada no rio Sound. As águas gélidas lançaram o seu corpo branco sobre um banco de areia no meio do rio. Impressionava o fato de ela estar tão branca, com a pele toda enrugada e rija. Era horrível sentir um corpo sem vida, pensar o que ela devia ter passado e que, apenas algumas horas antes, tinha sido uma pessoa normal como eu. Isto sacudiu-me terrivelmente. Senti necessidade de desabafar com amigos.

Roger então descobriu que pouquíssimas pessoas estão dispostas a falar sobre morte e tragédia. — Eu nem podia acreditar. Quase ninguém queria falar sobre a morte, como preparar-se para ela e como Deus enquadra-se nisso. As pessoas estavam dispostas a falar confortavelmente sobre o clima, roupas ou sobre futebol. Mas ninguém queria falar das coisas que são realmente importantes.

Finalmente, Roger tornou-se cristão. A visão cristã do mundo, de que é um lugar sangrento e trágico e de que nós precisamos aproximarmos de Deus, foi a única que realmente o atingiu. Atualmente ele confessa que, se não fosse pelos lúgubres efeitos das tragédias que encontrou,



jamais ter-se-ia chegado a Deus. Foi o sofrimento — não o seu, mas o de outros — que o forçou a examinar os valores da vida.

Percebeu que a sua vida estava incompleta; precisava de auxílio para reorganizá-la.

Como uma criança que se chega ao pai pedindo auxílio, Roger Voltou-se para Deus, pedindo-lhe que transformasse a sua vida. Aí está o valor megafôno do sofrimento. É uma mensagem dirigida a toda a humanidade. Será uma mensagem específica? Qual a razão do sofrimento? Analisaremos isso no próximo capítulo. Penso, porém, que Deus usa o sofrimento para levar-nos a confiar nele, como uma criança confia no seu pai. Analisando superficialmente, Deus pode parecer injusto, ou insensível aos nossos apelos de auxílio. Mas ele os ouve. Como um Pai, ele sofre conosco.

Não é fácil ser filho. Pensamos que já somos suficientemente adultos para dirigir nosso próprio mundo sem tais coisas confusas como dor e sofrimento que nos fazem lembrar da nossa dependência. Pensamos que somos suficientemente sábios para tomar nossas próprias decisões sobre moralidade; para viver corretamente sem que o megafone da dor esteja soando estridentemente em nossos ouvidos.

Estamos errados. A história do jardim do Éden prova que o homem, num mundo sem sofrimento, escolheu viver contra Deus.

Assim nós, portanto, que viemos depois de Adão, temos uma escolha. Podemos confiar em Deus, ou culpá-lo pela situação atual do mundo. Somente um Deus pessoal pode ser solicitado a prestar contas a um rebelde.

Albert Camus

O Rebelde

### *O Que Está Deus Tentando Dizer?*

Rodeado por parentes a chorar, um casal hispano-americano Achava-se sentado no cemitério de Sutter, segurando as mãos um do outro e olhando estupidamente para o esquife que continha os restos do seu filho Bobby de 17 anos. A jovem sobrinha do rapaz, em soluços desesperados, jogou-se sobre o caixão, onde seis colegas de Bobby haviam depositado cravos brancos. Na grande multidão várias pessoas choravam.

O pai sacudiu a cabeça algumas vezes como se tivesse recebido um golpe; depois, junto com a esposa, caminhou como um autômato em direção à limusine verde à frente do longo cortejo.

No cemitério a Sra. Harry Rosebrough de olhos enxutos via o filho ser sepultado. Havia morrido no dia do seu décimo sexto aniversário. Pamela Engstrom, usando um vestido de seda, azul e branco — presente da mãe — tinha morrido um dia antes do seu décimo oitavo aniversário. Entre as vítimas estavam também as gêmeas Carlene e Sharlene Engle, de 18 anos, que adoravam cantar as músicas compostas pela mãe:

“Acorde Sorrindo à Luz do Sol” e “Orgulhe-se da América”.

Depois do funeral, estacionaram a poeirenta perua Ford de Sharlene do outro lado da rua da sua casa com o aviso VENDE-SE.

Isto aconteceu na cidade de Yuba, Califórnia, em junho de 1976, onde 15.000 pessoas choraram os seus mortos. Um ônibus, com 53 componentes do Grupo Coral da escola local e a acompanhante Christina Estabrook, arrebentou 22 metros do gradil de proteção da estrada e caiu numa depressão de seis metros e meio de profundidade. Parou com as rodas para cima ainda rodando, e com o teto esmagado de encontro aos assentos.

Viam-se folhas de música coral cheias de sangue.

Alguém gritou: ó meu Deus! — na parte da frente do ônibus — soluçava Kini Kenyon, um garoto de 16 anos, cuja namorada fora morta ao seu lado. Perry Martin, de 18 anos, acrescentou: — Era tudo uma confusão de choro, gemidos, pernas e braços espalhados. — Resultado final: 29 mortos e 25 feridos.

Todos freqüentavam a mesma escola. No começo daquele ano tinham encenado “O Violinista no Telhado”. Faltavam apenas três semanas para a formatura, e muitos tinham ido ao seu primeiro baile no sábado anterior. Agora os seus amigos andavam aturdidos pela escola, parando algumas vezes desconsoladamente à janela do diretor para ler o boletim diário que informava a condição dos feridos. Karen Hess, 18 anos, presidente do Grémio Estudantil, disse: É esta a primeira vez que a maioria de nós vemos amigos íntimos morrerem.’

Revista Time, 7 de junho de 1976.

## *Por que Yuba?*

Por que não Salina, no estado de Kansas... ou Clarkston, na Geórgia ou Ridgewood, em Nova Jérsey?

Por que o conjunto vocal da escola? Por que não a banda... ou a equipe de debates... ou o time de futebol?

Por que todos aqueles vinte e nove jovens mereceram uma pavorosa morte na estrada? Estaria Deus tentando comunicar-lhes alguma coisa? Ou estaria ele dando uma lição a seus pais e amigos?

Um adolescente daquela escola não poderia evitar tais perguntas. Os passageiros que sobreviveram ao acidente, teriam de forçosamente querer saber por que estavam vivos enquanto amigos morreram. Depois de uma sangrenta tragédia como a do ônibus em Yuba, as perguntas vêm à tona, algumas amargas, outras aflitas.

Os cristãos têm grandes dificuldades em responder a essas questões. Para os que acreditam num mundo de acasos, que diferença faz um ônibus sofrer um desastre em Yuba ou em Salina? Mas, para quem acredita num mundo governado por um Deus poderoso, que ama ternamente os seus filhos, isso faz uma diferença tremenda.

Será que Deus desce à terra, torce um pouco as rodas de ônibus escolares, e fica observando-os ricochetearem de encontro à mureta? Será que ele traça a lápis vermelho um risco através do mapa do estado de Indiana planejando o caminho exato a ser tomado por um ciclone? Ali, atinja aquela casa, mate aquela criança de seis anos, mas suba agora e não atinja a casa próxima. Será que Deus interfere nessas coisas terrenas, brincando com as ondas do mar, com os terremotos e com os furacões... esmagando os homens como se fossem tocos de cigarros? É assim que ele nos recompensa e pune, a nós, suas vítimas indefesas?

Pode parecer sacrilégio formular tais perguntas. Mas, elas têm obcecado, não somente a mim, mas também a cristãos conhecidos meus. E estas perguntas têm ne sido atiradas, como lanças, por amigos escarnecedores.

Que Deus fala à raça humana em geral usando o megafone da dor é um fato. A dor, porém, jamais chega de forma genérica, mas como um golpe de direção certa. E, assim, fico a imaginar: o que estará Deus tentando dizer-me com esta garganta inflamada? Com a morte do meu

amigo? É ele o responsável? Terá ele uma mensagem específica para mim, ou para os sobreviventes de Yuba?

A dor tem valor como proteção aos nossos corpos. Quase todos admitem isso. O sofrimento tem até mesmo valor moral ao salientar a nossa condição carente e temporária no Planeta Maculado; pelo menos, a maioria dos cristãos aceita isso.

Entretanto, a maior parte da confusão mental sobre dor e sofrimento depende, assim penso, do problema da causa. Se Deus está mesmo no comando, ligado de algum modo ao sofrimento do mundo, por que é ele tão extravagante e tão injusto? Será ele um sadista cósmico que se deleita em ver-nos sofrer?

Num banquete, sentei-me ao lado de uma pessoa que se referiu a um terremoto na América do Sul.

— Sabia que nesse terremoto morreu uma porcentagem menor de cristãos do que de não-cristãos? perguntou ele com absoluta sinceridade.

Eu fiquei a cogitar sobre os cristãos que foram mortos. O que teriam eles feito para serem jogados na área perigosa com os pagãos vulneráveis? E fiquei a pensar sobre essa afirmação presunçosa de que Deus teria poupado grande parte dos cristãos, como se fosse uma contagem de pontos no Coliseu Romano: Cristãos 4, Gladiadores 3.

Como é que Deus se ajusta neste mundo que ele criou para nós? Será que ele paira sobre nós, interferindo de vez em quando a fim de quebrar um braço, causar uma morte trágica, desencadear uma inundação? Ou será que ele silenciosamente deixa o mundo atolar-se sozinho, em guerras, tragédias e histórias violentas?

### *O Que Diz a Bíblia?*

Se procurarmos na Bíblia uma resposta para a pergunta: “Quem fez isso?”, encontraremos respostas variadas. Um exame superficial do Antigo Testamento parece indicar que Deus realmente interveio de maneira sistemática na história. Na maioria das vezes ele o fez por razões baseadas no princípio de recompensar o bom e punir o perverso. Em algumas ocasiões, ele usou o sofrimento, chegando mesmo a fazer com que pessoas morressem. Fez com que exércitos perdessem batalhas, apenas para ensinar-lhes uma lição.

Os livros dos profetas estão cheios de advertências com respeito ao sofrimento. Mas, numa leitura mais atenta, veremos que sempre que uma situação adversa era predita, apresentava-se antes uma lista de pecados causadores dessa desgraça. Amós retratou todos os gritantes pecados dos vizinhos pagãos de Israel antes de pronunciar o julgamento de Deus sobre eles. Jeremias, Habacuque, Oséias, Ezequiel — todos eles registraram listas detalhadas de pecados e iniquidades que levaram Israel à punição. E a única esperança de que Deus pudesse deixar de punir, era sempre condicionada ao arrependimento. Se Israel se arrependesse e se voltasse para Deus, sua mão seria detida. Se Israel continuasse em rebelião, sua mão se abateria sobre o povo.

Deste modo, o julgamento vinha diretamente de Deus, mas não era injusto nem extravagante. Era consistente, e só era desencadeado depois de multa advertência.

Os Salmos também estão cheios de promessas de recompensa e punição. Davi suplicou a Deus ansiosamente para que punisse os seus inimigos pela injustiça deles e recompensasse sua própria fidelidade.

(Muitas explicações têm sido dadas para justificar por que o Antigo Testamento apresenta tão repetidamente a filosofia: “O bem será recompensado e o mal será punido.” Dizem alguns que isso era necessário para que fossem atingidos os objetivos de Deus no Antigo Testamento. Deus preparava uma nação para si, que sobressaísse em contraste com as outras; um povo selecionado para dele vir o Messias. Para tanto, estava ativamente envolvido nos acontecimentos históricos.

Certamente, o plano de longo alcance de Deus era a redenção do mundo através de Cristo. Mas, para que tal plano fosse realizado, Deus necessitava estabelecer uma frente de retidão e justiça. Quando Israel se rebelava contra esse plano, ele punia.)

Generalizando, o Antigo Testamento apresenta a concepção de um Deus que raramente intervinha. Embora fizesse milagres e mudasse por vezes a ordem natural do mundo, assim o fazia com um propósito específico, e depois de considerável advertência. As suas intervenções, entretanto, eram exceção, e não a regra. Basta ler a história sangrenta dos homens de Deus e dos profetas perseguidos para se perceber esta afirmação. O novo Testamento, porém, parece afastar-se do padrão recompensa/punição, possivelmente por causa da mudança da maneira de Deus agir no mundo.

## *Deus na Terra*

Com a vinda de Jesus, aconteceu algo de inédito e inescrutável. Deus entrou inteiramente na história humana.

Não mais interferia de fora. Repentinamente passou a residir no corpo de um ser humano do planeta Terra. Que efeito teve esse fato sobre o plano? O que fez ele na terra? Jesus realizou milagres sobrenaturais, e nenhum deles como punição. Geralmente ele os fazia a fim de ilustrar alguma verdade profunda. O Evangelho de São João chama-os de “sinais”.

Algumas vezes, Jesus parecia relutante em intervir, dizendo a seus seguidores que os sinais eram realizados apenas porque eles tinham necessidade deles. Muitas vezes, ele pediu aos discípulos que não divulgassem seus milagres, que silenciassem.

Houve ocasiões em que Jesus deliberadamente escolheu não intervir na ordem natural das coisas. Por exemplo, ele resolveu não chamar os anjos do céu para livrá-lo da sua hora mais amarga, antes da morte.

Estaria Jesus tentando dizer-nos que não é bom Deus intervir em nosso viver diário? O reino do céu, justamente o que há de mais importante na vida, é um reino espiritual a ser formado dentro do coração e da mente do homem? Que o poder de Deus não deve ser apresentado ao mundo de maneira espetacular?

Qual foi a atitude de Jesus para com a pergunta:

Quem é responsável pelo sofrimento? — Aqui, novamente, há diversas respostas. Em Lucas 13:16, por exemplo, ele declarou que Satanás foi a causa do sofrimento de uma mulher presa à doença por dezoito anos. No mesmo capítulo, entretanto, Jesus desviou-se desse princípio. Alguém o informou de uma atrocidade: Pilatos, o governador romano, assassinara judeus que ofereciam sacrifícios a Deus no templo. Jesus voltando-se, disse: — Pensais que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus? — E referiu-se também a outra tragédia da época: a morte de dezoito homens com a queda da torre de Siloé, fazendo então a mesma pergunta. Na realidade, Jesus estava sugerindo que esses homens nada tinham feito de extraordinário que merecessem tal destino. Eram iguais aos outros homens, Talvez a

torre tivesse caído apenas por ter sido mal feita. (Acho que Jesus responderia semelhantemente se interpelado acerca da tragédia de Yuba: — Vocês acham que eles eram mais pecadores do que os outros adolescentes? — Talvez o desastre tivesse tido por única causa um erro do motorista ou uma falha mecânica.)

Em João 9, Jesus refuta a clássica explicação do sofrimento.

Seus seguidores apontaram para um homem, cego de nascença.

Alardeando piedade falsa, perguntaram: — Quem pecou, este homem ou os seus pais? — Jesus respondeu claramente: — Nem ele nem seus pais... — Deus, com essa doença, não estava “punindo” o homem nem sua família como pensavam os discípulos.

### *É Deus a Causa?*

Por causa de sugestões bíblicas como estas, duvido da afirmativa de que Deus causa diretamente o sofrimento para dar-nos lições específicas. Ele permite a existência do sofrimento, o qual como seu megafone pode ser útil para finalidades morais. Mas não posso acreditar que ele imponha a dor com um propósito específico.

Assisti certa vez à cerimônia fúnebre de uma garota de dez anos morta num acidente de carro. A mãe, chorando, dizia:

— O Senhor levou-a para junto de si. Ele deve ter tido algum motivo, Obrigada, Senhor!

Tenho conhecido cristãos que, ao ficarem doentes, atormentam-se com a pergunta: — O que está Deus tentando ensinar-me? — ou — Como posso aumentar a minha fé para ficar livre dessa doença? Como fazer para que Deus me liberte?

É provável que este raciocínio esteja errado. Talvez Deus não esteja tentando dizer-nos coisa específica alguma, todas as vezes que sofremos. Dor e sofrimento são partes inerentes do nosso planeta, e os cristãos não estão isentos delas. Na metade das vezes sabemos por que estamos doentes: pouco exercício, dieta inadequada, contato com germes. Será que realmente esperamos que Deus esteja sempre protegendo-nos onde quer que encontremos algo de perigoso?

A Bíblia não esclarece a questão. Algumas vezes Deus causou sofrimento por uma razão específica, geralmente como advertência. Algumas vezes o sofrimento foi causado por Satanás. Em outros casos, como no desastre de Siloé apresentado por Jesus, Deus não estava enviando mensagem alguma. Mas, há uma passagem na Bíblia que trata do sofrimento, passagem esta que trata exaustivamente do assunto, e que contém uma mensagem inequívoca. Vem no livro de Jó, bem no meio do Antigo Testamento.

Jó foi um homem reto, um homem espiritual. Amava a Deus de todo o coração. Notavelmente, Deus o usou como um exemplo para provar a Satanás que os seres humanos podem ser fiéis.

Se havia um homem que não merecesse sofrer pelos seus atos, esse seria Jó.

O que aconteceu, porém? Incrivelmente, Jó sofreu uma série de calamidades e desgraças injustas. Assaltantes, fogo, bandidos, e depois um forte vento derrubou a casa matando todos os seus filhos. Da sua grande família e inúmeras riquezas só restou a esposa, que lhe foi de pouca valia!

Num segundo ataque, apareceram-lhe tumores dolorosos por todo o corpo. Em questão de horas, a sua vida tornou-se um fracasso. Todos os terrores do inferno caíram sobre ele.

Jó coçava-se e gemia. Esse sofrimento extraordinário não combinava com a sua crença em um Deus amoroso e justo.

Nessa situação, Jó e seus três amigos discutiam o mistério do sofrimento. Cada um dos seus amigos deitou erudição. Em resumo, seus argumentos eram praticamente os mesmos. — Jó, Deus está tentando dizer-lhe algo. Seu sofrimento tem sido enorme, e deve haver uma razão. O único motivo lógico é que Deus está zangado com algum pecado seu. Portanto, confesse sua falta, e Deus aliviará o seu sofrimento. — A outra opção foi dada a Jó por sua esposa: — Amaldiçoa a Deus e morre.

Nenhuma delas foi aceita. Jó sabia que o que havia acontecido não correspondia à justiça. Em desespero total, ele chegou mesmo a pensar que Deus fosse sádico, que “ri do desespero do inocente” (Jó 9:23).

Qual a resposta para Jó? As falas dos seus três amigos pareciam suspeitas como acontece com a fala da maioria dos cristãos nos nossos



dias. Não há defesa do sofrimento, encontrada neste livro ou em outro qualquer, que já não esteja contida na conversa daqueles três amigos de Jó.

Pareciam homens devotos e reverentes. Pois, mesmo assim, Deus os repreendeu por suas palavras loucas.

Jó não quis aceitar os argumentos convincentes dos amigos por diversas razões. Sabendo no seu coração que ele era reto e não merecia castigo, Jó mantinha a sua posição apesar de golpes como: —É você mais reto do que Deus? — Jó também observou que nem sempre o mal e o bem são punidos e recompensados nesta vida. Há ladrões que prosperam, enquanto alguns homens realmente santos levam uma vida pobre e sofrida.

### *Liberdade Dolorosa*

Jó também sugeriu um argumento que me parece ter silenciado seus três amigos: a doutrina do livre-arbítrio.

Freqüentemente desejamos que cada pessoa “receba o que merece”. Imaginemos um mundo em que cada punição por pecado cometido viesse tão rapidamente como a dor física. Se pusermos a mão no fogo, seremos imediatamente punidos com uma advertência de dor. Como seria este mundo, se fôssemos punidos sempre e imediatamente pelos pecados que cometemos?

Todos saberiam claramente o que Deus esperava deles. Se lhe obedecessem, sentir-se-iam bem e seriam recompensados, tal como uma foca que recebe um peixe pelo seu bom desempenho.

Se lhe desobedecessem, receberiam um choque elétrico. Que mundo justo e uniforme não seria!

Há, entretanto, uma enorme falha nesse mundo organizado e certo. Não seria absolutamente o que Deus quer realizar aqui na terra. Não haveria liberdade nesse mundo. Agiríamos corretamente por causa dos nossos interesses imediatos. A bondade seria contaminada por motivos egoístas. Nós apenas o amaríamos por causa de uma necessidade inata e programada, e não por causa de uma escolha deliberada em face de alternativas atraentes.

Seria o mundo autômato de B. F. Skinner, ação/reação,

ação/reação. Em contraste, o caráter cristão descrito na Bíblia revela-se quando a nossa escolha recai sobre Deus e seus caminhos, apesar de tentações e impulsos de agirmos de outra maneira. Conforme as palavras de John Wenham, “A maior virtude não pede recompensa que não o conhecimento de estar procedendo conforme à vontade de Deus. É evidente de que apenas haverá virtude, se as ações não forem condicionadas a recompensas e sofrimentos. Agir corretamente apenas por que é o certo não seria possível se a ação fosse imediatamente recompensada e a escolha não nos custasse coisa alguma..

É o desejo de Deus que nós o amemos por nossa livre e espontânea vontade, embora tal escolha nos traga sofrimento, por estarmos submissos a ele, e não aos nossos próprios sentimentos e a recompensas. É de sua vontade que permaneçamos fiéis a ele, mesmo quando temos todos os motivos para renegá-lo violentamente.

É esta a mensagem de Jó. Satanás desafiou a Deus com a acusação de que os seres humanos não são verdadeiramente livres, porque Deus havia recompensado Jó ricamente; portanto, ele só poderia ser-lhe fiel. Estava Jó sendo fiel apenas porque Deus lhe havia proporcionado uma vida próspera? Ficou provado que não. Jó é um eterno exemplo de alguém que permanece fiel a Deus, mesmo quando o seu mundo desmorona ou quando parece que Deus se voltou contra ele. Jó apegou-se à justiça de Deus quando, aparentemente, ele era o melhor exemplo da pretensa injustiça de Deus. Ele não procurou o doador por causa das suas dádivas; quando todas as dádivas foram removidas ele ainda procurou o doador.

E, assim, até mesmo no Antigo Testamento onde o sofrimento é tantas vezes identificado com a punição de Deus, o exemplo maravilhoso de Jó sobressai. Ele suportou um sofrimento que não merecia, fato que demonstra estar Deus profundamente interessado num amor oferecido com liberdade.

### *Livre, Não Preso*

É uma verdade difícil de compreender; grandes inteligências têm tropeçado nela. C. G. Jung seguiu estranhos raciocínios para explicar o comportamento de Deus no livro de Jó. Chegou a ensinar que a encarnação e a morte de Jesus eram o resultado do seu sentimento de culpa pelo modo de tratar Jó.

Achava Jung que Deus habitou o mundo em Jesus para que pudesse desenvolver a sua consciência moral.

Jung subestimou o valor que Deus dá ao amor oferecido por Livre-arbítrio. Era tão importante para Deus uma reação de fidelidade da parte de Jó, que permitiu a ocorrência de uma injustiça. É tão importante para Deus que lhe ofereçamos o nosso amor por livre e espontânea vontade, que ele permite que o nosso planeta seja uma úlcera do mal no seu universo, isso durante algum tempo.

E será que Deus se afasta de nós tranqüilamente, deixando-nos sofrer? Não. Ele, o Senhor de todos os tempos, infinito e eterno, pôde ver desde o começo a saliva cuspidada em sua face, pôde sentir a madeira áspera ferindo as suas costas ensangüentadas, pôde ouvir a zombaria da multidão escarnecedora. A nossa submissão, dada livremente a Deus, custou tudo isso; é-lhe, portanto, de enorme valor.

A Bíblia volta a falar do relacionamento de Deus com seus filhos, mediante uma interessante analogia. Deus, o noivo, é apresentado cortejando a noiva. Ele quer o seu amor. Se o mundo fosse construído de maneira que cada pecado fosse punido com sofrimento e cada atitude correta fosse recompensada com prazer, a analogia não subsistiria. Para tal situação, a analogia teria de ser de uma mulher presa, que foi comprada, despojada de sua liberdade, e trancada à chave num quarto para que o seu senhor tivesse a certeza de encontrá-la ao retornar. Deus não “prende” sua igreja para seu próprio prazer. Ele nos ama, dá-se a nós, e espera ansiosamente por nossa livre reação.

Em resumo, o livro de Jó acaba de vez com a idéia de que todas as vezes que sofremos é porque Deus nos está punindo ou tentando ensinar-nos algo específico. Não foi o caso de Jó, que, acima de tudo, não merecia tal sofrimento. Embora seja verdade que às vezes Deus manda o sofrimento como castigo (como as dez pragas do Egito), mas não se pode argumentar com os fatos passados, como o fizeram os amigos de Jó, e presumir que cada sofrimento esteja ligado a uma falha específica. Foi o próprio Deus quem contestou as acusações deles.

### *Combate à Peste e aos Tornados*

Seria uma tragédia se a Bíblia não negasse radicalmente a teoria de que todo o sofrimento está relacionado com nossos pecados, se o dilema de Jó não tivesse sido pintado em pinceladas tão universais e

arrebatadoras. Pois, se aceitássemos que todo o sofrimento e toda a dor vem de Deus como uma lição para nós (como, por exemplo, acontece com o islamismo), o próximo raciocínio lógico seria um fatalismo resignado. Como poderia uma pessoa batalhar contra a poliomielite, cólera, malária, peste, febre amarela, se estas doenças fossem agentes de Deus? Não estariam sendo mandadas para ensinar-nos uma lição?

A igreja cristã tem, realmente, errado ao aceitar essa doutrina e escritores leigos têm explorado nossa fraqueza com muita perspicácia. Em seu romance *A Peste*, Albert Camus apresenta um padre católico, Padre Paneloux, dividido por um paradoxo. Deveria ele devotar a sua energia ao combate da peste, ou ensinar os seus paroquianos a aceitá-la como sendo de Deus? Num sermão, ele chegou à seguinte conclusão:

“Realmente, a agonia de uma criança era humilhante para o coração e para a mente. Mas, era por essa mesma razão que precisávamos aceitar o fato. E era também por isso que — e aqui Paneloux garantia aos seus paroquianos que não lhe era fácil dizer isso — sendo da vontade de Deus, precisava ser também da nossa vontade. Somente os cristãos podiam enfrentar tal problema honestamente... Precisamos ir ao âmago daquilo que é inaceitável, justamente porque é assim que somos constrangidos a fazer a nossa escolha. O sofrimento de crianças era o nosso pão de aflição, mas sem este pão nossa alma morreria de fome espiritual.”

Há anos, dois pesquisadores da Universidade de Chicago e da Universidade do Sul de Illinois estudaram vítimas de tornados nos Estados Unidos. Descobriram que os sulistas (Alabama) sofriam uma porcentagem maior de mortes por causa dos tornados do que os habitantes do centro-oeste Illinois), mesmo levando em consideração fatores como as diferenças de material de construção. Depois de profunda investigação, os pesquisadores concluíram que os sulistas, sendo mais religiosos, tinham desenvolvido uma atitude fatalista em relação ao desastre. — Se o tornado tiver de vir, que venha; nada posso fazer para impedi-lo. Os do centro-oeste, entretanto, ouviam as reportagens sobre a previsão do tempo, guardavam bem o equipamento solto e dirigiam-se a um lugar seguro até que o tornado passasse.

“Os de Alabama estavam muito mais inclinados a aceitar as forças externas que controlam nossa vida. Achavam que Deus estava ativamente envolvido nas suas vidas, em vez de o aceitarem como uma presença benevolente mas sem interferência direta.

“Os de Illinois tinham a tendência de acreditar na tecnologia para ajudá-los a enfrentar a natureza. Mas cada pessoa de Alabama agia de per si e enfrentava o tufão, sozinho com o seu Deus.”<sup>6</sup>

Se estas conclusões forem realmente exatas, aceito este fato como uma perigosa perversão do dogma cristão. O sofrimento não é um ato direto de Deus que precisamos aceitar como um castigo. Alabama devia ouvir a previsão do tempo. O Padre Paneloux devia estar nas linhas de frente, combatendo a peste. O próprio Jesus passou a vida na terra combatendo a doença e o desespero. Ele jamais sugeriu uma aceitação resignada ou fatalista do sofrimento. Como habitantes de um planeta maculado, temos o direito, até mesmo a obrigação, de combater os efeitos negativos da queda do homem.

### *Os Distintivos do Mérito Cristão*

Assim como uma vida perversa nem sempre traz sofrimento, uma vida virtuosa nem sempre isenta-nos de dores cruéis. Na realidade, a Bíblia, especialmente o Novo Testamento, pouco encoraja aqueles que se engajam no Cristianismo para deleitar-se com o sol e a paz de um mundo menos doloroso. A parte do cristão, nesta vida, é apresentada em termos assustadores. As epístolas de Tiago, Pedro e aos Hebreus advertem aos cristãos para estarem preparados para o sofrimento. E entre o número dos fiéis vitoriosos descritos em Hebreus 11 estão aqueles que foram torturados até a morte, açotados, acorrentados, apedrejados e estiveram famintos no deserto.

Alguns cristãos, principalmente aqueles que enfatizam as milagrosas curas de Deus, ficam perplexos ao lerem na Bíblia alguns conceitos que não se enquadram facilmente com as suas crenças. — Por que Deus não interveio mais vezes na Bíblia?

Por que ele não cura todos os cristãos agora? — eles perguntam.

Essa indagação decorre de uma tendência oculta vinda do desejo de evitar a dor a qualquer custo. Parece que reservamos os nossos mais vistosos distintivos de mérito para aqueles que foram curados, apresentando-os em artigos de revista e em especiais de televisão; isso faz com que as pessoas que não foram curadas sintam-se como se Deus não tivesse se interessado por elas. Fazemos com que a fé seja, não uma atitude de confiança em algo que não se vê, mas um caminho para se conseguir algo a ser visto, alguma coisa mágica ou estupenda, como um milagre ou

dádiva sobrenatural.

A fé inclui o sobrenatural, mas também inclui a confiança diária, dependente, apesar dos resultados. A fé verdadeira é aquela que acredita sem provas sólidas, a convicção de fatos que se não vêem, a substância das coisas esperadas. Deus não é apenas um mágico.

Vi recentemente um programa de testemunhos de cura na televisão. Os aplausos maiores vieram quando alguém contou que a sua perna foi curada justamente uma semana antes da data marcada para amputação. A audiência gritava de entusiasmo, e o apresentador do programa declarou: — Este é o melhor milagre da noite. — Não pude deixar de pensar naqueles que tinham tido seus membros amputados; deviam estar pensando tristemente por que havia a sua fé falhado.

Uma pessoa doente não é necessariamente sem espiritualidade.

A Bíblia não declara que o cristão deverá ter uma vida mais fácil, mais livre de germes, ou mais segura do que os não-cristãos.

As leis naturais que regem este planeta são, em conjunto, boas leis que se ajustam ao plano de Deus para homens e mulheres. Tornando-nos cristãos, isso não nos fornece uma cápsula espacial hermeticamente fechada, livre de germes para ficarmos protegidos dos males da terra.

Se Deus impedisse todas as tragédias que envolvessem cristãos, isso nos isolaria de tal maneira que não mais teríamos identificação com o mundo. Paulo pediu que “um espinho da sua carne fosse removido”, mas Deus recusou-se a atendê-lo. Como resultado, um número incontável de cristãos têm uma profunda identificação com Paulo; para eles, Paulo tornou-se mais humano. Eles o vêem lutando, vivendo o princípio que ensina, que a graça de Deus é suficiente.

### *Formação da Alma*

Leslie D. Weatherhead, um autor inglês do começo do século, teve sérias dificuldades com a seguinte pergunta: — Por que não remove Deus da minha vida o sofrimento? — Para uma compreensão melhor ele usou uma analogia humana. Pense num homem muito forte, cuja esposa está sempre queixando-se de doenças. O homem começa a ajudá-la a andar. Ela continua queixando-se, e ele passa a carregá-la para onde quer que ela precise ir. Em pouco tempo, ela estará completamente inválida; não

poderá mais dar nem um passo; dependerá dele para tudo. Nesse caso, teria sido bem melhor para a mulher que o marido não a tivesse ajudado, deixado que ela cambaleasse, por mais dor que sentisse, e assim aprendesse a andar sozinha.’ Semelhantemente, deixando Jó sem auxílio no meio da dor e da aflição, sem, o benefício de respostas confortantes, Deus permitiu que ele adquirisse nova força.

O que Deus deseja deste mundo? Está claro que ele não pretende que este mundo seja um paraíso hedonístico. Mas se a nossa felicidade não é o objetivo de Deus, qual será?

Afinal, por que ele se incomoda com o nosso mundo?

Alguns agnósticos, que não conseguem entender por que Deus permite o sofrimento, começam por supor que o homem é um ser completo que necessita de um ambiente adequado. Nessas condições, querem um mundo livre da dor no qual o homem amadurecido possa perambular. Mas, o que acontece, conforme declaração do professor John Hick no seu livro *Filosofia da Religião*, ‘Deus está lidando com criaturas incompletas. O ambiente da terra deve promover o processo da “formação da alma”, no qual seres livres escolhem tornarem-se filhos de Deus. São as arestas difíceis do nosso mundo que permitem esse processo de luta e confronto.

Já vimos as vantagens de um mundo com leis fixas e que permite a liberdade humana, embora os seres humanos possam abusar da liberdade e ferir ou prejudicar uns aos outros.

John Hick continua com a imagem utópica e alega que um mundo livre de erros iria certamente abortar os planos de Deus para a humanidade.

Suponhamos, ao contrário da realidade, que este mundo fosse um paraíso do qual fosse excluída toda e qualquer possibilidade de dor e sofrimento. As conseqüências seriam de longo alcance. Por exemplo, ninguém jamais magoaria qualquer pessoa; a faca do assassino viraria papel, ou as balas do seu revólver tornar-se-iam em ar; o cofre do banco, do qual tivessem roubado bilhões de reais, encher-se-ia novamente, de maneira miraculosa, com outros bilhões (o que viria a ser altamente inflacionário); fraude, trapaça, conspiração e traição não atingiriam a sociedade. Do mesmo modo, ninguém jamais sofreria qualquer acidente: o montanhista, o operário de obras, ou uma criança caindo do alto de um prédio, todos flutuariam incólumes até o chão; o motorista imprudente jamais sofreria desastre. Não haveria necessidade de administração;



ninguém precisaria preocupar-se com outros em tempos de necessidade ou perigo, porque em tal mundo não haveria necessidades ou perigos reais.

Para tornar possível essa contínua série de ajustes individuais, a natureza precisaria elaborar “providências especiais” em vez de funcionar normalmente de acordo com leis gerais e fixas, as quais os homens precisam aprender a respeitar sob pena de dor ou morte. As leis da natureza teriam de ser extremamente flexíveis: algumas vezes a lei da gravidade funcionaria, outras, não; algumas vezes os objetos seriam resistentes e sólidos, outras vezes, macios . . .

Pode-se tentar imaginar tal mundo. É claro que nossos atuais conceitos éticos não significariam nada. Se, por exemplo, a noção de ferir alguém é elemento essencial no conceito de uma ação nefasta, no nosso paraíso hedonista não haveria ações nefastas, nem tampouco ações retas em contraste com as nefastas. Coragem e energia não teriam lugar num ambiente em que, por Definição, não houvesse perigo nem dificuldade.

Generosidade, bondade, amor desinteressado, prudência, altruísmo, e todas as outras noções éticas que fazem parte de uma vida ideal, não poderiam existir. Conseqüentemente, tal mundo, por mais prazer que oferecesse, estaria mal equipado para o desenvolvimento das qualidades morais da personalidade humana. Quanto a este objetivo, seria o pior de todos os mundos possíveis.

Parece, então, que um lugar apropriado para fazer frente ao crescimento de seres livres, possuidores de ótimo caráter, precisa ter muito em comum com o mundo em que vivemos. É necessário que esse mundo funcione de acordo com leis gerais e fixas; é necessário, também, envolver perigos reais, dificuldades, problemas, obstáculos, e possibilidades de dor, fracasso, tristeza, frustração e derrota. Se não contivesse as provações e perigos que contém — mesmo não contando com a enorme contribuição que o próprio homem acrescenta — ele teria de ter outras provações e perigos no lugar destes.

É perfeitamente compreensível que este mundo, com todas as suas “dores de cabeça e com os milhares de choques naturais”, num ambiente tão notoriamente planejado para que não haja o máximo de prazer nem o mínimo de sofrimento, está muito bem adaptado para um propósito bem diferente, isto é, o da ‘formação da alma’.

De certo modo, seria mais fácil para Deus interferir, ter fé em nosso



lugar, e ajudar-nos de maneiras extraordinárias. Mas ele preferiu colocar-se diante de nós, com os braços estendidos amorosamente, enquanto nos pede que andemos, que participemos da formação da nossa própria alma; e este processo envolve dor.

C. S. Lewis desenvolve esta idéia de maneira muito poética no seu livro o Problema da Dor, onde ele diz:

Não é um pai que queremos no céu, mas um avô, cujo plano para o universo tivesse sido tal, que se pudesse dizer ao fim de cada dia: — Todos tiveram um dia maravilhoso.

Eu gostaria muito de viver num universo regido por essas leis, mas, já que isso não acontece, e eu tenho motivos para crer que Deus é amor, concluo que o meu conceito de amor precisa ser corrigido . . .

“O problema de reconciliar o sofrimento humano com a existência de um Deus amoroso somente é insolúvel enquanto damos um significado trivial à palavra “amor”, e limitamos a sabedoria de Deus pelo que nos parece ser sensato.”

Desenhando para apenas divertir uma criança, um artista pode deixar de se ater à perfeição; não exigirá de si mesmo perfeição absoluta. Mas, ao fazer um quadro, que pode ser o melhor da sua vida, — obra na qual ele põe todo o seu amor, embora de um modo diferente, mas tão intenso quanto o amor de um homem por uma mulher, ou da mãe pelo filho — ele não medirá esforços para fazê-lo perfeito, mesmo que isso fosse sentido pelo quadro, se este fosse um ser vivente. Pode-se imaginar um quadro que pudesse sentir todas as vezes que a pintura fosse apagada, raspada e recomeçada pela décima vez; provavelmente, o quadro desejaria que fosse apenas um leve esboço e que terminasse num minuto. Do mesmo modo, é natural que desejemos que Deus tivesse planejado para nós um destino menos glorioso e menos árduo; mas, então, estaríamos desejando menos e não mais. pode ser perigoso e talvez até mesmo não-bíblico torturarmos-nos procurando sua mensagem no sofrimento que nos atinge. A mensagem pode ser simplesmente que vivemos num mundo de leis fixas, como todos os outros.

Mas, de um ponto de vista mais amplo, através da história, Deus está realmente falando-nos por intermédio da dor, ou, quem sabe, apesar da dor. Ele pode usá-la para tornar-nos cômicos dele. A sinfonia que ele está compondo inclui acordes menores, dissonâncias e cansativas fugas. Mas aqueles que o seguem, que estão em harmonia com o Maestro

em todos estes movimentos iniciais, um dia irromperão com energia renovada numa melodia final.

## Segunda Parte

---

### Como As Pessoas Reagem A Dor Extrema

Ele só pode ser revelado à criança; revelado com perfeição apenas à criança cheia de pureza. Toda a disciplina existente no mundo tem por finalidade transformar os homens em crianças, para que Deus possa ser revelado a eles.

George MacDonald

### *Fundamentos da Vida*

#### Braços Curtos Demais Para Lutar Com Deus

Digamos que você esteja deitado num leito de hospital; sua vida sendo mantida por meio de tubos de plástico presos ao seu braço e ao seu nariz. Tudo o que você possuía foi destruído numa grande catástrofe. Sua família desapareceu, ninguém vem visitá-lo. Todo o fruto do seu trabalho — casa, carro, poupança — tudo desapareceu para sempre. Até a sua vida está em perigo.

Você passa pelos estágios normais de contestação, com um toque de amargura. Se ao menos Deus tivesse um contato direto comigo e me desse as respostas, você diz a si próprio. Eu quero crer nele, mas como? Nada do que aconteceu combina com o que sei a respeito de um Deus amoroso. Se ao menos eu pudesse vê-lo uma vez e ouvi-lo declarar suas razões por me colocar nessa situação, seria mais fácil.

Houve uma pessoa, em situação muito semelhante à descrita acima, que viu seu desejo satisfeito. Jó, o protótipo do sofrimento, recebeu uma visita pessoal de Deus, cuja voz lhe veio de um redemoinho de vento. A resposta a Jó é o discurso mais longo atribuído a Deus nas Escrituras. E por

ser a obra mais completa sobre o sofrimento, existente na Bíblia, ele merece ser atentamente estudado. Talvez Deus tenha colocado ali as palavras que ele nos diria pessoalmente nas horas de grande sofrimento.

Pense no cenário. Que poderia Deus dizer a Jó?

Poderia ter amorosamente colocado a sua mão sobre a cabeça dele dizendo-lhe o quanto a sua personalidade cresceria naqueles dias de provação. Poder-lhe-ia ter revelado o seu acordo com Satanás, enfatizando o fato de quão importante era Jó permanecer fiel. Poderia ter feito uma preleção sobre o valor do sofrimento e da dor, alertando-o de quanto seria pior se ele sofresse do mal de Hansen!

### *Uma Lição da Natureza*

Deus não fez nada disso. Em palavras que poderiam ser dirigidas até mesmo a um clube ou a uma sociedade filosófica, Deus simplesmente lembrou a Jó todas as maravilhas da natureza. Essas palavras tremendamente profundas e majestosas são, muitas vezes, citadas pela poesia que encerram, mas os leitores freqüentemente esquecem o contexto em que Jó as ouviu: sem lar, sem amigos, nu, cheio de úlceras, em desespero. Bela hora para apreciar a natureza!

Perante uma audiência deprimida, Deus desencadeou inéditas salvas de regozijo divino. Fez com que fossem lembrados:

— o nascer do sol:

“Acaso desde que começaram os teus dias deste ordem à madrugada, ou fizeste a alva saber o seu lugar?”

— a neve:

“Acaso entraste nos depósitos da neve, e viste os tesouros da saraiva?”

— o temporal com relâmpagos e trovões:

“Quem abriu o caminho para os relâmpagos...? Podes levantar a tua voz até às nuvens, para que a abundância das águas te cubra? Ou ordenarás aos relâmpagos que saiam, e te digam: Eis-nos aqui?”

— a leoa:

“Caçarás, porventura, a presa para a leoa? Ou saciarás a fome dos leõezinhos, quando se agacham nos covis, e estão à espreita nas covas?”

— as cabras monteses:

“Sabes tu o tempo em que as cabras monteses têm os filhos?”

—o jumento selvagem:

“Quem despediu livre o jumento selvagem, e quem soltou as prisões ao asno veloz, ao qual dei o ermo por casa, e a terra salgada por moradas?”

— a avestruz:

“Deus lhe negou sabedoria, e não lhe deu entendimento; mas quando de um salto se levanta para correr, ri-se do cavalo e do cavaleiro.”

— o cavalo:

“Dás tu força ao cavalo, ou revestirás o seu pescoço de crinas? Acaso o fazes pular como ao gafanhoto? Terrível é o fogoso respirar das suas ventas!” (Jó 38, 39).

Leoas caçadoras, águias que voam nas alturas, coriscos e relâmpagos, crocodilos, boi selvagem . . . Deus referiu-se a cada um deles com a alegria de um artista satisfeito com o seu trabalho.

Depois de cada descrição, Deus perguntou ou sugeriu a Jó: — Tens poder para repetir tais proezas? Tens inteligência bastante para reger o mundo? — Deus até mesmo empregou o sarcasmo no capítulo 38, versículo 21: “Tu o sabes, porque nesse tempo eras nascido, e porque é grande o número dos teus dias!”

As palavras de Deus derrubaram Jó com poder devastador. Deus ordenou: “Cinge agora os teus lombos como homem; eu te perguntarei, e tu me responderás.

Acaso anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares? Ou tens braço como Deus, ou podes trovejar com a voz como ele o faz?” (40:7-9).

A resposta de Jó foi uma submissão acabrunhadora e penitente: “Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado.

Quem é aquele, como disseste, que sem conhecimento encobre o conselho? Na verdade falei do que não entendia; coisas maravilhosas demais para mim, coisas que eu não conhecia” (42:2, 3).

Será que Deus responde à pergunta sobre o sofrimento no livro de Jó? Não diretamente. Ele evita uma explicação lógica e detalhada. Por que, então, a tônica acusatória? O que Deus queria de Jó?

Simplesmente a sua confiança. Se nós, como Jó, somos tão ignorantes acerca do mundo no qual vivemos, um mundo que podemos ver e tocar ... quem somos nós para julgar o governo moral de Deus sobre o universo?

Enquanto não formos suficientemente capazes de produzir o corisco de um relâmpago, ou até mesmo uma aparvalhada avestruz, não teremos condições de interpelar Deus. Antes de acusar Deus, será bom considerar a grandeza do Deus acusado.

Um Deus com sabedoria suficiente para reger o universo tem de ser também suficientemente sábio para velar pelo seu filho Jó, a despeito da desolação do que acontece. Um Deus com sabedoria suficiente para criar a mim e ao mundo em que vivo, é suficientemente sábio para tomar conta de mim.

### *Protestos*

A atitude que Deus traz à tona, e a reação tão humilde de Jó, não constam na maioria dos livros modernos que já li sobre o problema do sofrimento. Uma estante de todos os livros religiosos sobre o assunto poderia ser dividida em duas seções. Os mais antigos, escritos por Bunyan, Donne, Lutero, Calvino, Agostinho e outros, são quase constrangedores pela facilidade com que aceitam a dor e o sofrimento como agentes úteis de Deus.

Todos eles estão permeados de um senso de lealdade e fé na sabedoria de Deus. Ele sabe o que está fazendo neste mundo, e esses autores não contestam suas ações. Apenas tentam “justificar” os caminhos de Deus.

Os livros modernos sobre dor apresentam um enorme contraste, a começar com os filósofos agnósticos do século dezenove, continuando depois com muitos escritores cristãos atuais. Estes autores pensam que a

quantidade de infortúnio e sofrimento existente no mundo não combina com o ponto de vista tradicional de um Deus bom e amoroso. Assim, muitos deles adaptam a sua própria concepção de Deus, dando uma nova definição para o seu amor, ou contestando o seu poder de controlar o mal. Ao lermos e compararmos as duas categorias de livros, a diferença é estarrecedora. Parece que nós, nos dias atuais, achamos que o sofrimento não faz parte de nossa vida. Esquecemos que Lutero, Calvino e os outros viveram numa época em que não havia éter nem penicilina, e que Bunyan e Donne escreveram as suas maiores obras encerrados em calabouços.

O sofrimento oriundo de causas naturais (em contraste com o sofrimento causado pelo homem, como por Hitler, por exemplo) é provavelmente muito mais controlado na época atual do que em qualquer outra da história progressa. Por que, então, estes protestos contra Deus, estes gritos de desespero?

Será a nossa angustiada indignação moral completamente sem fundamento? Deus condenou tal indignação em Jó, acusando-o de julgar sem dados seguros. Será que nossa angústia existencial moderna, a nossa mudança de opinião sobre o sofrimento, a nossa contestação de Deus, será que tudo isso é fútil?

### *Reação, Não Causa*

A mim me parece que o sofrimento envolve dois problemas: 1) quem causou meu desconforto; e 2) minha reação. A grande maioria de nós gasta sua energia tentando descobrir a causa do sofrimento, em vez de decidir como reagir. Joni Eareckson, assunto do capítulo 9, levou dois anos pensando nas possíveis causas do seu acidente. Mas, como Joni descobriu, à medida que nós nos concentramos na causa, podemos terminar tornando-nos amargos em relação a Deus.

Em Jó, o livro da Bíblia que mais vividamente apresenta a pergunta “Quem causa o sofrimento?”, Deus deliberadamente evita tal resposta. Ele jamais explicou a causa a Jó. Notamos que a Bíblia toda prefere desviar-se da causa do sofrimento para tratar da reação ao sofrimento. Dor e sofrimento atingem-nos sempre; o que faremos agora? Os grandes apologistas da causa, os três amigos de Jó, foram repreendidos por Deus. A Bíblia é tão clara neste ponto que concluo ser a pergunta “É Deus o responsável?” nada importante para os cristãos. A importância real está na pergunta “Como devo reagir, já que esta coisa horrível aconteceu?” Por

este motivo, a parte final do livro apresenta exemplos de pessoas que descobriram diferentes maneiras de reagir à dor.

Quanto à melhor reação, a Bíblia dá freqüentemente uma resposta perturbadora:

“Meus irmãos, tende por motivo de toda a alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes” (Tiago 1.-2-4).

“Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo; pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também na revelação de sua glória vos alegreis exultando” (1 Pedro 4:12, 13).

“Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que o valor da vossa fé, uma vez confirmado, muito mais precioso do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo” (1 Pedro 1:6, 7).

Um dos melhores exemplos da atitude ideal da Bíblia para com o sofrimento diz respeito não à dor física, mas à dor psicológica, que se manifestou depois de Paulo ter escrito uma carta severa aos cristãos de Corinto. Refletindo sobre isso, ele escreveu: Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo; embora já me tenha arrependido (vejo que aquela carta vos contristou por breve tempo), agora me alegro, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que de nossa parte nenhum dano sofrêsseis. Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte.

Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que segundo Deus fostes contristados!” (2 Coríntios 7:8-11).

“Fostes contristados para o arrependimento.” No meu pensar, esse é provavelmente o resumo mais sucinto e mais exato de todo o papel do sofrimento.\* Ele se harmoniza com o tom bíblico que enfatiza a reação do cristão, e não a causa do sofrimento. Encaixa-se também nos

exemplos previamente citados onde Jesus tratou de duas tragédias (Lucas 13), Pilatos assassinando judeus e os dezoito homens mortos pela queda de uma torre. Cristo reforçou as suas palavras com uma advertência altissonante: “Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis” (v. 3).

Depois de declarar que estas tragédias não foram causadas por Deus como resultado das ações dos homens (“Pensais que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus?”), ele voltou-se para a reação das pessoas. Para os não-cristãos, a mensagem é uma advertência a fim de que considerem outros valores na vida e voltem-se para Deus que oferece a eternidade. Para os cristãos, a mensagem é ter confiança em Deus, como uma criança confia nos seus pais.

### *Algo Produzido*

Como esta sugestão da Bíblia difere da pessoa que visita um hospital toda sorridente e fala de coisas superficiais, incitando a olhar o lado bom da vida! À primeira vista, as referências bíblicas também parecem superficiais com as palavras: “Regozije-se!”, “Alegrem-se!” Mas, examinemos isso mais detalhadamente. Cada admoestação é seguida de um resultado positivo. O sofrimento produz alguma coisa. É de grande valia; transforma-nos. As passagens já citadas e as aludidas na nota ao final do capítulo — enfatizam resultados diferentes: recompensa, perseverança, paciência, caráter.

O fato de o sofrimento induzir a uma reação útil dá uma perspectiva nova a essa experiência. Estamos sempre prontos a suportar o sofrimento para obtermos algum bom resultado; atletas, mulheres grávidas não se incomodam com o sofrimento que resultará em algo por eles desejado. Conforme o ensino da Bíblia, uma pessoa no leito do hospital pode tornar-se uma pessoa melhor por causa do seu sofrimento.

A Bíblia também esclarece as expressões “Regozije-se” e “Alegrem-se”. Com estas palavras, os apóstolos não pretendiam que tivéssemos atitude de alguém que continua a viver como se nada houvesse acontecido. Não se acha essa interpretação nem nas reações de Cristo ao sofrimento, nem tampouco nas reações de Paulo. A auto-suficiência poderia gerar tais atitudes, nunca a confiança absoluta em Deus.

Nem tampouco sugere a Bíblia uma atitude masoquista de deleitar-se com a dor. “Alegrar-se no sofrimento” não quer dizer que os



cristãos devam parecer felizes quando há tragédia e dor, quando na realidade eles têm vontade de chorar. Tal ponto de vista distorceria a expressão verdadeira e honesta dos sentimentos. Cristianismo não é embuste ou falsidade.

A Bíblia focaliza o resultado final, o que Deus pode fazer das nossas vidas por intermédio do sofrimento. Antes que ele possa agir, entretanto, precisa da nossa declaração de confiança nele, e essa declaração de confiança pode ser descrita como regozijo.

Pedi ao Dr. Paul Brand que me desse exemplos de cristãos que tivessem suportado grande sofrimento. Ele citou vários, com profusos detalhes. Quando lhe perguntei se a dor os havia levado para Deus ou se os tinha afastado de Deus, ele pensou longamente e concluiu que não tinha havido a mesma reação em todos. Alguns Chegaram-se mais a Deus, outros dele se afastaram amargamente. A diferença, disse Brand, estava na atitude deles quanto à causa do sofrimento. Aqueles presos a perguntas como “Que fiz para merecer isso?”, “O que está Deus tentando dizer-me?”, “Estou sendo castigado?”, geralmente voltavam-se amargamente contra Deus ou resignavam-se a um desespero fatalista. Os sofredores mais triunfantes foram aqueles que procuraram a melhor reação para os cristãos, aqueles que confiaram plenamente em Deus apesar de sua condição dolorosa.

### *A Luta de Maria*

Às vezes, o sofredor precisa suportar meses de angústia antes de aprender a voltar-se para Deus. Uma das pacientes mais famosas do Dr. Brand, Maria Verghese, sentiu inicialmente pesar, amargura e agonia depois de um trágico acidente.

Maria não era leprosa. Era médica residente num leprosário na Índia, onde o Dr. Brand era missionário médico. Certo dia, ela e outros jovens médicos foram a um piquenique de camioneta. O motorista, novato no volante, resolveu demonstrar a sua perícia. Após irritantes momentos atrás de um vagaroso ônibus escolar, o jovem motorista resolveu ultrapassá-lo. Repentinamente, veio um carro em sentido contrário. À sua esquerda estava uma estreita passagem sobre um pequeno aqueduto. Afobadamente, quis pisar no freio, mas pisou no acelerador. A camioneta passou por cima do aqueduto e foi dando cambalhotas ladeira abaixo.

Maria Verghese, uma jovem médica de carreira promissora, lá ficou deitada no fundo do despenhadeiro, imóvel, com o rosto rasgado, num talho profundo, desde a maçã do rosto até o queixo. As suas pernas balançavam inúteis como dois troncos mortos de árvore. Nos meses seguintes, a vida de Maria foi insuportável. Lá fora, a temperatura era de 40°C. No seu quarto de hospital, Maria estava enrolada numa jaqueta de plástico grosso e num suporte forte também de plástico. Ela enfrentava horas agonizantes de terapia. E semana após semana, passava pelos testes de tato, jamais sentindo as alfinetadas nas suas pernas.

Tendo observado seu permanente estado de desespero e amargura, o Dr. Brand decidiu conversar com ela.

— Maria —, começou ele, — acho que é tempo de pensarmos no seu futuro profissional, no futuro da sua carreira médica.

A princípio, ela julgou que o Dr. Brand estivesse brincando, mas ele continuou a dizer que ela poderia servir a Deus como médica, talvez proporcionando a outros pacientes as estimulantes qualidades de simpatia e compreensão. Ela pensou nessa sugestão por muito tempo. Não sabia se lhe seria um dia possível usar as pernas de modo a trabalhar como médica.

Aos poucos, Maria começou a trabalhar com os pacientes leprosos. A equipe médica notou que o mau-humor, o senso de inutilidade e autopiedade pareciam se desvanecer quando Maria Verghese estava por perto. Os leprosos cochichavam entre si que a doutora da cadeira de rodas era mais inválida do que eles.

Um dia, o Dr. Brand viu Maria rodando a sua cadeira por entre os edifícios do hospital e perguntou como estava se sentindo.

— No começo, tudo me parecia confuso —, replicou ela, — mas agora parece que a vida afinal tem um sentido.

Logo depois, Maria Verghese passou a trabalhar no centro cirúrgico, trabalho profundamente exaustivo, porque ela precisava manter o seu equilíbrio e operar sentada.

A recuperação de Maria dependia de muitas horas difíceis de terapia, bem como de uma importante cirurgia na espinha.

Ela descobriu que a sua incapacidade física não era um castigo de Deus para levá-la a uma vida miserável. Muito pelo contrário, descobriu

que isso podia lhe ser de grande vantagem como médica. Os doentes inválidos aceitavam-na imediatamente e tinham com ela grande afinidade.

Mais tarde, Maria aprendeu a andar com um aparelho. Ganhou uma bolsa de estudos para o Instituto de Fisioterapia e Reabilitação de Nova York, e, finalmente, passou a dirigir um novo departamento na Escola de Fisioterapia de Vellore, Índia.

Voltando-se para Deus e aceitando o fato de que ele podia tecer um novo plano para a sua vida, Maria Verghese conseguiu provavelmente muito mais do que se o acidente jamais houvesse ocorrido.

Pense nas pessoas que fizeram justamente o contrário do que Maria fez, que se afastaram de Deus na hora do sofrimento. A única alternativa que lhes resta é atrair atenção sobre si mesmas. Falam sobre as suas doenças como se fosse a única coisa da sua vida. Queixam-se, tornam-se rabugentas e tristonhas. Desencadeiam a autocomiseração que está escondida em cada um de nós. Muitas vezes, a hipocondria aumenta as suas doenças. É como se a única maneira de se relacionarem com o mundo fosse solicitando piedade.

Não quero insinuar que Deus ama um tipo de sofredor e rejeita o outro, ou que um sofredor seja mais “espiritual” do que outro. Acredito que Deus compreende aqueles que escoiceam, lutam e esbravejam (dois exemplos excelentes: o livro de Jó e A Análise de Uma Aflição de C. S. Lewis) tão bem quanto os poucos que aprendem a deixar com que o sofrimento os torne pessoas melhores,

Deus não necessita das nossas reações corretas para si próprio, para satisfazer suas próprias necessidades. Acho que ele focaliza a nossa reação para o nosso bem, não para o bem dele. Ajudar-nos-ia saber exatamente por que Deus permite o nosso sofrimento? Tal conhecimento poderia até engendrar maior amargura. Mas a nossa condição melhora muito quando nos voltamos para ele. Perdemos a nossa auto-suficiência e a nossa fé renova-se, tornando-se mais profunda. Isso pode produzir mudanças de valor inestimável dentro de nós.

### *Reagindo ao Holocausto*

Num período de dois meses, li dois comoventes relatos de pessoas que sobreviveram ao holocausto da perseguição nazista na primeira Guerra Mundial. Bem como outros acontecimentos históricos, o

holocausto apresenta a questão da justiça de Deus. Como pôde Deus permitir que seis milhões dentre seu “povo escolhido” fossem tão vilipendiados? Os dois autores, Elie Wesel e Corrieten Boora, expressam duas reações radicalmente opostas ao horrível sofrimento.

Noite, de Eli Wiesel, impressionou-me mais do que qualquer outro livro que eu jamais lera. Em frases sucintas, bem condensadas, Wiesel descreve um dos mais horríveis capítulos da história humana, onde ele passou a adolescência, Wiesel viu todos os judeus da sua pequena cidade reunidos num gueto, despojados de todos os seus haveres e postos em vagões de gado, onde quase a terça parte morreu. Ele viu sua mãe, sua irmãzinha, e toda a sua família desaparecer num forno abastecido de carne humana.

Wiesel viu nenezinhos jogados para cima e aparados com um forcado, crianças enforcadas, homens enfraquecidos serem mortos por seus companheiros de prisão por alimento, por um pedaço de pão. O próprio Elie, freqüentemente recebeu contínuos golpes de cassetete; escapou da morte por um acidente.

Na noite em que o trem de Wiesel parou em Birkenbau, espirais da sinistra fumaça preta avolumavam-se de um forno enorme, e pela primeira vez em sua vida Elie sentiu o cheiro de combustão de carne humana: “Jamais esquecerei aquela noite, mil vezes amaldiçoada. jamais esquecerei aquela fumaça. Jamais esquecerei os pequenos rostos das crianças, cujos corpos vi transformarem-se em espirais de fumaça sob um silencioso céu azul. Jamais esquecerei o silêncio noturno que me despojou, para todo o sempre, da vontade de viver.

Jamais esquecerei aqueles momentos que assassinaram o meu Deus e a minha alma, e fizeram os meus sonhos virarem pó.

Jamais esquecerei estas coisas, mesmo que eu seja condenado a viver tanto quanto o próprio Deus. Jamais !”.

Todos os livros de Wiesel apresentam o mesmo toque de tragédia sem esperança. No prefácio de Noite, o autor francês François Mauriac, prêmio Nobel, descreve o seu primeiro encontro com Wiesel, depois de ter ouvido a sua história.

Foi então que entendi o que havia me atraído ao jovem israelita: aquele olhar, como de um Lázaro levantado dentre os mortos, mas ainda preso às fronteiras sinistras onde ele havia vagueado entre os chocantes

cadáveres. Para ele, o grito de Nietzsche expressava uma realidade quasefísica: Deus está morto.— o Deus de amor, da bondade, do consolo, o Deus de Abraão, de Isaque, de Jacó, sumiu para todo o sempre, sob o olhar fixo desta criança, na fumaça de um holocausto humano exigido pela Raça, o mais voraz de todos os ídolos.

E quantos judeus piedosos experimentaram essa morte! E naquele dia, mais horrível ainda do que todos os dias de horror, quando a criança viu o enforcamento (sim!) de outra criança que, assim ele nos conta, tinha a expressão de um anjo triste, e ouviu atrás dele alguém gemer: — Onde está Deus? Onde ele está? Onde estará ele agora?

Compassivamente, Mauriac pergunta:

— Será que já pensamos na conseqüência de um horror que, embora aparentemente menos horrível que outras atrocidades, é verdadeiramente pior do que todas as outras para aqueles dentre nós que têm fê: a morte de Deus na alma de uma criança que repentinamente descobre o mal absoluto?

### *Um Abismo Profundo*

Muitos de nós, e eu também, temos a tendência de ser como Wiesel, esmagados pela tragédia humana. Depois de passar por aquilo que Wiesel descreve, pode alguém começar a viver novamente? Será que a base da vida ainda subsiste? Será que palavras como esperança, felicidade e alegria ainda podem vir a significar alguma coisa? Mediante tais tragédias, poderá alguém falar sobre o valor do sofrimento na construção do caráter?

O próprio Wiesel revelou que o repúdio da sua humanidade foi quase uma experiência libertadora.

— Pelo contrário, senti-me muito forte, Eu era o acusador, e Deus o acusado. Meus olhos estavam abertos e eu estava só, terrivelmente só num mundo sem Deus e sem o homem. Sem amor e sem misericórdia. Eu me tornara em cinzas, mas sentia-me mais forte do que o Todo-poderoso, a quem a minha vida tinha sido presa por tanto tempo.

Depois de ter lido o relato profundo de Elie Wiesel em Noite e em seus outros livros, li Refúgio Secreto de Corrie ten Boorn. Toda a dor e todo o sofrimento de Noite estavam presentes na história verdadeira de

perseguição contada por Corrie. Ela não era judia, mas foi levada aos campos de morte da Alemanha por ter ajudado judeus. Ela também viu pessoas serem assassinadas, viu a sua irmã morrer, sentiu o ferrão do açoite e a dissolução da virtude num mundo onde reinava o mal absoluto. Embora não descreva a experiência com a mesma intensidade gráfica de Wiesel, ela faz muitas das mesmas perguntas e, algumas vezes, explode a sua revolta contra Deus.

Mas há em Refúgio Secreto outro elemento, o qual provou ser quase insustentável para os revisores seculares do filme baseado no livro, o elemento da esperança e da vitória. Por todo Refúgio Secreto, encontram-se mesclados pequenos milagres, estudos da Bíblia, cântico de hinos, atos de compaixão e sacrifício. E, o tempo todo, Corrie e sua irmã Betsie continuam a confiar em um Deus que as vê e que delas cuida.

Preciso confessar que, embora as minhas simpatias estejam com a maneira de Corrie enfrentar a vida e embora eu acredite no seu Deus de amor, tive de lutar contra a idéia de achar o seu livro superficial em comparação com o de Wiesel. Era como se algo escuro e altissonante estivesse dentro de mim conduzindo-me ao desespero, forçando-me a permanecer orgulhosamente ao lado de Elie Wiesel como o acusador de Deus e obrigando-me a jogar fora os limitadores grilhões da crença. Fui tomado pela ânsia humana inata de voar para o desespero, para longe da esperança.

Deus não condena nossos momentos de desespero e de descrença. Ele bem compreende isso, por ter vindo à terra e sofrido cruelmente. Antes da última hora, seu próprio Filho perguntou se aquele cálice não poderia dele ser passado, e na cruz exclamou: — Deus meu, por que me desamparaste?

Toda a revolta, desespero e depressão descritos tão vividamente em Noite estão presentes na mensagem cristã, identificação completa e perfeita com o mundo sofredor. Mas o Cristianismo dá ainda um passo adiante, o qual em si é a pedra de tropeço para muitos. É a ressurreição, o momento da vitória quando o último inimigo, a morte, foi esmagado.

Deus, que convida Jó, Corrie ten Boom, a você, e a mim, para tomar parte na alegria e na vitória, não nos pede que aceitemos um mundo utópico. Ele simplesmente adiciona uma dimensão misteriosa, muito mais profunda, além da experiência humana. Ele pede esperança apesar do ambiente desesperançado. Quando o sofrimento nos atinge, ele pede

que não o rejeitemos; que a nossa reação seja semelhante à das crianças, confiando sempre na sua sabedoria e afirmando, como bem disse Corrie.

— Quanto mais profundo o abismo, maior ainda é o amor de Deus.

### *A Capela de Dachau*

Na capela protestante do campo de concentração de Dachau, perto de Munique, encontrei um homem surpreendente que sobreviveu ao Holocausto e cuja missão vital é anunciar ao mundo que o amor de Deus ainda é mais profundo do que o atoleiro da depravação humana. Com o seu auxílio, compreendi como pôde Corrie manter tal ponto de vista em situação tão horrenda.

Esse homem, Cristiano Reger, foi prisioneiro de Dachau durante quatro anos. Qual o seu crime? Pertencera à Igreja Confessa, um ramo da igreja estatal alemã que se opunha a Hitler (Martin Niemoeller e Dietrich Bonhoeffer foram os seus líderes). Reger foi entregue às autoridades alemãs pelo organista da sua igreja e foi despachado para Dachau, a centenas de quilômetros de distância.

Encontrei Reger no campo de Dachau. O Comitê Internacional de Dachau, do qual Reger faz parte, tem procurado restaurar o campo como um monumento, para que o mundo não o esqueça.

“Nunca mais” é o lema por eles adotado.

Não é fácil achar o campo de Dachau, pois os alemães daquela região relutam, o que é bastante compreensível, em apresentá-lo como atração turística. O dia em que o visitei estava frio, nublado e escuro. A neblina da manhã era densa quase rente ao solo, e, à medida que eu andava, a umidade grudava-se ao meu rosto e às minhas mãos.

Não resta muito de Dachau. Ainda sobram da guerra os fornos crematórios originais. Naquela ocasião, havia ali trinta alojamentos; e blocos de concreto de trinta centímetros de altura ainda marcam a sua localização. Um deles foi restaurado, e pede-se ao visitante que visualize as condições quando algumas vezes 1.600 pessoas ficavam comprimidas em alojamentos construídos para o máximo de 208 pessoas.

A neblina, a desolação, e os alicerces dos prédios derrubados davam uma aparência lúgubre ao lugar. Uma criança brincava no que sobrou dos alicerces; havia flores perto do arame farpado.

Reger estava na capela protestante que fica perto de um convento católico e de um monumento judeu. Ele costuma percorrer o campo à procura de turistas, com quem conversa em alemão, inglês e francês, respondendo a perguntas e recordando os dias em que ali esteve preso. Ele conta do último inverno, quando quase não havia mais carvão e os fornos já não funcionavam. Os prisioneiros não mais sentiam o constante fedor resultante da queima dos seus companheiros. Os cadáveres eram empilhados na neve, como se fossem lenha, com um número azul em cada corpo.

Se pedirem, Cristiano Reger contará histórias de horror.

Mas, ele irá além, pois costuma partilhar a sua fé, costuma contar como o Deus de amor visitou-o em Dachau. — Nietzsche disse que um homem pode suportar torturas se ele souber o porquê de sua vida disse-me Reger. — Mas aqui em Dachau, aprendi alguma coisa muito mais profunda. Aprendi a conhecer o “Quem” da minha vida. Foi somente ele quem me deu forças e até hoje ainda me sustém.

Não foi sempre assim. Depois de passar um mês em Dachau, Reger, à semelhança de Elie Wiesel, perdeu toda a fé e esperança num Deus amoroso. Partindo da perspectiva de um prisioneiro nazista, as probabilidades contra a sua vida eram simplesmente grandes demais. Então, em julho de 1941, aconteceu alguma coisa que foi um desafio à sua dúvida. Os prisioneiros podiam receber somente uma carta por mês, e exatamente um mês depois da sua reclusão, Cristiano Reger recebeu as primeiras notícias da esposa. A carta, cuidadosamente recortada em pedaços pela censura, falava sobre a família e sobre o amor que ela sentia por ele. No final, havia uma referência a versículos bíblicos: Atos 4:26-29. Reger procurou os versículos na Bíblia. Eram parte das palavras proferidas numa reunião de Pedro e João com os anciãos depois de serem aqueles apóstolos soltos da prisão:

“Levantaram-se os reis da terra e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido; porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e povos de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram; agora, Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra.”

Naquela tarde, Reger devia enfrentar os interrogadores, a



experiência mais assustadora do campo. Ele seria chamado para delatar o nome de companheiros cristãos, e, se não resistisse à pressão, aqueles cristãos seriam capturados e possivelmente mortos. Havia bastante probabilidade de ele ser açoitado com porretes ou torturado com eletricidade se se recusasse a cooperar com os interrogadores. Os versículos pouco significavam para ele. Podia Deus ser de algum auxílio numa situação daquelas?

Reger dirigiu-se à área de espera do lado de fora da sala de interrogação. Tremia. A porta abriu-se e um colega pastor, a quem Reger jamais havia visto, passou por ele.

Sem olhar para Reger, e sem mesmo mudar a expressão do seu rosto, ele colocou rapidamente alguma coisa no bolso do paletó de Reger, e foi embora. Segundos depois, guardas da SS apareceram e introduziram-no na sala. As interrogações correram surpreendentemente bem; tudo correu facilmente e não houve violência.

Quando Reger retornou ao alojamento, suava de nervosismo.

Respirou fundo diversas vezes, tentando acalmar-se, e depois arrastou-se para o seu beliche de palha. De repente, lembrou-se do incidente com o outro ministro evangélico. Pôs a mão no bolso e de lá retirou uma caixa de fósforos. Ó, pensou, que gesto bondoso. Fósforos são preciosos aqui. Mas lá dentro, entretanto, não havia fósforos. Apenas um papelzinho dobrado. Reger desdobrou-o, e o seu coração começou a bater fortemente. Cuidadosamente impressa no papel estava a seguinte referência: Atos 4:26-29.

Era um milagre, uma mensagem de Deus. Não havia jeito de o ministro ter visto a carta da sua esposa. Ele nem mesmo sabia quem era o ministro, Deus tinha providenciado esse acontecimento como uma demonstração de que ainda estava vivo, ainda era capaz de aumentar a resistência, ainda merecia confiança.

Daquele momento em diante, Cristiano Reger sentiu-se transformado. Foi um pequenino milagre, sim, mas foi o suficiente para que a sua fé fosse firmada em tão inabalável rocha, que não mais foi abalada pelas atrocidades, pela matança e pela injustiça humana que ele presenciou nos quatro anos seguintes em Dachau.

“Deus não me libertou, nem tornou mais fácil o meu sofrimento. Simplesmente provou a mim que ainda estava vivo, e que sabia

que eu estava ali. Nós, os cristãos, unimo-nos.

Formamos ali uma igreja, juntamente com outros pastores e padres condenados. Éramos um movimento ecumênico forçado, como dizíamos; uma única carne, parte do corpo de Cristo.

“Posso somente falar por mim. Outros afastaram-se de Deus por causa de Dachau. Quem sou eu para julgá-los? O que sei é que Deus me encontrou. Para mim ele foi tudo, até mesmo em Dachau.”

Enquanto tiver saúde, Cristiano Reger não vai parar de andar pelo campo de Dachau, conversando com os turistas com sua voz afetuosa e com sotaque pesado. Ele lhes contará como era o lugar e onde estava Deus na longa noite de Dachau.

### *Olhando Para Frente*

A teologia oferece-nos uma doutrina chamada Providência, para explicar o fenômeno de “uma luz na escuridão”. Por causa da Providência, o resultado do sofrimento de Cristiano Reger e de Corrie ten Boom tem trazido esperança e alegria a milhões. Por causa da Providência, a aparente tragédia da crucificação de Jesus tornou-se a salvação do mundo.

Teria sido da vontade de Deus o regime nazista ou a morte do seu próprio Filho? Não há resposta para tal pergunta.

Obviamente, por causa do seu caráter, Deus não poderia desejar tais atrocidades, embora as tenha permitido. Para mim, torna-se mais fácil visualizar a Providência como uma doutrina que olha sempre para a frente. O que vejo na Bíblia não é um convite a olhar para trás e descobrir se

Deus é responsável, a fim de acusá-lo. Na sua resposta a Jó, Deus ignorou esse ponto. Convida-nos a Bíblia a olhar para a frente, para aquilo que Deus pode fazer partindo de uma tragédia.

Na hora da dor, parece impossível imaginar que disso surja algo bom. É possível que Cristo tenha pensado assim no Getsêmani. Não podemos compreender como o sofrimento ou o mal possam ser transformados em motivo de júbilo. Mas é nisso que precisamos acreditar.

A Bíblia descreve situações diversas, nas quais o sofrimento pode ser usado para o nosso bem, apesar de eu ter colocado todos sob o mesmo título “levando-nos para Deus”.

Por exemplo, o sofrimento pode:

- 1) Aprimorar a nossa fé (1 Pedro 1:5-7).
- 2) Tornar-nos mais maduros (Tiago 1:2-4).
- 3) Manifestar as obras de Deus (João 9:1-3).
- 4) Tornar-nos semelhantes à imagem de Cristo Romanos 8:28, 29).
- 5) Produzir perseverança e caráter (Romanos 5:3-5).

A minha dor constante oscila de tremendamente forte a insuportável. Por que Deus não responde às minhas orações?

Brian Sternberg

### *Depois da Queda*

Para mim, é relativamente fácil escrever sobre a reação humana apropriada ao sofrimento. Mas, o meu sofrimento atual consiste apenas em estar com o nariz um pouco entupido, coisa não suficiente para entrar no rol dos grandes sofrimentos. Teorias sobre o papel do sofrimento no mundo não podem ser apresentadas, a não ser com base em experiências reais.

Para melhor aquilatar o sofrimento, visitei dois cristãos que vivem diariamente as suas solitárias batalhas contra a dor — física e psicológica — que, por vezes, é tão violenta que chega a ser incontrolável. Ambos são jovens e foram atingidos na plenitude da mocidade. Sob muitos aspectos, o infortúnio de ambos é semelhante.

Entretanto, Brian Sternberg e Joni Eareckson tiveram reações inteiramente opostas. As suas experiências com o sofrimento foram tão desgastantes que cada um merece um capítulo.

No dia 2 de julho de 1963, Brian Sternberg caiu de uma altura de 3 metros e a queda de um segundo mudou completamente a sua vida. Antes da queda, a família Sternberg era alegre e divertida. No curso secundário Brian tinha-se devotado ao majestoso salto de vara. Ele se lançava numa rápida corrida pela pista empunhando a vara, ouvia-se o baque surdo ao ser fincada no solo, via-se o salto súbito de um felino, e ele se sentia jogado como pedra de estilingue. Quem já sentiu um nó no estômago quando, na extremidade de um trampolim de uma piscina, pode ter uma idéia do que Brian Sternberg sentiu nas primeiras tentativas do salto de vara.

Para Brian, não era suficiente ser exímio na técnica do salto. Para saltar com mais elegância e habilidade, tomou aulas extras de ginástica.

Depois das aulas, ele, invariavelmente, treinava saltos ou aperfeiçoava pulos e quedas na cama elástica. Conseguiu aprender um grande número de “loops”, torções e saltos mortais, regozijando-se no mero prazer de comandar o corpo.

Ginástica, um balé de resistência, é talvez o que mais se aproxima da arte no campo dos esportes. Brian harmonizava arte com a rigorosa ciência do salto de vara.

Como calouro da Universidade de Washington, Brian estabeleceu a marca de 4,775m para o encontro nacional de calouros universitários. No ano seguinte, foi classificado como o saltador número 1 do mundo pelas revistas especializadas. Estava entre os grandes atletas mundiais.

Era o ano de 1963. John Kennedy era presidente dos Estados Unidos. Vencer os russos tornara-se obsessão do povo norte-americano. Tudo indicava que os Estados Unidos, em Brian Sternberg, possuíam um vencedor, e os olhos do mundo achavam-se voltados para esse rapaz de dezenove anos.

Previa-se um sucesso inacreditável para a temporada de 1963. Todas as semanas Brian era manchete nas seções de esporte. Invicto em competições ao ar livre, ele estabeleceu o recorde norte-americano nas competições de salão. Nessa primavera ele conseguiu sua primeira marca mundial com um salto de 5,004m.

Em rápida sucessão, Brian conseguiu novos recordes de 5,055m e 5,08 m e conquistou os títulos da Associação Atlética Colegial

Nacional e da União Atlética Amadora.

Foram dias maravilhosos para os Sternberg. Eles sabiam que a glória seria de curta duração, pois os astros de tal esporte não têm uma longa trajetória de sucessos. Gostavam de convidar os amigos para irem todos juntos ver o filho fazer sucesso; o estádio ficava cheio e a multidão gritava e acenava.

Tudo mudou no dia 2 de julho, três semanas depois de Brian ter marcado o último recorde mundial. Agora, mais de uma década mais tarde, Brian Sternberg ainda compete, mas numa competição muito mais solitária e desesperadora. Acabaram-se os saltos de vara.

### *O Acidente*

Tudo começou quando ele apanhou o suéter e gritou: — Mãe, vou fazer exercício no pavilhão. — Dirigiu o seu carro sobre a ponte do rio em direção à Universidade de Washington, e lá começou um exercício de aquecimento. A equipe norte-americana de salto preparava-se para uma excursão à Rússia e era indispensável que Brian treinasse o máximo.

Brian descreve o que aconteceu:

Se há algum momento assustador em saltos de cama elástica, é justamente na hora em que se deixa a superfície, pulando para cima. Naquele momento mesmo os mais experimentados ginastas sentem uma sensação de Pânico, sem nenhuma razão, que só desaparece ao voltar à cama elástica. Deu-me isso quando dei o salto para cima. Senti-me Perdido no alto e Pensei que ia baixar sobre as minhas mãos e pés como já havia feito tantas vezes, mas o pânico tomou conta de mim.

Desci, então, com a cabeça de encontro à superfície. Ouvi um estalo no Pescoço, então tudo acabou. Meus braços e pernas ricocheteavam à minha frente, mas eu não sentia os movimentos. Mesmo antes de eles pararem, eu berrei: — Estou paralítico! — numa voz tão alta quanto Pude, mas que na realidade era muito baixa, pois os pulmões estavam sem forças. A paralisia tinha afetado a minha respiração.

Nada havia que eu pudesse fazer. Não podia mexer-me.

Assustei-me a princípio, mas depois, por alguma razão, o pânico desapareceu. Disse às pessoas que me rodeavam:

— Não me movam, o meu pescoço, principalmente, precisa ficar imóvel.

— Quando vi que não podia respirar e senti que ia morrer, pedi a um garotão que fizesse a respiração artificial pela boca:  
— Faça isso, mas não incline minha cabeça para trás.

Uma verdadeira angústia abateu-se sobre mim enquanto esperávamos pelo médico. Não era dor física, mas só pensar no que me havia acontecido, já me perturbava . Entretanto, naquela hora eu pensava apenas no futuro próximo . Ainda não me ocorrera a possibilidade de jamais andar novamente.”

Nas oito semanas seguintes Brian ficou deitado preso a uma armação Foster, um dispositivo de lona e aço, ao qual apelidaram de “sandiúche de lona”. Havia uns ganchos em ambas as extremidades e, de vez em quando, um enfermeiro dava uma volta na armação para que Brian ficasse ora de costas, ora de frente, para evitar escaras e outras complicações.

Os médicos pouco sabem sobre o sistema espinhal. Eles não podem fazer um estudo sobre o sistema em funcionamento sem prejudicar o paciente. Durante quarenta e oito horas eles não sabiam se Brian viveria. Quando ele sobreviveu, eles não tinham idéia do quanto poderia ser recuperado. Depois de retirado da armação Foster, ele já podia mover a cabeça, embora não o fizesse por longo tempo, receoso de tal movimento, pois lembrava-se bem do estalo que o seu pescoço dera. Ele também conseguiu crisar alguns poucos músculos dos ombros, aqueles bojos, outrora tão pujantes, que tinham feito dele um bom saltador de vara. Técnicos prendiam eletrodos a outros músculos do seu corpo e, por meio de choque elétrico, faziam-nos moverem-se abruptamente. Do contrário, os músculos deteriorariam. Brian podia ver as contrações, mas nada sentia.

Durante certo tempo ele não sentiu dor. Nem parecia que tinha pernas, braços e um tronco. Disse que sentia como se estivesse flutuando no quarto; parecia que não estava em parte alguma. Ele não sentia nem o colchão onde estava deitado.

### *Pesadelos e Um Despertar*

Deitado na cama o dia todo, uma “cabeça” e nada mais, Brian começou a sofrer alucinações de tato. Começou a imaginar que tinha

pernas e braços que obedeciam ao seu comando. Ele se concentrava, e imaginava, digamos, um jogo de basquete. Algo no seu subconsciente trazia ao nervo central a exata memória de uma bola de basquete, e ele se sentia segurando a bola. A princípio, isso lhe era muito interessante, pois ele sonhava com o dia em que isso se tornasse realidade. Depois, os jogos voltaram-se contra ele.

Na sua alucinação, os objetos prendiam-se aos seus dedos imaginários e ele não conseguia soltá-los. Ou, às vezes, ele sentia a sensação de ter nas mãos objetos cortantes como gilete, por exemplo. Objetos com lâminas cortantes pareciam percorrer-lhe as mãos, trazendo-o às lágrimas pelas dores excruciantes. Tudo imaginário, é claro, mas para os receptores nervosos da mente de Brian parecia muito real.

Por muito tempo, ele não pôde livrar-se da ilusão de que havia uma porca aparafusada fortemente na ponta de cada dedo.

À noite vinham os pesadelos. Eram pesadelos cheios de terror e maldade, nos quais ele se via, tal qual uma mosca, andando pelo teto e paredes do seu quarto. Alguns pesadelos não tinham forma nem enredo, eram sentimentos amorfos de terror. O acordar do pesadelo era, porém, muitíssimo pior, pois ele não podia mais acordar do pesadelo da triste realidade.

Os ataques de depressão emocional, ainda mais intensos que as alucinações, vinham sem aviso prévio. Durante horas, Brian ficava a olhar para as mesmas paredes e com tremendo esforço mental tentava fazer com que os músculos trabalhassem. Ele via o seu corpo de atleta atrofiar dia a dia, devido à inatividade. E toda a vez que tentava fazer com que algum músculo trabalhasse, sempre sem sucesso, ele mergulhava numa depressão mais profunda. Reclamava para os médicos:

— Não agüento mais. Não sei mais o que fazer. Nada acontece. Não posso mais continuar assim imóvel. Estou exausto. Já tentei fazer os músculos me obedecerem, tentei demais, não posso mais... As lágrimas e soluços abafavam a sua voz.

Quando vinham as abomináveis ondas de depressão, Brian tinha algumas poucas fontes de conforto às quais se agarrava. Uma delas era o apoio da sua namorada e da sua própria família. Havia também milhares de simpatizantes que escreviam de lugares mui distantes, como Japão, França e Finlândia. Diariamente, durante uma hora mais ou menos, os seus pais liam para ele a correspondência.

Às vezes tinham de interromper. Não Agüentavam.

As emoções eram por demais abundantes. A maioria da correspondência constituía-se de palavras de apoio e orações. Um homem de setenta e nove anos escreveu:

— Meu corpo não é mais cem por cento, mas a minha medula espinhal está ótima. De bom grado, eu a daria a você. Veio também apoio da comunidade atlética de todo o mundo. Os russos cunharam uma medalha especial para homenageá-lo, fato sem precedentes. Os líderes de futebol da cidade de Kansas promoveram um jogo em benefício dele.

Depois de algumas semanas, veio uma notícia que ainda o deprimiu mais. Os médicos não Podiam ajudá-lo.

Informaram que, até àquela data, nenhuma pessoa na sua situação tinha voltado a andar. O que o tirou do fundo do abismo foi uma conversa telefônica que manteve com membros de uma conferência da Associação dos Atletas Cristãos em Ashland, no estado de Oregon. Por mais de uma hora, Brian conversou com atletas, treinadores e pessoal ligado ao esporte. Esses cristãos expressaram a sua fé na recuperação de Brian, e Plantaram a sementinha da fé no seu Coração. O seu despertar para a vida cristã deu-se três meses depois do acidente. O seu meditar amargo tinha-lhe ensinado muitas coisas. Compreendeu que somente com o auxílio de Deus poderia voltar a andar. Não era o seu próprio esforço que faria as suas pernas moverem-se. Se havia uma fibra nervosa morta em sua medula dorsal ela teria de ser refeita, o que não era trabalho para a medicina. Sabia, também, que a sua fé em Deus não Podia ser uma barganha. “Se tu me curares crerei em ti.” Ele queria crer porque Deus era digno da sua fé. Assumiu o risco e entregou a vida a Jesus Cristo.

Brian começou uma oração que ainda não terminou. Centenas, e milhares de vezes, ele tem pedido a Deus a mesma coisa.

Cada pequena parcela de sua vida lembra-o de que a oração ainda não foi respondida. já orou com amargura, com súplicas, com desespero, com muita ânsia. Muitas pessoas têm orado por ele: pequenos grupos de atletas, igrejas, estudantes universitários. Sempre a mesma oração, e nunca a resposta que Brian tanto deseja e acredita.

Menos de um ano depois do acidente, Brian terminou um artigo na revista Look com a seguinte afirmação: “Ter fé é uma atitude necessária para uma de duas coisas. Ser curado é uma delas. Se não vier a



cura, paz de espírito é a outra.

Qualquer uma delas satisfaz.” Atualmente, Brian não mais pensa assim. Para ele só há uma opção: cura completa.

### *O Mundo de Brian*

Qual o alimento dessa fé tão firme que já sobreviveu uma década de sofrimento? Com o correr dos anos, muitos dos que reivindicavam a cura de Brian já mudaram as suas orações.

Mas não os Sternberg. Serão eles teimosos ou sobre-humanos?

Pensava nisso, enquanto dirigia o meu carro a caminho do seu lar em Seattle. Tinham me avisado: — É estranho. Eles não aceitam a condição física de Brian.

Não é fácil marcar um encontro com Brian. Telefonei, deixei uma mensagem gravada com o meu número de telefone, e esperei que ele me chamasse. Brian nunca sabe quando estará em condições de receber uma visita.

— A dor —, diz ele, — oscila de tremendamente forte a insuportável.

A casa dos Sternberg fica no alto de um penhasco escarpado acima da Universidade de Seattle. Dá vista para uma ladeira íngreme onde os carros fatalmente derrapam com chuvas fortes ou tempestades de neve. A rua estava seca, e consegui subir com êxito.

A Sra. Helena Sterriberg, mãe de Brian, loira e elegantemente trajada, recebeu-me à porta. No telhado, estava um amigo de Brian arranjando um sistema rotativo de antena. De dentro da casa, a vista de Seattle era espetacular, através de janelas amplas e envidraçadas.

Durante uns vinte minutos, enquanto um enfermeiro preparava Brian, observei o tráfego.

O que mais impressiona o visitante é o fato de Brian depender totalmente de outras pessoas para poder viver.

Morreria se fosse deixado sozinho por quarenta e oito horas.

Rapazes da Escola Secundária e da Universidade dão-lhe banho, remédios, alimentam-no, seguram copos de água para ele. Brian tem lutado contra essa dependência aos outros, mas não há outro jeito. O seu corpo será sempre encontrado como foi deixado por alguém.

A cabeça de Brian é de tamanho normal, mas o resto do corpo encolheu devido à atrofia muscular. Agora, já pode fazer alguns movimentos com as mãos. Pode empurrar interruptores elétricos, virar maçanetas embora com certa dificuldade, e até mesmo escrever a máquina com um dispositivo especial que prende os outros dedos e deixa um livre.

O quarto de Brian, não maior do que um quarto comum, limita a sua vida. Não há bicicleta, nem esquis, nem patins de gelo em sua garagem. Ele mostrou os objetos ao redor. Um cobertor Adidas sobre a cama, lembrança dos jogos olímpicos de Tóquio em 1964, jogos estes de que Brian não participou.

Numa parede, está uma carta de John F. Kennedy, com a data de 15 de agosto de 1963. Foi lida no jogo de futebol, ocasião em que os times jogaram em benefício de Brian.

Kennedy escreveu:

— Quero que saiba que temos pensado muito em você nas últimas semanas. Desejamos as suas melhoras. Brian chorou quando ouviu essas palavras.

Mas, mostrou-se felicíssimo ao explicar o complexo equipamento de radioamador que rodeava a sua cama. Com auxílio dos seus assistentes, ele desenvolveu alto interesse em radioamadorismo.

Falou devagar e cuidadosamente sobre uma grande variedade de assuntos. Gosta de falar sobre eletrônica. Gosta, também, de contar histórias sobre o seu papel como representante da Associação dos Atletas Cristãos. Tornou-se um popular conferencista da Associação.

Os dirigentes da Associação dos Atletas Cristãos haviam-me contado da atuação de Brian. Certa vez, na sua cadeira de rodas, Brian falou durante uma hora perante uma audiência enorme de atletas, sendo que muitos deles chegaram a chorar.

Acima de tudo, eles admiram a sua coragem.

## *O Milagre Que Não Vem*

Brian é o primeiro a admitir o progresso que tem feito.

Mas, agora mais do que nunca, ele não aceita a sua situação.

Ele só tem uma esperança e uma oração: cura absoluta. Conta isso a todos que o visitam. Clinicamente, necessita de um milagre. O tempo pouco fez por ele, e as suas chances de recuperação vêm diminuindo dia a dia.

A parte pior é a dor. É como se o corpo de Brian estivesse em revolta. A dor vem de dentro e espalha-se invisivelmente por todo o corpo. Parece até a máquina da dor, que controlava diretamente o sistema nervoso central, descrita por George Orwell, no seu livro “1984”. Vinda repentinamente, conseguiria derrubar um homem, fazendo-o uivar de dor. Para Brian, é uma horrível rotina.

Mais do que qualquer outra pessoa, os pais de Brian têm compartilhado a sua dor e frustração. Na sala, contaram-me da longa luta que todos vêm enfrentando diariamente. As luzes da cidade piscavam à medida que milhares de carros serpenteavam pelas ruas e pontes. Na lareira, via-se o fogo chamejante. junto com o panorama, o cenário era repousante, ao máximo. A Sra. Sternberg inclinou-se para falar sobre o dilema do filho.

Depois do primeiro choque que durou aproximadamente seis meses, os Sternberg foram inundados por autênticas expressões de esperança e apoio. Muitos acreditavam que Brian se recuperasse. Tinha de ser a vontade de Deus, afirmavam, que um rapaz tão jovem e talentoso viesse a andar novamente. Brian já se encontrou com alguns cristãos famosos, conhecidos pelos seus poderes de cura, mas ele ainda sofre. Em certa ocasião, líderes cristãos de sete denominações diferentes encontraram-se no seu quarto, orando e unguindo-o com óleo. Todos estavam comovidos, todos criam no poder de Deus, mas nada aconteceu.

Os Sternberg voltaram-se para a Bíblia em busca de conforto e direção. Conversaram com pastores e teólogos de todo o tipo; leram todos os livros existentes sobre a razão de Deus permitir o sofrimento. Quanto mais liam, mais ficavam convencidos de que Brian seria curado.

— Descobrimos — disse a Sra. Sternberg —, que Deus ama.

Mais do que isso. Deus é amor. Muitos nos disseram que devíamos aceitar esta tragédia como parte da vontade de Deus para nós. Mas o Jesus que vemos na Bíblia veio para trazer-nos a cura. Onde quer que houvesse dor, Jesus tocava e a saúde era restaurada. Ele jamais amaldiçoou ou afligiu ninguém. Jesus foi a linguagem de Deus para o homem. Jesus viveu o que Deus de fato é. Poderia Deus ter mudado a sua linguagem? Poderia a condição do nosso filho contradizer o que Deus revelou como sendo ele mesmo?

— As pessoas diziam-nos: Olhe para o benefício que adveio da tragédia; talvez Deus, na sua sabedoria, soubesse que Brian iria afastar-se dele; assim, permitiu que este sofrimento acontecesse. Mas, o Deus que achamos no Novo Testamento é um Deus que respeita o homem, a ponto de dar-lhe liberdade, até mesmo para rebelar-se contra ele. Nós cremos que o Espírito Santo seja cavalheiro. Ele sugere e insiste, mas jamais força.

Outros cristãos que se defrontaram com sofrimento extremo acharam conforto em aceitá-lo e partir, então, daquele ponto. Obviamente, Deus não se compraz em ver-nos sofrer.

Mas, de algum modo, ele o permite. Os Sternberg, entretanto, não se satisfazem com a aceitação.

— Falando claramente —, continua a Sra. Sternberg, — acho que Deus também não está feliz com a condição de Brian. A julgar pela Bíblia, Deus deseja-nos uma vida plena e abundante. É a integridade física e moral, é saúde, não o corpo ao qual Brian está preso.

— Vontade de Deus. Isso pode ser usado como uma resposta piedosa para toda e qualquer pergunta. Mas Deus é misterioso e profundo. jamais conseguiremos aprender tudo sobre ele.

Não podemos parar a nossa busca, tornar-nos fatalistas, e dizer que foi feita a vontade de Deus. jamais soube que Jesus tivesse dito a um cego: Desculpe, meu amigo, eu gostaria de ajudar, mas Deus está tentando ensinar-lhe alguma coisa; portanto, acostume-se com a sua cegueira. — Quando Jesus viu o cego, curou-o. E ele nos ensinou a pedir a Deus que a sua vontade fosse feita aqui e nos céus.

Ela fez uma pausa. As palavras eram fortes, e vieram com uma experiência de dor, que poucas pessoas possuem. Apoiou o queixo nas mãos.

— Não conseguimos saber todas as respostas nesta vida.

Vivemos pela fé. Brian, meu marido e eu estamos fortemente presos ao amor de Deus. Se algo, como o acidente, não combina com o seu amor, não achamos que venha dele.

— Não sei por que Brian ainda não anda. Creio que Deus seja Todo-poderoso, mas também creio que é limitado por si mesmo. Satanás tem poder. Acho que é do interesse de Satanás que nós sejamos incapacitados. Alguma coisa nos impede de ter aquela inteireza ideal. Satanás explora nossa fraqueza, como um boxeador esmurrando um maxilar machucado ou um olho ensangüentado. Ele não desiste.

Enquanto ela falava da batalha travada entre o Bem e o Mal, pensei nos ataques de Satanás a Jesus enquanto aqui na terra. A matança dos menores de dois anos, tentações, traição e, finalmente, morte. Depois da morte de Jesus, Satanás deve ter-se sentido vitorioso. Mas Deus transformou a aterradora e horrível morte do seu próprio Filho em sua mais completa vitória.

De maneira muito mais sutil, e em menor escala, Deus também usou a tragédia de Brian, trazendo-o para si, bem como a centenas de outras pessoas. Será que ele ainda agirá maravilhosamente eliminando a tragédia com uma cura espetacular, da mesma maneira que exterminou a morte com uma ressurreição? É neste alvo que estão todas as esperanças dos Sternberg. A Sra. Sternberg continua:

— Na condição de Brian, ninguém jamais conseguiu andar.

Ninguém. Mesmo assim, continuamos a acreditar. Não tenho a mínima idéia de quando Deus vai curar Brian. É bem possível que esta batalha não seja vencida aqui na terra. Algumas pessoas são curadas pela oração. Alguns não são curados neste mundo. Mas, isso não modifica o desejo de Deus para nossa integridade: corpo, mente e espírito.

— Não desistiremos. Somos como os médicos que fazem pesquisas sobre a cura; não iremos parar as nossas investigações. Achamos que Deus se compraz com a perseverança.

### *Duas Imagens*

Desde 1963, os anos não têm sido só de desespero. A paralisia do tórax tem cedido aos poucos, algumas vezes até 1cm por ano. E mais um

pequeno milagre: em todos esses anos de fadiga e tensão, nem o pai nem a mãe de Brian ficaram doentes, um dia sequer.

Os Sternberg descobriram algo que também lhes dá força. É o conceito da definição da doença. Ela é um mal. Todo o mal que existe entre mim e Deus, entre mim e outro ser humano, ou simplesmente dentro de mim, é realmente um mal, e precisa ser curado, precisa ser restaurado!

Durante dois anos e meio, eles pediram a Deus que mandasse um pastor à sua cidade, que fosse um instrumento de Deus na ação contra contingências maléficas. Finalmente isso aconteceu! Numa igreja de Seattle, num domingo por mês, à noite, há um culto em que são atendidas pessoas doentes ou com outras necessidades. Aqueles que desejam ir à frente, despendem alguns minutos em silêncio com o pastor, enquanto toda a congregação dirige a Deus as suas preces em favor da pessoa necessitada. Os resultados têm sido maravilhosos, e a igreja tem-se tornado notavelmente unida. Muitas outras igrejas, em outros lugares, têm seguido essa prática.

Algumas pessoas acharam que os resultados dessa prática já eram motivos para essas tragédias. Mas, para os Sternberg isso não é justificativa. — Acreditamos num Deus amoroso. — Dizem eles.

Amor, como aquele demonstrado por Jesus. E pretendemos contar isso ao mundo.

Era tarde, e a nossa conversa terminou. Antes, porém, de partir, pedi que me mostrassem os troféus esportivos de Brian. Fomos a um quarto atulhado de troféus, placas e certificados. Um deles afirmava Brian ter sido o mais notável atleta do continente em 1963.

Uma fotografia na parede chamou-me a atenção. Mostrava-o quebrando o último recorde mundial em Compton, na Califórnia. Ele estava flutuando horizontalmente acima da barra, com os braços para frente, cada músculo do corpo encrespado e tenso. A ação foi congelada por um instante e, de um certo modo, congelada para sempre. Meu coração comoveu-se de dor e tristeza. Acabara de ver e de conversar com a mesma pessoa, que era agora apenas uma sombra daquele corpo magnífico. Era verdade que Brian crescera emocional e espiritualmente. Mas, de uma certa maneira, ele havia encolhido. A dor desgasta. Consumiu mais de uma década de sua vida. Ele já estava com trinta e cinco anos.

As duas imagens estavam vívidas na minha mente quando saí para o vento frio de Seattle. O Brian da foto e o Brian real do momento, o corpo inútil, dobrado, deitado sobre a cama onde ele continuará amanhã, depois e depois ... até quando?

E se fosse comigo? Como eu me sentiria? Iria eu racionalizar, ou aceitar, ou revoltar-me? E se eu pudesse crer, iria a minha fé sobreviver todos esses anos? Estavam os Sternberg certos ao apostarem tudo num milagre que ainda não veio apesar de milhares de orações? Estariam eles errados? Estariam ditando condições a Deus? Deveriam eles aceitar e louvar ao Senhor mesmo assim” como alguns sugeriam?

Não sei. O que mais sobressaía era a qualidade da sua fé, ardente e lutadora.

Mas, não era pena o que eu sentia por Brian. Era uma certeza muito grande de que ali havia força. Uma força persistente, ainda que os objetivos jamais fossem alcançados.

Enquanto o carro freado descia a ladeira íngreme, lembrei-me de uma analogia usada por Paul Tournier, na qual ele compara a vida cristã a um espetáculo de trapézio.

Pode-se balançar na barra, fazer exercícios e desenvolver os músculos, o quanto se queira. Mas, se alguém quiser sobressair, precisa soltar a barra, e alcançar o trapézio seguinte sem rede alguma por baixo. Brian iria gostar da analogia, pensei. Ele sabe o que significa soltar a barra.

Há muito tempo os Sternberg soltaram as amarras e contaram ao mundo que eles acreditarão sempre em Deus, a despeito do que possa acontecer ou não . . . É para Brian quase que uma vocação. Muitos ao seu redor não compartilham, mas os Sternberg não perderam a fé. Parti, emocionado com a fé obstinada daquela família.

Quando acordo de manhã, deitada de costas, esperando que alguém venha até minha cama para me vestir, é que vejo o quanto necessito dos outros. Não posso nem mesmo pentear o cabelo, ou limpar o nariz sozinha.

Joni Eareckson

## *Usando os Pés Para Dançar*

Passaram-se alguns meses entre as visitas feitas a Brian Sternberg e a Joni Eareckson. Eu já ouvira falar nela.

Conhecia parte da sua vida e antecipava, portanto, o mesmo ambiente encontrado na casa dos Sternberg, isto é, uma luta constrangedora e sem fim misturada com fé firme e imorredoura. Que mais poder-se-ia esperar de uma pessoa jovem com um corpo que não funcionava? Mas o ambiente na casa da Joni, que por um acaso também ficava no outro extremo dos Estados Unidos, era completamente diferente.

Vai-se até a casa de Joni Eareckson ladeando um riacho de Baltimore, que se transformou numa torrente quando o furacão Agnes devastou a região há alguns anos. O ribeirão está agora tranqüilo e lindo.

A estrada serpenteia por entre colinas altas e escarpadas.

Uma floresta de madeira de lei ladeia a estrada até o topo da colina mais alta, de onde se descortina subitamente um panorama arrebatador. Lá no alto, fica a casa de Joni. É uma casa rústica feita de grandes pedras arredondadas e de madeira talhada a mão, construída caprichosamente por seu pai. Bem à frente do chalé, está uma grande cocheira, também de construção artesanal de pedra e madeira de primeira qualidade.

O estúdio de Joni situa-se no alto da montanha, com paredes de vidro que lhe dão uma maravilhosa visão panorâmica. Um lindo garanhão castanho costuma pastar no vale, a cauda sempre em movimento. Um cão dinamarquês corre pelo gramado.

Muitos artistas vivem escondidos em cenários rústicos como este. A vida de Joni é diferente da deles. Jamais ela deixa o seu estúdio, a não ser que alguém a empurre. E ela desenha com uma caneta presa entre os dentes. É preciso que assim seja. É parálitica. Suas mãos são flácidas e inúteis.

Quando adolescente, Joni ia muitas vezes à cabana. Costumava cavalgar pelas trilhas da floresta a uma velocidade incrível, chapinhar no riacho com o cão dinamarquês, e jogar bolas de basquete contra uma tabela ao lado do chalé.

Algumas vezes, chegou mesmo a tomar parte em caçadas às



raposas dentro da sua propriedade.

Atualmente, porém, o exercício diário de Joni consiste em pequenos movimentos. Ela consegue mexer o braço com um movimento de bíceps e ombro conjugados. Desta maneira, prendendo um garfo a um entalhe de metal do suporte que lhe chega até a mão, ela pode alimentar-se sozinha. E, usando unhas bem compridas, ela consegue virar as páginas de um livro. Passa a maior parte do tempo desenhando, com balanços e inclinações da cabeça, enquanto mantém firmemente uma caneta entre os dentes.

Vagarosamente, o seu desenho vai tomando forma.

Quando a visitei, o acidente tinha ocorrido havia dez anos, um engano de dois segundos que transformou completamente a vida de Joni. Mas, o seu estado de espírito sempre animado não mudou. Seu rosto é resplandecente, seus olhos brilhantes e expressivos. O seu entusiasmo é tão efervescente que se pensa logo naqueles antigos cursos, em que se ensinava a pensar positivamente. O entusiasmo de Joni, porém, brotou da tragédia.

### *Mergulho Fatal*

O verão de 1967 foi muitíssimo quente e úmido. O mês de julho estava sufocante. Andei a cavalo de manhã, e estava com tanto calor que só um mergulho na baía era capaz de refrescar-me. Minha irmã Kath e eu fomos até a praia da Baía de Chesapeake e mergulhamos nas sombrias águas.

Eu não me satisfazia em dar algumas braçadas ou banhar-me em águas rasas. Queria nadar livremente com bastante água. Uma balsa a uns cinquenta metros era um alvo perfeito e Kathy e eu nadamos rapidamente até lá. Éramos ambas esportivas e um tanto imprudentes.

Quando alcancei a balsa, subi nela e rapidamente mergulhei.

Foi um movimento súbito, feito quase sem pensar. Senti o choque da água... e depois um baque atordoante... minha cabeça bateu de encontro a uma pedra — no fundo.

Braços e pernas dançaram. Senti um forte zumbido, semelhante a um choque elétrico acompanhado de intensa vibração. Não houve dor.

Não conseguia mexer-me. Meu rosto estava enterrado na areia áspera, mas não podia levantar-me. Meu cérebro dava ordens aos músculos para nadarem, mas não havia reação.

Prendi a respiração, orei e esperei, lá no fundo.

Depois do que pareceu ser um minuto, ouvi Kathy chamando-me, com voz fraca, abafada, que vinha da superfície. Sua voz tornou-se mais clara e próxima, e então vi a sua sombra justamente acima de mim. Ouvi-a dizer: — Você mergulhou aqui? É tão raso.

Kathy achou-me, tentou levantar-me, e cambaleou. “Ó Deus, quanto tempo ainda”, pensei. Tudo tornou-se escuro. Quando estava a ponto de desmaiar, a minha cabeça chegou à superfície e eu me engasguei com uma grande golfada de ar.

Tentei segurar-me a Kathy mas meus músculos não reagiram.

Ela colocou-me sobre os ombros e começou a andar em direção à praia. Foi com horror que vi meus braços e pernas sem movimento, pendentes do seu ombro. Tinha perdido o comando do meu corpo.

Uma ambulância levou Joni apressadamente da solidão da baía para o frenético movimento do Hospital da Cidade de Baltimore. Foi colocada numa pequena sala protegida por cortinas. Uma enfermeira anotou os seus antecedentes médicos. Outra cortou fora a sua roupa de banho, novinha em folha, deixando-a exposta e sentindo-se ainda mais indefesa. Veio um médico com um enorme alfinete de metal e começou a perguntar:

— Está sentindo? — à medida que lhe cutucava os pés, barriga da perna, dedos e braços.

Procurando concentrar-se ao máximo, Joni só reagiu quando ele testou-lhe os ombros.

Depois de uma consulta rápida com outros médicos, um deles — o Dr. Sherrill — cortou fora os graciosos cabelos loiros de Joni com tesoura elétrica e uma enfermeira raspou-lhe a cabeça. Então ela ouviu o zumbido de uma broca elétrica.

Começou a perder a consciência. Lembrava-se apenas de que alguém segurava a sua cabeça, enquanto o médico fazia dois buracos, um de cada lado do crânio.

## *O Espelho*

Ao acordar, encontrou-se presa a uma armação Stryker semelhante à armação Foster de Sterriberg). Seu rosto aparecia através de um buraco feito na lona à qual estava presa. De duas em duas horas, a enfermeira virava a armação.

Dois paisagens: a do assoalho e a do teto.

Dois ganchos, que pareciam pinças de gelo, inseridos nos buracos da sua cabeça, presos a um dispositivo de mola puxavam-lhe a cabeça para longe do corpo.

Apesar da falta de mobilidade e da atmosfera depressiva da Unidade de Terapia Intensiva, Joni sobreviveu às primeiras semanas em bom estado de espírito. A dor era pouca, e os médicos tinham esperança de que alguns nervos se recuperassem. Naqueles primeiros dias, o seu quarto esteve apinhado de visitantes, flores e presentes. As suas duas irmãs espalhavam revistas no chão para que ela pudesse ler.

Depois de quatro semanas, quando Joni já tinha passado o período crítico, o Dr. Sherrill executou uma operação de fusão na medula espinhal. A princípio, Joni estava exultante, absolutamente convencida de que a cirurgia resolveria os seus problemas e ela poderia andar novamente.

A cirurgia foi bem sucedida, mas naquele mesmo dia o Dr. Sherrill foi franco com ela.

— Joni, — disse ele, — sinto muito, mas o dano é permanente.

A cirurgia não modificou o quadro clínico. Você jamais poderá andar. Os seus braços terão movimento limitado.

Pela primeira vez, essa verdade penetrou-lhe o espírito. Até então, ela esperava alguns meses mais de tratamento, e cura completa depois de um período de recuperação.

Repentinamente, compreendeu que todo o seu estilo de vida iria mudar. Não haveria mais carros esportivos, cavalgadas, nem jogos. Provavelmente, nem namorados. Nunca.

— Fiquei arrasada; — recorda ela, — minha vida tinha sido muito movimentada. Tinha o maior número de atividades escolares possíveis.

De repente, encontrei-me sozinha, um mero corpo imóvel entre dois lençóis. Passatempos e tudo o que possuía não significavam nada para mim. Jamais poderia cavalgar aqueles bonitos cavalos, ficar em pé nas suas espáduas, como costumava fazer. Não poderia nem alimentar-me sozinha. Só poderia dormir e respirar — tudo o mais outros fariam por mim.

Amarrada à lona, com o rosto para baixo, Joni viu lágrimas quentes e salgadas rolarem-lhe pelo rosto e pingar no chão.

O nariz começou a escorrer e ela teve de chamar uma enfermeira. Até para chorar ela precisava de auxílio.

Alguns dias mais tarde, Joni ainda ficou muito mais deprimida. Duas coleguinhas vieram visitá-la pela primeira vez. Tinham ainda em mente a imagem de Joni como ela havia sido: vivaz, desportista. Por esse motivo, elas estavam completamente despreparadas para ver Joni depois de tantas semanas de hospital. Chegaram ao lado de sua cama, e seus queixos caíram. — Meu Deus! — sussurrou uma delas.

Chocadas, permaneceram num silêncio embaraçoso, e então saíram correndo. Joni ainda ouviu uma garota vomitando e outra soluçando do lado de fora. Começou, então, a imaginar o que teria acontecido de tão horrível para causar tal reação.

Dentro de alguns dias, descobriu. Joni pediu um espelho a uma visitante, Jackie, que lhe deu uma desculpa qualquer.

Joni insistiu. Nervosamente, Jackie trouxe-lhe um. Joni olhou-se ao espelho e exclamou: — Meu Deus, como podes fazer isso comigo?!

Ela viu no espelho uma pessoa com olhos injetados, com olheiras muito profundas. A pele era de um amarelo embaçado; os dentes enegrecidos pelos remédios. Sua cabeça ainda raspada tinha grampos de metal de cada lado. Seu peso tinha diminuído de 57 para 36 quilos. Joni soluçou gemendo:

Jackie, preciso que me ajude. Faça uma coisa por mim.

Não agüento mais. — O que é, Joni? Faça o que você quiser.

— Ajude-me a morrer, Jackie. Traga-me umas pílulas, ou mesmo uma lâmina de gilete. Não posso viver num corpo grotesco como este. Ajude-me a morrer, Jackie.

A garota não pôde fazer tal coisa, apesar da triste condição de Joni. Assim, Joni chegou a outra conclusão cruel: ela era incapaz até de morrer por sua própria vontade.

### *Plenitude*

Depois daquele terrível dia no hospital, milhares de pessoas já se encontraram com Joni. Ela é uma conferencista popular em banquetes, acampamentos, grupos jovens, e grandes convenções. Aparece em programas de televisão e em revistas. A sua arte enfeita cartões, cartazes, e papel de carta em lojas por todos os Estados Unidos. Quase todos os que se encontram com ela, ficam mais felizes e mais esperançosos. Não é mais aquela garota murcha e em estado deplorável refletida pelo espelho naquele dia.

Faz parte da pesada carga dos aleijados o fato de que os mais simples atos da vida, como cuidar da casa, comer e vestir, requeiram tremendo esforço. Joni conseguiu vencer essas contingências e sustentase agora com a venda dos seus trabalhos de arte e com a sua própria livraria. Como foi que ela conseguiu isso? — Certa vez, durante aqueles dias depressivos no hospital, quando a vida consistia em ser virada de cima para baixo, e de baixo para cima, para aliviar as escaras, um visitante tentou animar-me. Ele recitou um versículo bíblico, uma promessa que Jesus deixou para seus seguidores: “Eu vim para dar vida, e vida em abundância. “

— Eu estava tão amargurada e tão descrente, que o simples pensamento de tal coisa era uma zombaria. Vida em abundância? Por mais que me esforçasse, o máximo que podia prever era uma vida pela metade, ou uma forma de vida inferior, deplorável. Sem esporte, sem amor, sem casamento... Nada.

— Nos últimos anos, a minha perspectiva transformou-se.

Acordo diariamente dando graças a Deus pelo que me dá. De algum modo, e só depois de três anos, compreendi isso. Deus mostrou-me que eu, também, posso ter vida abundante.

A primeira lição de Joni foi a primeira lição de toda pessoa com defeito físico: aceitar seu estado e suas limitações. Fechar os olhos e lamentar sua horrível condição física não levava a nada. O fato de assim o desejar não mudava a fisionomia que ela tinha visto no espelho. Teve de

aceitar a si própria como quadriplégica e descobrir novas maneiras de lutar e vencer.

O processo foi doloroso. Quando o namorado de Joni punha os braços ao seu redor para apertá-la, ela não o sentia.

Estava continuamente tentada a fantasiar. Passava horas com os olhos fechados, imaginando como seria se ela ficasse curada. Teria um noivo, dirigiria um carro esporte, faria longas caminhadas pelo bosque, tomaria parte nos jogos da faculdade... As possibilidades eram infinitas. Mas não tinham valor algum, pois Joni logo aprendeu que esse tipo de fantasia não lhe suavizava a vida. Apenas retardava-lhe a auto-aceitação.

Joni também descobriu que as pessoas “normais” ficavam embaraçadas perto de pessoas aleijadas. Ao falarem com ela, algumas procuravam pronunciar as palavras claramente e em tom alto, usando palavras muito simples, como se ela tivesse uma deficiência mental. Na calçada, ao ser empurrada na cadeira de rodas, os pedestres afastavam-se a um metro e meio de distância, indo para o meio-fio a fim de deixá-la passar, apesar da calçada ser suficientemente larga para ambos. Ela compreendeu porque alguns aleijados não tinham vontade de sair do hospital para enfrentar o mundo. Lá dentro, eles eram as pessoas normais. Todos tinham suportes, ou talas, ou tração, ou ataduras de gaze. E os profissionais eram pessoas treinadas para cuidar deles e compreendê-los.

Amigos ajudaram-na. Uma das suas mais emocionantes memórias daquele tempo, é um fato acontecido um ano depois da tragédia. Num momento de loucura, um amigo empurrou a sua cadeira de rodas sobre a areia da praia, correndo, levando-a para dentro da forte arrebentação das ondas. Joni deu gritos de alegria. Ela jamais poderia banhar-se na arrebentação, nas ondas retumbantes, mas pôde ao menos sentir a maré marulhante e o respingar salgado de encontro às suas faces. Ela ficava feliz, quando as pessoas tratavam-na despreocupadamente, ao invés de serem sempre cuidadosas e delicadas.

Mas, até mesmo a habilidade de sentar-se em uma cadeira de rodas foi precedida por meses de terapia angustiante. Depois de ficar deitada horizontalmente durante meses, Joni foi sendo gradualmente levantada à posição vertical, embora sentada. A primeira vez que uma enfermeira levantou-a num ângulo de 45°, ela quase sofreu um colapso por causa das náuseas e da tonteira, enquanto seu coração tentava ajustar-se às

novas demandas.

Escaras horríveis tinham aparecido. No fim da medula espinhal e nos quadris projetavam-se ossos em pontas salientes. Para aliviar as pressões, os médicos operaram-na (com Joni perfeitamente consciente, pois ela não precisava de anestesia por não sentir dor) limando as protuberâncias.

Mais semanas deitadas na cama, e depois a repetição dos extenuantes exercícios para poder sentar-se novamente. As vezes a pele arrebentava ao redor dos ossos, e ela precisou submeter-se à cirurgia diversas vezes.

Nesses tempos difíceis, Joni muito dependeu do apoio emocional dos amigos. Um grupo de estudantes cristãos esteve em contato constante com ela. Certa vez, eles a surpreenderam agradavelmente, introduzindo sorrateiramente um cãozinho em seu quarto de hospital. Ela riu satisfeita quando o pequeno animal lambeu-lhe o rosto.

### *Uma Demora de Quarenta Anos*

A princípio foi-lhe difícil reconciliar a fé com o conceito de um Deus amoroso. Parecia-lhe que todas as dádivas recebidas de Deus, todas as boas coisas que lhe proporcionaram uma adolescência ativa, tinham-lhe sido roubadas. O que lhe restava?

O retorno para os braços de Deus foi lento. A substituição da amargura por confiança no Senhor arrastou-se por três anos de lágrimas e indagações violentas.

Houve uma noite em que Joni convenceu-se de que Deus não compreendia. A dor atingia-lhe as costas de tal maneira que só os paráliticos sabem o tormento que é. Geralmente, as pessoas podem coçar-se, movimentar um músculo doído, ou dobrar um pé com câimbra. O paralítico é obrigado a ficar quieto, indefeso, e sentir a dor.

Cindy, uma das melhores amigas de Joni, estava ao lado da cama, tentando desesperadamente encorajá-la. Finalmente, num impulso, ela falou sem pensar:

— Joni, Jesus sabe como você se sente. Você não é a única.

Ele também esteve paralisado. Joni dardejou-lhe um olhar. — O

quê? Sobre o que está falando? Cindy continuou:

— É verdade. Lembre-se que ele foi pregado numa cruz. As suas costas estavam esfoladas com os açoites que recebera, e ele deve ter desejado um jeito de mudar de posição, ou distribuir melhor o peso. Mas ele não podia. Estava paralisado pelos pregos.

Joni começou a pensar. Jamais lhe havia ocorrido que Deus tivesse sentido as mesmas agudas sensações que lhe torturavam o corpo. A idéia foi-lhe profundamente

confortadora.

Senti Deus incrivelmente perto de mim. Já tinha compreendido o quanto me era importante o amor dos meus amigos e da minha família. Naquele momento passei a compreender que Deus também me amava.

Poucos de nós podemos dar-nos ao luxo de chegar à estaca zero com Deus. Custei muito a chegar a tal ponto. Antes do acidente, minhas perguntas tinham sido: “Como posso encaixar Deus nesta situação? Qual a influência dele sobre a minha vida amorosa? Sobre os meus planos futuros? Sobre as coisas de que gosto?” Não havia mais opções depois do acidente. Era só eu, um corpo inútil, e Deus.

Não podia identificar-me com pessoa alguma, a não ser com Deus. Aos poucos, ele se tornou suficiente para mim.

Senti-me esmagada com o fenômeno de um Deus pessoal, que criou o universo, viver em mim, e, em minha vida. Só ele poderia tornar-me atraente e de algum valor. Não poderia viver sem ele.

Durante os primeiros meses, até durante os primeiros anos, fiquei absorta com as perguntas não respondidas sobre o que estava Deus tentando ensinar-me. No âmago do coração, eu provavelmente esperava que, ao entender as idéias de Deus, aprenderia uma lição e ele me curaria.

Calculo que todos os cristãos com experiências semelhantes à minha voltam-se para o livro de Jó afim de conseguir as respostas desejadas. Jó foi um homem de coração reto que sofreu muito mais do que se possa imaginar. Estranhei, porém, ao notar que o livro de Jó não responde às perguntas do por quê Deus permite que as tragédias aconteçam. Sabe-se apenas que Jó se apegou a Deus, e ele o recompensou.



Perguntei a mim mesma se era isso que Deus queria de mim.

Deixei de exigir uma explicação de Deus para depender humildemente dele.

Bem, estou parálitica. É horrível. Detesto esta situação.

Mas poderá Deus ainda usar-me, mesmo parálitica? Mesmo parálitica, poderei ainda adorar a Deus e amá-lo? Então ele me ensinou que eu podia.

Pode ser que a dádiva de Deus para mim tenha sido a minha completa sujeição a ele. Jamais serei auto-suficiente, e se chegasse a sê-lo Deus seria expulso da minha vida. Estou consciente da sua graça para comigo a cada momento. Quando acordo de manhã, deitada de costas, esperando que alguém venha até minha cama para vestir-me, é que vejo o quanto necessito dos outros. Não posso nem mesmo pentear o cabelo, ou limpar o nariz sozinha!

Tenho, porém, amigos que cuidam de mim. Tenho a beleza do panorama. Com o produto da minha arte, posso até mesmo sustentar-me financeiramente, o sonho de toda pessoa aleijada.

A paz que realmente vale é a paz interna, e essa dádiva tenho recebido de Deus que a tem dado com abundância.

Ainda há mais. Tenho esperança no futuro. A Bíblia diz que nossos corpos serão “glorificados” no céu. Quando eu estava no ginásio esse conceito me era vago e estranho. Agora sei, agora compreendo que serei perfeitamente curada. Não fui passada para trás. Tenho apenas de esperar uns quarenta anos, e até lá Deus estará sempre comigo.

Ser “glorificada”. Agora sei o que isso quer dizer. É a ocasião, depois da minha morte, em que estarei usando os meus pés para dançar.”

### *A Nova Cocheira*

Depois de dois anos de reabilitação, Joni conseguiu manobrar uma cadeira de rodas motorizada, suficientemente bem para até apostar corrida nos largos corredores do hospital. Ela matriculou-se num curso universitário de “Como falar em público” e, mais tarde, tornou-se uma conferencista muito procurada.

Joni cativa a audiência. Está sempre impecavelmente vestida, com o cabelo lindamente penteado. Quando se dirige ao público, conta as particularidades do acidente e a sua longa recuperação. Suas palavras fluem clara e naturalmente.

O que a audiência mais aprecia é o seu amor e entusiasmo pela vida. Seus membros continuam imóveis, mas os olhos e o rosto brilham. Ela descreve o chalé e o lindo cenário visto do seu estúdio.

— Apesar de não poder chapinhar no regato, nem cavalgar os cavalos, — diz ela, — posso sentar-me do lado de fora, e todo o meu ser é inundado com perfumes, com texturas e panoramas maravilhosos.

Ela reproduz estas cenas, algumas vezes perante a audiência, com o processo incrível da pintura com a boca.

Nas palestras, Joni refere-se continuamente à sólida cocheira que fica perto do seu estúdio. É o lugar preferido de Joni, em toda a fazenda. É ali que estão as memórias mais caras: o cheiro doce do feno, o barulho dos cascos dos animais fogosos, e os cantos escuros em que ela brincava quando criança.

Joni descreve o encantamento, a beleza, e o orgulho do pai de ter feito ele mesmo a cocheira. Mas, depois, ela descreve uma lembrança horrível: o fogo ateadado por vândalos que praticamente destruiu a cocheira. A cena terrível está indelevelmente gravada em sua mente: os gritos selvagens dos seus queridos cavalos, o cheiro de carne queimada, os esforços desvairados da sua família e dos vizinhos a fim de conter o fogo.

A história, entretanto, não acaba assim. O pai, curvo e deformado pela artrite, começou a árdua tarefa de reconstruir a cocheira. Os alicerces eram os mesmos, e em cima deles ele colocou novas pedras grandes e arredondadas, novas vigas e novas tábuas. A segunda cocheira, a reconstruída, é tão magnífica quanto a primeira.

— Sou como aquela cocheira, — diz Joni. — Pensei que a minha vida tivesse sido esmagada. Mas, com o auxílio de Deus e dos meus amigos, ela foi reconstruída. Podem agora entender por que sou tão feliz? Recuperei aquilo que pensava ter perdido para sempre: a vida em toda a sua plenitude.

## *Dois Seres Que Sofrem*

Joni Eareckson e Brian Sternberg representam todas as pessoas infortunadas para quem a dor e o sofrimento são companheiros diários. Membros paralisados, corpos arruinados pelo câncer, dores de cabeça latejantes, tudo isso é aflição, e as suas vítimas indubitavelmente se afastarão de um conceito tal como “a dádiva da dor”. Para elas, a frase deve soar vazia e sádica; a dor deixa de ser algo de natural para transformar-se em um monstro.

Entretanto, o que muito me impressionou foi o fato de Brian e Joni terem achado uma maneira singular de continuar, e a confiança que têm em Deus é parte integral do processo de sobrevivência.

Brian defronta-se honestamente com a causa. Será Deus responsável? Ele e os seus pais estão convencidos de que a situação é tão abominável para Deus quanto para eles. As suas conclusões são contrárias a algumas idéias deste livro, porque Brian não as admite para o seu terrível infortúnio.

Apesar de reconhecer que Deus providencialmente usou o seu sofrimento para o bem, ele não aceita o conceito de que Deus pode permitir tal condição até o fim da sua vida. Ele aposta na sua fé, quase na sua teologia, na esperança de sua cura.

Mas, até mesmo esse ponto de vista, que se torna cada vez mais intolerável para os amigos dos Sternberg, chega a ser um retorno absoluto para Deus. Brian aprendeu a confiar e a crer num Deus de amor e de grande valia, apesar dos seus tormentos, pelos quais poucos hão de passar. É claro que no céu Brian andarás com todo vigor, ao lado de Jó, Habacuque, ou Corrie ten Boom, que viram o mundo naquilo que ele tem de pior e assim mesmo creram.

Brian apresenta uma qualidade que pode ser aprendida por todos que sofrem. Sustenta o a fé ardente e combativa. Para ele, a fé num milagre. Para outros, seria talvez fé na reabilitação ou na habilidade de Deus em usá-los apesar da tragédia das suas vidas.

A dor de Joni Eareckson, exceto por breves momentos, tem sido psicológica. Entretanto, os que a ouvem sentem-se envergonhados do seu próprio sentimento de amargura. A sua vida é marcada com a tônica do triunfo e da alegria. Depois de uma longa controvérsia com Deus, ela

voltou-se para ele.

Deus deu-lhe, então, uma profundidade que chega a abalar cristãos maduros.

Graças a Deus, poucos de nós precisarão enfrentar as duras experiências de Joni ou Brian. Eles fornecem um corpo incrivelmente experimental ao esqueleto da fé. As suas vidas enquadram-se perfeitamente bem na “dádiva da dor”, pois apesar do sofrimento cruel não foram esmagados por ele.

Quanto mais profundo o abismo, maior é o amor de Deus. A fé que eles têm faz com que a minha dor seja mais fácil de suportar.

Penso na afirmação profunda e triunfante de Jesus em João 16:33: “No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo”. Essa declaração foi por ele pronunciada com toda a serenidade. Posso imaginar.

Aquilo que não me destrói torna-me mais forte.

John Perkins

### *Outros Testemunhos*

Graças ao meu ofício de escritor, tenho entrado em contato com diversos líderes cristãos, os “astros” que promovem conferências e cujas fotografias aparecem frequentemente em revistas religiosas. Muitos são atletas ou artistas que se sobressaem pelo fato de serem cristãos. Alguns deles são desconhecidos do público, mas são pessoas que possuem uma boa dose de sabedoria cristã. De todos esses, um há que me impressionou vivamente e de quem trago gratas recordações.

Tenho na minha memória um lugar especial para ele. É do interior do estado do Mississippi e mora perto da cidade de Mendenhall. É uma personalidade incrível. Quando deixei a casa do Sr. Buckley, parecia-me que tinha estado na presença de um santo.

Certa vez um grupo de estudantes universitários, fascinados pelas histórias contadas pelo Sr. Buckley a respeito do Sul dos Estados Unidos, em tempos já idos, vieram entrevistá-lo com um gravador cassete. Ele falou durante três horas e meia. Quando parou para tomar um copo d’água, bebeu-a de um trago só, e anunciou:

— Bem, estamos agora em 1901. — O Sr. Buckley tem quase noventa anos.

A casa dele é o mais lindo lar de negros que já visitei no Condado de Simpson, em Mississipi. Do lado de fora, é toda de tijolos. Do lado de dentro, é toda forrada de lambris de madeira. Tem quatro ou cinco grandes aposentos. Na maioria das vezes, entretanto, o Sr. Buckley costuma passar os dias numa cadeira de balanço de madeira ao lado do fogão, lá na cozinha, bem do jeito que ele costumava ficar junto ao fogão de lenha no barraco de um só cômodo, em que vivia no interior do Mississipi. Foi lá na cozinha que o encontrei, balançando, lembrando os tempos antigos, coçando a cabeça, cabelos brancos cortados à escovinha, divertindo-se com as lembranças daqueles tempos. A sua pele era grossa e coriácea, resultado de décadas ao sol de Mississipi.

Moscas zumbiam pelo aposento. A Sra. Buckley cozinhava ervilhas, e de vez em quando o Sr. Buckley limpava a garganta e cuspi no fogo. Tinha boa pontaria.

Ele nasceu vinte e cinco anos depois da abolição dos escravos, e conseguiu sobreviver à revolta e à amargura dos norte-americanos do sul dos Estados Unidos depois da Guerra Civil e da respectiva Reconstrução. Viveu naqueles dias tormentosos em que a Ku Klux Kan começava a organizar—se.

Ouviu as suas ameaças, presenciou a queima das cruzes, ouviu rumores sobre linchamentos e incêndios. E nos anos 60, depois de ser banido durante vinte e cinco anos dos restaurantes dos brancos, dos hotéis dos brancos, e das cabines de votação dos brancos, o Sr. Buckley uniu-se ao movimento dos Direitos Civis. Achando que Deus poderia usá-lo, começou a trabalhar com o Rev. John Perkins no registro de eleitores.

### *Liderando o Movimento*

Naquele tempo, nenhum branco do Condado de Simpson seria capaz de alugar um prédio para os funcionários federais que viessem registrar os negros para fins de eleição. Os negros não possuíam edifícios que pudessem ser usados para tal fim, e os brancos jamais permitiam que os deles lhes fossem cedidos. Finalmente, um funcionário resolveu registrar os eleitores em um terreno atrás do posto de descarga do correio. Era um terreno cercado de arame. Era um condado com mais de

5.000 negros, e somente 50 foram registrados naqueles dias.

Buckley ajudou a fretar ônibus e camionetas para trazer os negros ao correio. Cada novo eleitor sabia dos riscos a que se expunha. Alguns negros que se tinham inscrito na lista de eleitores haviam perdido os empregos. Por vezes, uma multidão hostil de brancos aparecia gritando insultos e ameaças. Todavia, aos poucos, os negros vieram. Negros fortes, acostumados a carregar nas costas pesados fardos de algodão, formaram uma fila de homens decididos, no centro de Mendenhall, dispostos a exigir a aceitação dos seus votos.

Finalmente, cerca de 2.300 foram registrados.

Ao longo desses anos, na condição de líder da comunidade negra das cercanias de Mendenhall, Buckley andou sempre com Deus, e as afrontas e golpes recebidos fizeram dele um homem mais profundo e mais forte. A sua resistência face ao sistema, que tinha intimidado até mesmo pessoas influentes, fez-me pensar nas palavras de Jesus, “Bem-aventurados os pobres”. Não me parecia que a maioria dos pobres do Mississippi fossem muito bem-aventurados. Buckley, todavia, demonstrou quanto os pobres e oprimidos podem ser bem-aventurados. A sua fé em Deus era tudo o que possuía quando os dias eram tenebrosos e as noites longas e insones, plenas de medo. Ele se agarrava à sua fé; com ela convivia como se fosse um velho amigo. Tinha chegado o momento em que Deus viera fazer com ele habitação com familiaridade e desembaraço.

A fé do Sr. Buckley foi duramente testada em dezembro de 1969, quando o ministério local pelo rádio, a cargo do Rev. John Perkins, foi praticamente fechado devido a um sério e violento conflito racial. No fim daquele mês, os Buckley dormiam na sua casa nova, ainda cheirando a tinta, quando o Sr. Buckley acordou repentinamente às 2 horas da manhã.

Sentiu cheiro de fumaça e pulou da cama bem na hora: a entrada da casa estava em chamas, que se arrastavam pelo rodapé em direção ao seu quarto. Por sorte, ele e a esposa conseguiram escapar. Perderam, porém, tudo que possuíam. O fogo tinha sido ateadado por vizinhos.

Ele diz:

— Acho que sofremos muito mesmo. Perdi dois dos meus três filhos, perdi a primeira esposa, e quase morremos queimados naquela noite.

Mas o Senhor diz que não nos prova mais do que podemos suportar. Se nos parece demais, ele ali está bem ao nosso lado, dando-nos a força que não sabíamos possuir.

Atualmente, seu sonho é criar uma pequena igreja em Mendenhall, um exemplo da Igreja do Novo Testamento, onde as pessoas que oram, esperem resposta, e onde as pessoas sejam conhecidas pelo amor que têm umas às outras. Ele falou longamente sobre o seu desejo de ver a congregação crescer.

### *Não Destruido*

— Aquilo que não me destrói torna-me mais forte, disse-me John Perkins quando descrevia as lutas enfrentadas por ele e por Buckley, no Mississippi. O rosto enrugado e pacífico do Sr. Buckley parecia provar essa afirmação. Como um velho e forte carvalho, já experimentado por tormentas e nevascas, o Sr. Buckley deixa transparecer aquela virtude de força e resistência que a maioria dos norte-americanos jamais experimentará. Há algo de incomparável no fato de alguém apoiar-se em Deus nos tempos de provação.

Depois de ter passado algumas horas com Buckley, consegui compreender as palavras estranhas e paradoxais de Jesus ao proferir as Bem-aventuranças. Antes, parecia-me que as palavras de Jesus, “Bem-aventurados os pobres” eram uma espécie de consolo lançado aos menos afortunados, como se fosse uma leve batida nas costas. Mas, ao encontrar-me com certos negros pobres do Mississippi, tive de mudar de opinião. O Sr. Buckley era altamente abençoado com um tipo e qualidade de vida jamais encontrada em outras pessoas, nem mesmo nos “astros” cristãos, aos quais já me referi. A sua fé é sólida, amadurecida e muito experimentada.

O apóstolo Paulo usa uma frase estranha, “A sua força aperfeiçoou-se na fraqueza”. Ela é mal entendida e talvez até mesmo ridicularizada por aqueles que praguejam contra Deus por permitir dor e sofrimento no mundo. Esperamos sempre que os pobres e sofredores sejam rebeldes. Mas em exemplos como os de Paulo e do Sr. Buckley, aquelas palavras vibram alto e bom som; tornam-se verdadeiras. De certa maneira, a dor fortalece as pessoas e acrescenta algo mais. Isso foi dito até de Jesus, “embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hebreus 5:8). Não é por acaso que a maioria das histórias mais inspiradoras sobre a fé tem

como protagonistas pessoas que o mundo considera “derrotadas”. Hesitantemente, C. S. Lewis conclui: “Não estou convencido de que o sofrimento . . . tenha a tendência natural de produzir tais males (revolta e cinismo). Não acho que as trincheiras da linha de frente do sofrimento sejam mais cheias de ódio, egoísmo, rebelião, e desonestidade que em qualquer outro lugar. Tenho visto coisas maravilhosas em alguns grandes sofredores. Na maioria das vezes, os homens tornam-se melhores e não piores com o correr dos anos, e tenho testemunhado que a doença final, aquela que leva à morte, transforma situações nada promissoras em tesouros de energia e mansidão. Se o mundo é realmente um vale de lágrimas, estas lágrimas estão sendo bem proveitosas. ““

### *A Herança de Leo*

Para alguém que não sentiu na carne o ferrão do profundo sofrer, torna-se difícil e até pretensioso escrever sobre os benefícios advindos do sofrimento. Provavelmente a única maneira de apresentar este argumento é através de repetidas ilustrações da experiência humana. Os milhares de pessoas que assistiram ao filme *Leo* Beuerman viram nele outro exemplo de como a beleza de Deus pode ser burilada por intermédio da fraqueza humana.

Leo Beuerman era um singular aleijão genético humano. O seu corpo era todo mirrado, torto e raquítico, além de desproporcional. Ele é apresentado no filme como pessoa adulta, já com sessenta anos de idade, mas a sua altura é de menos de 60cm. Em toda a vida, onde quer que ele aparecesse, as pessoas desviavam rapidamente o rosto. Entretanto, ele não passou os dias em cima de uma cama, nem em sanatório de inválidos. Morou em Iowa com a mãe, numa fazenda, exercendo o respeitável ofício de relojoeiro, embora fosse esse um trabalho torturante para ele. Depois que a mãe, sua grande protetora, morreu, Leo aventurou-se mais no mundo exterior.

Fez uma pequena carreta vermelha. Diariamente, ele procedia a um ritual, doloroso e demorado, de içar a carreta a um trator especialmente planejado. As mãos não eram jeitosas, não lhe obedeciam muito na direção que ele queria. Para apertar um parafuso, ele tinha de tentar muitas vezes.

Ele preferia ignorar o sofrimento que isso lhe causava. E, de qualquer maneira, precisava encher o seu tempo. Assim, Leo, dia após



dia, ia à cidade, de trator. Lá, acionava um sistema de roldanas e descia no local escolhido.

Só então, estava Leo pronto para o trabalho. Dentro da carreta, esperava pacientemente pelos fregueses, com a sua mercadoria — relógios, lápis e canetas — disposta à sua frente. A freguesia era, na maioria, composta de crianças e daqueles que não se incomodavam com sua figura grotesca e deformada.

“É garantido” dizia um cartaz escrito a mão e colocado na carreta. Era a sua filosofia. Jamais Leo pediu esmola, nunca aceitou mais do que o preço justo por suas mercadorias.

Independente e livre, ele atingiu o seu objetivo. Nunca se sentiu revoltado ou com pena de si mesmo. Embora aprisionado a tal corpo, ele conseguiu superar suas próprias dificuldades. Coisas normais a todo mundo, como dirigir, falar, ler, escrever a máquina, foram para Leo objetivos maravilhosos conseguidos com esforço supremo.

Mas atingiu o alvo. Dirigiu o seu trator até a idade de sessenta e cinco anos, quando a vista não mais o permitiu; tinha dirigido quase 20.000 quilômetros na pequena localidade em que vivia. Nos diversos anos que ainda lhe restaram, num lar para anciãos, cego e surdo, ele dedicou-se ao artesanato de bolsas de couro para o seu sustento.

Deixou como herança os seus pensamentos, escritos a máquina com muita dificuldade e com muita dor:

“Não há quem não se sinta, por vezes, solitário e com pena de si próprio. Mas, eu não me dou por vencido facilmente. Já fui fraco e doentio; faço agora o que ninguém achava possível. Trabalho e me sustento, tenho prazer em viver. “Se eu acredito na bondade de Deus? Todos conhecem as seguintes palavras da Bíblia: ‘Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus.’ Baseado em minhas experiências, posso sinceramente afirmar que acredito na sua bondade mais do que nunca. “

Nenhum de nós poderia ter citado esse versículo para Leo Beuerman a fim de confortá-lo na sua adversidade, pois poucas pessoas neste mundo tiveram um sofrimento tão intenso quanto o dele. Entretanto, o fato de ele poder citar o versículo e afirmar a grandiosidade da bondade de Deus é prova de que na fraqueza do homem a força de Deus torna-se perfeita.

Quando os discípulos de Jesus questionaram o Mestre sobre o homem cego, ele primeiro negou que a cegueira tivesse sido castigo por algum pecado. E acrescentou: “. . . mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus” (João 9:3). Em pessoas como Buckley e Leo Beuerman, as obras de Deus estão claramente manifestas. Nós, que estamos do lado de fora observando o sofrimento, esperamos encontrar revolta e amargura. Esperamos que essas pessoas se voltem contra Deus e o incriminem pelas injustiças da vida.

Surpreendentemente, elas encontram nele um consolo que nos envergonha.

### *A Grande Inversão*

O que poderá haver no sofrimento que produza essa inversão, onde a dor pode construir em vez de destruir?

Jesus ensinou claramente que, de certo modo, o mundo encarado do ponto de vista divino inclina-se a favor dos pobres e dos sofredores. Chamado algumas vezes de “teologia da inversão”, este ensinamento pode ser encontrado no Sermão da Montanha e nas afirmações de Jesus de que os primeiros serão os últimos (Mateus 19:30; Marcos 10:31; Lucas 13:30); aquele que se humilha será exaltado (Lucas 14:11; 18:14; Mateus 23:12); “. . . o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve” (Lucas 22:26). A parábola do bom samaritano, e a de Lázaro e o homem rico afirmam a verdade dessa inversão dos nossos valores mundanos.

Estaria Jesus repetindo a idéia bíblica de que a auto-suficiência humana precisa ser esmagada, a mesma auto-suficiência que pela primeira vez manifestou-se no jardim do Éden? Jesus usou linguagem fortíssima ao denunciar o pecado do orgulho e da falsa religião. Se a auto-suficiência é o pecado mais destruidor porque, como um ímã, afasta-nos de Deus, pode-se compreender perfeitamente a vantagem dos pobres e dos que sofrem. Sua dependência e falta de auto-suficiência são-lhes por demais evidentes dia após dia, o que se lhes torna em vantagem. Eles precisam agarrar-se a algo que lhes dê forças, e algumas vezes esse algo é Deus. As maiores atrações da vida — sensualidade, orgulho, sucesso, encanto — estão muito longe das suas existências e não lhes é possível lutar por elas; assim, um grande empecilho ao reino de Deus é automaticamente removido. Buckley e Leo Beuerman não

tinham sonhos de riqueza ou popularidade nem ainda de romances exuberantes.

Estes objetivos estavam além do seu alcance, mesmo que eles os quisessem.

George MacDonald refere-se a esse princípio na sua explicação do Sermão da Montanha, pondo em destaque a frase “humildes de espírito”. Diz ele:

Os humildes, os pobres de espírito, os homens de coração desprezioso, os não-ambiciosos, os desprovidos de egoísmo; aqueles que nunca desprezam os outros, os que jamais procuram receber aplausos; os homens inferiores, aqueles que nada vêem em si digno de admiração e não procuram, por isso, serem admirados pelos outros; aqueles que abdicam de tudo; estes são os homens livres do reino de Deus, são estes os cidadãos da Nova Jerusalém. Os homens que estão cômnicos da sua pobreza absoluta; não os homens que são pobres de amigos, pobres de influência, pobres de aptidão, pobres de dinheiro, mas aqueles que são pobres de espírito, que se “sentem pobres criaturas”; que sabem nada haver neles que os satisfaça, e não desejam coisa alguma que os faça sentir orgulhosos; que sabem que lhes falta muito para que a sua vida valha a pena, para que a sua existência tenha realmente algo de valor, para que estejam aptos a viver; estes são os humildes, estes são os pobres que o Senhor chamou de bem-aventurados.

Quando um homem reconhece que é fraco e sem valor, então a porta do reino de Deus abre-se para ele; a verdade foi reconhecida, e ele começou a conhecer a verdade a respeito de si mesmo. Ele se esquece inteiramente dos méritos das suas antigas realizações; o que passou faz parte dele, mas ficou na retaguarda. O seu interesse volta-se para aquilo que ele não é, para as coisas que estão acima dele e à sua frente.

Desta maneira, os pobres são evidentemente abençoados. As suas vidas diárias demonstram claramente a humildade requerida para a entrada no reino de Deus.

As declarações do Sermão da Montanha (Bem-aventurados os humildes... os que choram... os mansos... os perseguidos) não são apenas um consolo atirado por Jesus para melhorar a auto-imagem das classes menos favorecidas.

São afirmações verdadeiras que refletem a realidade do reino de

Deus.

A simples declaração de Jesus que a Bíblia registra mais do que qualquer outra (quatro vezes) expressa uma verdade paradoxal: “Quem quiser preservar a sua vida, perdê-la-á; e quem a perder de fato a salvará.” Muitas vezes o que parece ser uma tragédia, como a dor e o sofrimento, pode obrigar-nos a “perder as nossas vidas”, tendo como consequência uma aproximação maior de Deus.

Numa oração incluída nas “Precses” de John Donne, encontra-se essa mesma verdade. É uma oração que não pode ser forçada aos que sofrem; ela brotou, entretanto, das mãos de um homem às portas da morte.

Ó Deus mui misericordioso, que aperfeiçoas os teus próprios propósitos, desde as primeiras dores desta minha enfermidade, tu vens me lembrando de que um dia morrerei. À medida que a doença assediava o meu corpo, tu me fizeste lembrar de que eu poderia morrer a qualquer hora. Com os primeiros sintomas, tu me acordaste. Continuei a sofrer e isto fez com que eu me prostrasse e evocasse o teu santo nome. Tu me vestiste com o teu eu ao despir-me do meu ego.

Embotando os meus sentidos para os apetites e prazeres deste mundo, tu estimulaste os meus sentidos espirituais para a compreensão de ti.

À medida que o meu corpo se decompõe, Senhor, minha alma é enaltecida em tua direção. Apressa o ritmo deste processo.

Meu paladar não desapareceu, apenas sentou-se à mesa de Davi para saborear, e para ver, “que o Senhor é bom”. Meu estômago ascendeu à ceia do Cordeiro com os santos no céu.

Meus joelhos estão enfraquecidos, tão fracos que me ajoelho facilmente e apóio-me em ti . . .

E, ó Deus, que apareceste em chama de fogo na sarça ardente, aparece, eu te peço, no meio das sarças e espinhos de minha cruel enfermidade, de maneira que eu possa ver-te e reconhecer-te como o meu Deus, dirigindo-se a mim, mesmo nestes dias lancinantes e espinhosos. Atende-me, ó Senhor, por amor do teu Filho, que não deixou de ser o Rei dos céus pelo fato de tu permitires que ele sofresse ao ser coroado com os espinhos deste mundo.

Do mesmo modo que os gases no corpo humano simulam qualquer

doença, podendo parecer nódulos ou gota, o medo simula qualquer doença da mente.

John Donne Preces

### *Dois Inimigos da Recuperação*

Já encontrei pessoas com reumatismo crônico deformante que só sabem falar em doença. Encontrei também outros que somente consentem em falar de sua dor depois de muita insistência. Qual a razão de comportamentos tão diferentes?

Poucas pessoas experimentarão a dor de uma vida repentinamente cortada, como Brian Sternberg e Joni Eareckson. A grande maioria das pessoas será poupada de uma dor psicológica como a suportada por Buckley e Leo Beurman.

Em geral, as dores aparecem por breves períodos, e com intensidade bem menor. Entretanto, as pessoas não reagem todas da mesma maneira. Haverá algum modo de se prever qual a reação à dor? Poderemos aprender como preparar-nos para a dor, a fim de diminuir o seu impacto? É possível traçar alguns princípios, com base nas experiências de pessoas que sofreram intensamente. Talvez estes princípios ajudem-nos a enfrentar a dor.

### *Intensidades de Dor*

Médicos e cientistas estão descobrindo que a nossa atitude com referência a uma dor específica é um dos fatores principais na intensificação dos seus efeitos.

Há dores — como a do parto ou da tortura de um inquisidor inimigo — que as pessoas consideram necessárias ou prováveis, e estão prontas a aceitá-las. Na realidade, há muitas pessoas que deliberadamente infligem dor a si próprias por razões de beleza. Durante séculos, as mulheres chinesas restringiram violentamente o tamanho dos pés para que estes se conformassem ao seu padrão de beleza. As mulheres do mundo ocidental arrancam sobrancelhas, suportam sol causticante, submetem-se à cirurgia plástica para melhorar as suas fisionomias, tudo para estarem de conformidade com os padrões culturais de beleza. E, na realidade, essas pessoas recebem a nossa

aprovação. Algumas dores, como uma massagem enérgica, sauna ou um chuveiro muito frio, são consideradas agradáveis, expressando entusiasmo pela vida.

Faz também diferença o grau de simpatia que se recebe por certa dor. Graves ferimentos de guerra para um veterano ou dores de cabeça para um importante executivo podem ser exibidos como sinal de coragem ou empreendimento, trazendo portanto satisfação. Dores desprezíveis, menos visíveis, tais como hemorróidas, são lúgubres e irritantes. Trazem constrangimento e não simpatia, e isso intensifica a dor.

Um artigo de uma revista de esportes, Sports Illustrated, expôs em 1976 as reações contrastantes que os atletas tinham à dor. Num esporte como o futebol ou hóquei, todos os participantes estão sujeitos aos mesmos acidentes, aos mesmos ferimentos e às mesmas quedas. Danos em regiões vulneráveis como o joelho são bastante comuns; quando se está no vestiário, antes ou depois dos jogos, pode-se notar os joelhos dos jogadores cheios de manchas vermelhas. Pois, até mesmo eles reagem de maneira diferente.

Alguns atletas conseguem sobressair-se no esporte apesar de sofrer dores lancinantes. Earl Monroe, do time dos Knicks, o herói do basquete, não presta atenção à sua artrite. Muhammad Ali em toda a sua carreira lutou com mãos que latejavam constantemente. Tony Roche, tenista famoso, que chegou a ser o 2º tenista do mundo, luta contra a dor que o tem deixado fora das quadras de tênis durante metade da década de 70. O artigo acima referido cita o Dr. Robert Kerlan, um conhecido ortopedista especialista em esportes.

Entre os superastros ou atletas de alto nível, o limiar da dor é alto. Isso acontece mais freqüentemente em esportes onde há grande contato entre os jogadores. Não sei se esses atletas são mais capazes de agüentar a dor, mas, definitivamente, não sentem tanto a dor quanto os outros.

Não se sabe se isso é aceitação da dor, ou se é do seu feitio. Parece-me ser muito do feitio do atleta. É preciso que se tenha um alto limiar de dor para poder jogar futebol, hóquei, e principalmente para boxear. Nos esportes de maior especialização, o limiar da dor pode ser um pouco menor; No basquete, entretanto, o limiar precisa ser alto, porque exige muito contato. Não se pode, por exemplo, comparar os limiares de jogadores de futebol e beisebol. O jogador de futebol pode jogar com a

mão quebrada, o que não acontece com um jogador de beisebol que não pode jogar nem mesmo com uma bolha na ponta do dedo.

O jornalista esportivo Mark Kram conversou com atletas cujas reações à dor eram as mais descontraídas possíveis.

Taz Anderson, jogador de futebol do Clube Atlanta Falcon, que se desligou do futebol por causa da dor, é hoje pessoa amarga e perturbada. Entretanto Merlin Olsen, outro jogador que tem sido muito atingido pela dor, resolveu ignorá-la:

O homem é um ser adaptável. Descobre logo o que pode ou o que não pode fazer. É como entrar num estábulo. Sente-se logo o cheiro de esterco. Mas depois de cinco minutos, não se sente mais nada. O mesmo acontece com um joelho. Quando ele é machucado, dói muito. Mas, daí, começa-se a jogar num nível diferente. Muda-se um pouco a maneira de correr.

Chuta-se com o outro pé. Talvez consiga-se mudar a posição do corpo. Depois que o meu joelho foi operado, o fluido tinha de ser retirado semanalmente. No fim, a membrana estava tão grossa que eles quase precisavam de um martelo para enfiar a agulha. Cheguei ao ponto de dizer: — Raios!

Enfiem logo essa agulha, e tirem essa coisa daí!

Assim, até mesmo a dor que é aceita voluntariamente, como no caso dos esportes, pode apresentar-se por meio de diferentes prismas da reação humana. Tudo depende da atitude mental da pessoa. Escolheu a dor? Qual a intensidade do seu desejo de vencê-la? Sentir-se-á recompensada por agüentá-la? Há, além disso, algumas diferenças fisiológicas que afetam os limiares suportáveis de dor.

Para a grande maioria, há duas atitudes principais que podem afetar drasticamente a capacidade de suportar a dor. A nossa reação depende grandemente destas atitudes.

### *O Fator Medo*

O Dr. Paul Brand ilustra os diferentes efeitos da dor, ao relatar as suas experiências como médico em Londres durante a Segunda Guerra Mundial. Os feridos que vinham do continente contavam-lhe histórias fenomenais de coragem.

Alguns estavam com pedaços de granada dentro do corpo, e assim mesmo corriam sob fogo cerrado para salvar seus companheiros, apesar de toda a dor que sentiam. O estado de espírito dos soldados britânicos era tão alto que poucos paravam de lutar por causa dos ferimentos. Muito frequentemente, eles continuavam a lutar até que isso se tornasse fisicamente impossível. Brand tratou desses homens, alguns com pernas amputadas, outros com ulcerações enormes, resultado dos seus ferimentos.

Por mais estranho que pareça, estes heróis perdiam toda a sua bravura quando chegava a hora de receber as injeções de antibiótico. A penicilina, recém-descoberta naquela ocasião, era manufaturada primitivamente em enormes tonéis de uma destilaria londrina. Impura e um tanto nociva, a droga irritava demasiadamente as veias quando injetada em grandes doses; assim, era necessário que doses pequenas fossem injetadas de três em três horas. A injeção ardia como ácido.

Brand lembra-se de uma vez em que estava de plantão quando a enfermeira veio às 2 horas da manhã com a bandeja de penicilina. Os homens já acordavam momentos antes dela entrar na enfermaria. Ficavam na cama, de olhos bem abertos, alguns até chegavam a tremer de medo. Quando a ouviam aproximar-se, vários deles emitiam tristes gemidos. Homens adultos, os mesmos soldados destemidos que tinham arriscado a vida no campo de batalha soluçavam descontroladamente quando a enfermeira aproximava-se com a agulha.

Nenhum deles poderia dizer que a picada de uma agulha e as gotas de penicilina, por mais doídas que fossem, excediam ao sofrimento deles na frente de guerra. Mas, outros fatores, tais como o ambiente e a antecipação, faziam com que a experiência de uma simples injeção de penicilina lhes fosse muito mais aterradora do que o conflito entre a vida e a morte.

O medo parece ser o denominador comum capaz de levar uma experiência dolorosa para os domínios do insuportável.

Asenath Petrie, uma pesquisadora da Universidade de Chicago, desenvolveu um fascinante sistema de classificação de pessoas em três categorias, quanto à sua reação à dor, conforme descreveu no seu livro *The Individuality of Pain and Suffering* (A individualidade da dor e do sofrimento).

“Adicionadores” possuem um baixo limiar de dor; qualquer dor é para eles grandemente exagerada. “Redutores” têm um alto limiar de dor e



podem tolerar muito mais sem perturbação visível, “Moderados” situam-se no meio. Ela descobriu que o medo é o único fator que melhor descreve a atitude dos adicionadores quanto à dor.

John Donne, depois de notar sinais de medo no médico que o assistia, escreveu a seguinte descrição da força do medo.

O medo insinua-se em cada atividade ou emoção da mente e, do mesmo modo que os gases no corpo humano simulam qualquer doença, podendo parecer nódulos ou gota, o medo simula qualquer doença da mente. Pode parecer estima, estima de possuir algo; mas é apenas medo, um medo zeloso e desconfiado de perder algo. Menosprezar e subestimar o perigo pode parecer bravura; mas é apenas medo de perder a estima e o conceito supervalorizados. O homem que não tem medo de um leão pode ter medo de um gato; quem não tem medo de morrer de fome pode ter medo da carne que lhe é apresentada à mesa... Não conheço o mecanismo do medo, nem sei tampouco do que tenho medo agora; não temo o apressamento da minha morte, mas temo o aumento da minha enfermidade; eu estaria desvirtuando a natureza humana se eu negasse que realmente temo isso.

### *O Fator Desânimo*

Em 1957, o Dr. Curt Richter, um psicólogo da Universidade Jolins Hopkins, empregou dois ratos numa experiência um tanto perversa. Jogou o rato número 1 num tanque de água morna. Como os ratos são bons nadadores, ele lutou e patinou durante seis horas antes de sucumbir à exaustão, quando então se afogou rapidamente. Richter procedeu de maneira diferente com o rato número 2. Antes de jogá-lo na água, ele o segurou firmemente em suas mãos até que parou de se debater. Quando jogado no tanque, o segundo rato reagiu de modo notavelmente diferente. Depois de chapinhar durante alguns minutos, afundou passivamente. Richter assevera que o rato número 2 “desistiu”, convencido de que a sua sorte estava lançada mesmo antes de ser jogado na água. Na realidade, esse rato morreu quase que imediatamente por causa do seu desânimo, o segundo sentimento que pode caracterizar os sofredores e que pode levar as pessoas ao desespero.

Fortes sentimentos de medo ou de desânimo não somente pioram a situação dos doentes; na realidade, esses sentimentos fazem com que pessoas sadias tornem-se mais susceptíveis à doença. O Dr. Roberto

Ader, cientista e professor de psiquiatria e psicologia da Escola de Medicina de Rochester, acredita que praticamente todas as doenças são originadas por fatores emocionais. Ele conclui: “A teoria do germe não pode ser levada em conta. Se assim fosse, quando uma pessoa ficasse resfriada num escritório, todos, absolutamente todos, ficariam também resfriados.”

Dezenas de estudos já estabeleceram esse fato. Uma pesquisa famosa, denominada “Coração Quebrantado”, analisou o índice de mortalidade de 4.500 viúvos nos primeiros seis meses depois da morte das esposas. Em comparação com outros homens da mesma idade, os viúvos tiveram um índice de mortalidade 40% mais elevado.

Num artigo sobre os efeitos do desânimo, a revista New York cita o exemplo narrado pelo Major F. J. Harold Kushner, oficial médico do exército que foi prisioneiro dos vietcongues durante cinco anos e meio.

Entre os prisioneiros no campo em que estava Kushner, havia um forte jovem da marinha, de 24 anos, que já estava ali há dois anos, com uma saúde relativamente boa. Em parte, isso estava acontecendo porque o comandante do campo havia-lhe prometido que o soltaria se ele cooperasse. Como isso já tinha acontecido com outros, o marinheiro tornou-se um prisioneiro modelar e o líder do grupo de reforma de pensamento no campo. À medida que o tempo foi passando, ele começou a compreender que os seus captores tinham mentido.

Quando perdeu as esperanças, tornou-se um morto-vivo.

Recusava qualquer trabalho, rejeitava todo o oferecimento de comida e estímulo e ficava deitado no seu catre chupando o polegar. Em questão de semanas, ele morreu.

O Dr. Martin Seligman, da Universidade da Pensilvânia, acha que essa morte ocorreu por causa da falta de ânimo. Ele é de opinião que não há possibilidade de se dar uma explicação médica para o definhamento do rapaz a ponto de morrer.

— A esperança de ser posto em liberdade sustentava-o, — escreveu Seligman. — Quando perdeu a esperança, quando acreditou que todos os seus esforços tinham sido em vão e assim o seriam sempre, morreu.

Essa experiência é um exemplo trágico e negativo da

necessidade de uma esperança pela qual se possa viver. É um vivo contraste com Brian Sternberg, com Joni Eareckson, e com alguns sobreviventes do campo de concentração que serão apresentados no próximo capítulo. Mas, representa milhares de pessoas — inclusive pessoas idosas, divorciadas, solitárias e pobres — que sucumbem por causa do sentimento de desânimo.

A dor em si — não apenas a atitude psicológica, mas a experiência física da dor — pode ser igualmente afetada pela atitude que o paciente toma, ou por seu sentimento de desânimo. Em algumas das experiências sobre o limiar da dor, os cientistas descobriram que esse limiar podia ser elevado de 19% a 45%, apenas fazendo com que o paciente não prestasse atenção ao que estava sendo feito. Em outras palavras, num teste aplicando calor no braço, o paciente agüentava de 19% a 45% mais calor antes de sentir a dor, quando os pesquisadores desviavam a sua atenção tocando campainhas, lendo uma história de aventuras em voz alta, ou fazendo com que a pessoa lesse números. Se ele não tivesse nada mais a fazer do que pensar em sua dor (como acontece em muitos hospitais e abrigos de anciãos), a dor tornava-se muito mais forte.”

Aqui fica um aviso para a pessoa que enfrenta uma longa doença. Procure algum modo de evitar sentimentos de desânimo. É essencial, por exemplo, que pessoas com deformações recebam utensílios que possam ajudá-las a restaurar a sua atividade. Engenheiros britânicos inventaram um dispositivo que permite uma pessoa totalmente paralisada movimentar a sua cadeira de rodas, escrever à máquina, ligar a televisão ou estéreo, tudo isso apenas usando a respiração. Com diferentes combinações de inspirar o ar e expirá-lo, o paralítico pode transmitir sinais à máquina.

Esses dispositivos podem significar a diferença entre sentimentos de desânimo e de esperança, e até mesmo entre recuperação e desespero. O passatempo de radioamador de Brian Sternberg e a arte de Joni Eareckson são provavelmente mais importantes para eles que até mesmo o apoio dos queridos amigos.

O próximo capítulo apresentará algumas maneiras de combater o desânimo e o medo inerentes em nós e nos entes sofredores que nos rodeiam. Estas regras, extraídas de experiências de pessoas que conseguiram sobreviver, podem evitar a falência de ânimo que destruiu o jovem marinheiro no campo vietcongue.

Durante o sono a dor desaba gota a gota sobre o meu coração até que, em minha agonia, a graça de Deus é revelada.

Ésquilo

### *Preparação*

Na Sexta-feira Santa de 1964, um violento terremoto sacudiu o Alasca, esmagando casas, eliminando ruas, e desencadeando ondas enormes. Famílias foram separadas, morreram 117 pessoas, e propriedades no valor de 750 milhões de dólares foram destruídas.

Sociólogos precipitaram-se para cidades como Anchorage e Seward, próximas do epicentro do terremoto, a fim de analisar as reações humanas. Depois de entrevistarem centenas de sobreviventes e acompanhá-los durante alguns anos, as equipes de pesquisa chegaram às seguintes conclusões:

1) Como um todo, os habitantes do Alasca reagiram positivamente à crise. Houve pouco pânico e nenhum saque, e os sobreviventes tiveram compaixão uns dos outros. As comunidades refizeram-se depressa dos efeitos do desastre.

Os sociólogos concluíram que os habitantes do Alasca assim agiram por estarem acostumados a lidar com a adversidade; para sobreviver às rudes condições climáticas, necessitavam de um espírito pioneiro.

2) Aqueles que permaneceram na sua localidade durante os seis primeiros meses depois do terremoto adaptaram-se melhor à crise. Famílias traumatizadas que deixaram o local logo após o primeiro tremor tiveram índices mais altos de divórcio e de instabilidade emocional. A impressão colhida é que é mais fácil vencer o medo quando se permanece e se enfrenta o resultado do desastre.

3) Membros de famílias reunidos quando se deu o terremoto reagiram melhor do que os membros de famílias espalhados em locais diferentes, como escolas, “shopping centers”, etc.

4) A maioria do povo voltou-se para Deus em oração dramática. A freqüência à igreja aumentou consideravelmente, mas depois de um ano voltou ao normal.

Os cientistas analisam cuidadosamente a reação do povo depois de

um desastre; mas, pouco proveito é tirado das conclusões no sentido de ajudar as pessoas a melhor se prepararem para as suas próprias crises.

Cada crise demonstra que os principais inimigos são o medo e o desânimo (ou desespero), fatores estes já muitas vezes enfrentados pelos habitantes do Alasca.

### *Sobreviventes*

O que podemos oferecer aos que sofrem para que combatam os seus sentimentos de desânimo e de medo? Agora, mais do que nunca, a ciência médica está em posição de oferecer uma boa dose de esperança. Mas, a medicina pouco pode fazer para mudar a atitude mental dos pacientes. Como o medo e o desânimo são fatores altamente importantes, é preciso encontrar um modo de neutralizar esses sentimentos.

Qualquer pessoa pode dar amor, esperança e simpatia aos necessitados e sofredores; eles precisam disso desesperadamente. Assim, nossos esforços devem ser dirigidos no sentido de dar-lhes a força de que necessitam para neutralizar o ataque devastador ao seu corpo. Stanley Stein descreveu a sua luta contra o mal de Hansen no livro *No Longer Alone* (Não mais sozinho) e Alexander Solzhenitsyn contou suas experiências no campo de concentração no livro *Arquipélago Gulag*. Homens como estes, que ao vencerem a dor tiveram o espírito muito mais fortalecido, são provas comovedoras da capacidade da rápida recuperação do espírito humano. Em tais pessoas excepcionais, o sofrimento, na realidade, contribuiu para alimentar o espírito, nutrindo-o e fortalecendo-o.

Uma vez mais, precisamos voltar-nos para as situações extremas a fim de extrairmos os princípios de como enfrentar os problemas, princípios que possam ser aplicados às nossas próprias dores bem menores. Como podemos neutralizar o sentimento de terror que impregna o nosso ser juntamente com o desânimo? As experiências no campo de concentração, especialmente, revelam que o desânimo pode ser superado sob circunstâncias as menos humanas.

No livro *Os sobreviventes*, Terence Des Pres examinou cuidadosamente a maior parte da literatura apresentada pelos sobreviventes do Holocausto. Enquanto estudava a documentação dos que sobreviveram, descobriu que o mito de que os judeus foram levados à matança como carneiros, aceitando o destino docilmente, era completamente sem

fundamento. Atrás do arame farpado e das paredes de tijolos, os acoissados judeus desenvolveram uma nova maneira de expressar coragem e bondade humanas. Alguns, realmente, sucumbiram. Mas outros resistiram e recusaram-se a permitir que os nazistas esmagassem as suas mentes. Se formos a uma reunião de sobreviventes do Holocausto, não encontraremos seres derrotados ou inúteis, ou mortos-vivos.

Encontrar-nos-emos com políticos, médicos e advogados.

Des Pres refere-se à tentativa nazista de reproduzir a experiência de Skinner, em que o ambiente foi programado de forma a reduzir os reclusos a criaturas irracionais cujo comportamento pudesse ser predito e controlado. Os campos de concentração usavam a dor e a morte como “reforços negativos” e alimento e vida como “reforços positivos”, aplicando-os de maneira regular e tremenda. Mesmo assim, a experiência não foi bem sucedida. Alguns prisioneiros cederam, alguns retrataram-se, mas muitos resistiram e encontraram os seus próprios meios de enfrentar a situação.

Alguns sobreviventes de tais campos surgiram, não com uma perspectiva desvirtuada e deformada de crueldade e desumanidade como se poderia esperar, mas com um conceito novo de virtude e esperança. Temos como exemplo Corrie ten Boom e os descritos nas narrativas de Solzhenitsyn. Um deles é George Mangakis, que foi desumanamente torturado e sentenciado há dezoito anos como preso político durante o recente governo da junta militar na Grécia. Mangakis manteve-se firme em suas crenças éticas e compadecia-se, não de si, mas do seu torturador.

Experimentei a sina de uma vítima. Vi o rosto do torturador muito perto de mim. O seu rosto estava em piores condições que o meu, embora o meu rosto estivesse lívido e ensangüentado. O rosto do torturador estava deformado por um rito que nada tinha de humano... Nessa situação, era eu o mais afortunado. Fui humilhado. Não humilhei pessoa alguma.

Estava apenas suportando nas minhas doídas entranhas uma humanidade terrivelmente infeliz. Ao passo que os homens, que humilham os outros, devem humilhar primeiro a noção de humanidade existente no seu próprio ser. Não importa que eles se pavoneiem nos seus uniformes, inflados porque podem controlar o sofrimento, a insônia, a fome e o desespero de seres humanos iguais a eles; não importa que

estejam intoxicados com o poder que têm nas mãos. Essa intoxicação nada mais é do que a degradação da humanidade. A máxima degradação. Eles já pagaram muito caro pelos meus tormentos.

Não era eu o que estava em pior posição. Eu era apenas um homem que gemia por sofrer muita dor. Prefiro que assim seja. Neste momento, estou privado da alegria de ver crianças indo para a escola ou brincando nos parques. Mas os meus algozes são obrigados a olhar para o rosto dos próprios filhos.

### *Auxílio*

A razão da sobrevivência de Mangakis foi a resultante de um idealismo que lhe permitiu sobrepor-se aos seus captores.

Por causa da sua crença na humanidade, ele passou a contemplar seus torturadores com piedade. Entretanto, são poucos os que conseguem manter tal força e disposição. Entre os sofrendores, a família costuma ser o centro crucial da esperança. Nos campos de concentração nazistas, aqueles que ainda tinham membros da família em liberdade apegavam-se à esperança de que um dia estariam todos reunidos. Para sobreviver num campo de concentração, o que mais ajudava o recluso era saber que alguém se importava com ele, que havia alguém ansioso pelo que lhe acontecesse. Isso era o que mais frequentemente acontecia. Os guardas nazistas tentavam desfazer fortes amizades separando amigos e encorajando os reclusos a delatarem uns aos outros por quaisquer quebras de regulamento.

Essas situações podem ser comparadas com as menos extremas no sofrimento do mundo “normal”. Muitas pessoas, com dores físicas ou psicológicas, expressam um profundo sentimento de solidão. Sentem-se abandonados por Deus e pelos homens, porque precisam levar o seu fardo sozinhos e ninguém os entende.

Ao ler as narrativas sobre o Holocausto, impressionou-me a alta importância que há em alcançar as almas aflitas através, da empatia. As pessoas que sofrem costumam levantar barreiras que complicam esse processo. Dizem frequentemente:

— Você jamais me entenderá; você nunca passou por isso.

Em casos assim, alguém que já teve uma experiência similar pode

ajudar. Joni Eareckson foi sacudida, afastada da sua autopiedade, quando recebeu no hospital a visita de uma amável e radiante quadriplégica, e agora ela continua a corrente levando esperança a outros. O Padre Damien descobriu que o seu ministério entre os leprosos de Molokai, no Havai, somente se tornou eficaz quando ele próprio contraiu a doença e pôde falar-lhes de igual para igual. Muito sabiamente, os hospitais começam a estabelecer programas em que uma mulher ao sofrer mastectomia ou um homem a ser operado de câncer recebem visitas de pacientes que já passaram por estas experiências.

Os sofrimentos podem tornar-se uma armadilha para a autopiedade, amor-próprio ferido e auto-imagem negativa. As outras pessoas podem ser a única maneira de ajudar os sofredores a vencer o seu desespero profundo. Metade deste livro tratou de pessoas que têm “enfrentado triunfantemente” o sofrimento. É claro que há muitas pessoas que foram destruídas por ele. Mas, a esperança é um ingrediente tão vital na maneira de enfrentar a dor, que chego a imaginar se as realísticas “histórias de sucesso” deveriam ser enfatizadas. As pessoas com saúde geralmente cansam-se das típicas histórias de “aleijados que descobrem a felicidade e uma vida proveitosa”, como as encontradas em Seleções do Reader’s Digest. Mas as pessoas aleijadas com quem conversei encaram essas histórias com muita seriedade. Os sobreviventes desafiam a sua própria condição.

### *Tristeza Compreendida*

Gostaria de muito bom grado uma fortuna pela fisioterapia da minha esposa se ela fosse inválida. Faria o mesmo por um amigo íntimo em dificuldade. Mas será que eu investiria o tempo necessário para minha própria terapia espiritual ou emocional? Os que sofrem geralmente precisam de reformular passo a passo a sua psique: uma nova crença em si próprios, uma nova identidade, uma nova posição no mundo, de modo que possam estar certos de serem apreciados.

Um pastor evangélico escreveu-me certa vez sobre uma experiência que tivera há alguns anos, um “colapso nervoso” como declararam os médicos.

O mais constrangedor em tudo isso era o aparente silêncio de Deus. Parecia que eu orava para uma escuridão silenciosa. Já pensei muito sobre isso. Era silêncio “apenas na aparência”. O problema estava não só na



minha depressão como na comunidade cristã. Para a maioria dos membros, eu era um estorvo. Nada do que eles diziam tinha relação com o que eu sofria. Um pastor orou por mim de maneira piedosa mas tão generalizada, que nada tinha em comum com a minha situação.

“Eles não sentiam o meu sofrimento.”

Outros evitavam-me. Ironicamente, os amigos de Jó provavelmente prestaram-lhe ajuda no sentido psicológico.

Fizeram com que ele exteriorizasse as suas emoções, ainda que fossem emoções de irritação. As palavras dos amigos de Jó eram vãs, mas eram pertinentes ao problema e deram a Jó a impressão de que Deus estava de qualquer modo perto dele.

Nenhuma pessoa da comunidade cristã, com exceção da minha esposa, ajudou-me, nem mesmo da maneira daqueles amigos de Jó.

Anos depois o mesmo pastor, com a saúde mental renovada, lia o Salmo 145 do púlpito. Tentou concentrar-se, mas havia alguma coisa que o atormentava: o seu neto de uma semana tinha acabado de falecer, o que entristecera a família toda.

Ele não conseguiu continuar a leitura das palavras que louvavam ao Senhor pela sua bondade e justiça. Sua voz falhou, parou de ler, e contou à congregação tensa o que tinha acontecido. — Quando as pessoas saíram da igreja, — lembra ele, elas disseram duas coisas importantes que muito me ajudaram: 1) Agradecemos-lhe por ter partilhado conosco a sua dor; e, 2) partilhamos da sua dor.

Estas afirmações tão simples ajudaram-me muito. Não mais me senti só. Ao contrário da época anterior em que me sentira tão deprimido, não mais me sentia abandonado por Deus e por seu povo. Compreenderam a minha tristeza.

Às vezes uma simples palavra, a compreensão da dor, é tudo o que se pode oferecer; isso pode ser bem melhor do que um sorriso e um “Louvado seja o Senhor!”

### *Esperança de Cura*

Quanto ao problema da dor, há um importante aspecto que evitei. Não tenho enfatizado a cura milagrosa por duas razões. Em primeiro

lugar, há muitos livros ótimos sobre o assunto, desde testemunhos pessoais até tratados teológicos.

Em segundo lugar, escrevo acerca de pessoas presas pela dor que questionam Deus. A cura é uma solução, mas não para todos. Brian Sternberg, por exemplo.

Não deixo de dar valor à cura física. Estou certo de que, se um dia o médico me disser que tenho câncer, farei tudo para ser curado. Mas todas as pessoas que já foram curadas e também aquelas que foram o instrumento para a cura divina morrerão um dia. Assim, a cura não afasta inteiramente o problema da dor, adia-o apenas.

A esperança da cura pode ser um grande antídoto para o desânimo, pois dá ao sofredor um objetivo potencial. No extraordinário caso de Brian Sternberg, essa esperança tem vivificado a sua fé por uma década e meia.

Acontece, às vezes, que a esperança da cura, se não for alcançada e se Deus resolver não curar, pode ser um grande impedimento para a fé. Pode piorar o desespero do desânimo.

Vejamos um exemplo. Bárbara Sanderville, uma jovem escritora paraplégica, descreveu-me esse processo numa carta:

Depois de tornar-me cristã, alguém me disse que Deus me curaria. Isso parecia bom demais para ser verdade, e eu não sabia se ousava acreditar. Mas, vendo que na Bíblia nada havia ao contrário, comecei a ter esperanças, e depois a crer. Mas minha fé era bruxuleante. Quando alguns cristãos me diziam:

— Deus não cura a todos. — Ou — Aflição é uma cruz que precisamos carregar — a minha fé vacilava. No outono passado a minha fé parecia morrer. Desisti de acreditar que Deus me curaria. Cheguei, então, à conclusão de que eu não tinha coragem de passar o resto da vida numa cadeira de rodas.

Fiquei amargurada por saber que Deus podia curar-me mas não queria fazê-lo (pelo menos assim eu achava). Eu lia Isaías 53 e 1 Pedro 2,2 4 e acusava Deus por não cumprir a sua promessa que ali estava à minha frente como um pedaço de carne defronte a um cão faminto. Ele me provocava mostrando-me a possibilidade, mas jamais permitindo que eu a alcançasse. Isso, por sua vez, produziu em mim profundo sentimento de culpa, pois sabia pela Bíblia que Deus era um

Deus de amor e pronto a atender os homens. O conflito foi tal que minha mente tornou-se insensível e, muitas vezes, cheguei a pensar em suicídio. Comecei a tomar tranqüilizantes para poder agüentar os dias à medida que o ressentimento e a culpa construíam um muro cada vez mais alto entre mim e o Senhor. Nessa ocasião, comecei a ter dores de cabeça e problemas com os olhos. Um oftalmologista não achou a causa. Ainda orava porque sabia que Deus existia, mas geralmente acabava a minha oração chorando e reclamando de Deus. Tinha muita pena de mim mesma, o que era altamente destrutivo. Continuava a perguntar a Deus por que ele não me curava, quando está tão claramente afirmado que a cura faz parte do plano da redenção.

Mais tarde, Bárbara encontrou a cura mental que acabou com a sua amargura. Ela espera a cura física.

Por causa de experiências como a de Bárbara, acho que a esperança de cura deve ser apresentada realisticamente. E apenas isto, uma esperança, não uma garantia. Se vier, um maravilhoso milagre aconteceu. Se não vier, não houve abandono da parte de Deus. Ele pode usar até mesmo a enfermidade para produzir algo de bom na pessoa doente.

### *Perdendo o Medo*

Para muitos aspectos do problema da dor, o Cristianismo oferece respostas que parecem incompletas. Algumas vezes, como aconteceu com Bárbara, os princípios cristãos parecem confusos e paradoxais. Uma fé pessoal pode, entretanto, tornar a pessoa mais apta a enfrentar o medo, um dos fatores-chave na reação à dor.

Pela sua própria natureza, a experiência de sobrepujar o medo é individual, e, portanto, não é uniforme. Eu poderia dizer:

- Expulse o medo pela confiança em Deus.
- Mas para que serviria isso? Como se consegue fazer tal coisa?

A Bíblia é o guia do cristão. Creio que o esclarecimento que ela traz sobre dor e sofrimento é o grande antídoto para o medo das pessoas que sofrem. Esse esclarecimento pode dissolver o medo como a luz desmancha a escuridão.

Quando sofro dor, tento refletir sobre o bem que a dor pode produzir em mim, conforme a promessa da Bíblia. Em Romanos 5:1-5, Paulo nos diz que as tribulações produzem perseverança, experiência e esperança; portanto, caráter e confiança ou intrepidez.

Eu me perguntaria:

— Como o sofrimento pode produzir tais qualidades?

Produz perseverança, ou constância, diminuindo o meu ímpeto, forçando-me a voltar-me para Deus, Preparação 177 (?) acabou com a sua amargura. Ela espera a cura física.

Por causa de experiências como a de Bárbara, acho que a esperança de cura deve ser apresentada realisticamente. E apenas isto, uma esperança, não uma garantia. Se vier, um maravilhoso milagre aconteceu. Se não vier, não houve abandono da parte de Deus. Ele pode usar até mesmo a enfermidade para produzir algo de bom na pessoa doente.

### *Perdendo o Medo*

Para muitos aspectos do problema da dor, o Cristianismo oferece respostas que parecem incompletas. Algumas vezes, como aconteceu com Bárbara, os princípios cristãos parecem confusos e paradoxais. Uma fé pessoal pode, entretanto, tornar a pessoa mais apta a enfrentar o medo, um dos fatores-chave na reação à dor.

Pela sua própria natureza, a experiência de sobrepujar o medo é individual, e, portanto, não é uniforme. Eu poderia dizer:

— Expulse o medo pela confiança em Deus.

— Mas para que serviria isso? Como se consegue fazer tal coisa?

A Bíblia é o guia do cristão. Creio que o esclarecimento que ela traz sobre dor e sofrimento é o grande antídoto para o medo das pessoas que sofrem. Esse esclarecimento pode dissolver o medo como a luz desmancha a escuridão.

Quando sofro dor, tento refletir sobre o bem que a dor pode produzir em mim, conforme a promessa da Bíblia. Em Romanos 5:1-5, Paulo nos diz que as tribulações produzem perseverança, experiência e

esperança; portanto, caráter e confiança ou intrepidez.

Eu me perguntaria:

— Como o sofrimento pode produzir tais qualidades?

Produz perseverança, ou constância, diminuindo o meu ímpeto, forçando-me a voltar-me para Deus, Provando-me que posso vencer a crise. Isso fortalece o caráter, e os últimos capítulos foram cheios de exemplos de pessoas que fortaleceram o seu caráter através do sofrimento. Continuo, ainda, a indagar como pode Deus estar envolvido no processo do sofrimento.

A certeza de que Deus pode usar o sofrimento para produzir estas qualidades é deveras confortante. Que o sofrimento é temporário e será um dia recompensado é o tópico do capítulo 15, mas o conhecimento deste fato pode também ser a chave para estabilizar a fé sob provação.

A Bíblia está cheia de recursos à disposição de quem queira afugentar o medo e o desânimo. Ler as dificuldades de Jó, fustigado pelo temor de que Deus não se importasse com ele, pode fazer com que o meu medo seja mais fácil de suportar. A história do amor e da bondade de Deus, que transparece em toda a Bíblia, pode ser um bálsamo para as minhas dúvidas. E o conhecimento sobre a oração a um Deus amoroso pode repelir os esforços loucos de “aumentar a fé” na esperança de impressionar Deus. A Bíblia mostra que não é desta maneira que a oração funciona. Deus já está cheio de solicitude amorosa; não precisamos impressioná-lo com exercícios espirituais.

O conhecimento da dor em si, das suas funções medicinais, também pode ajudar-nos a ter menos medo. Para mim, pessoalmente, tornou-se muito mais fácil enfrentar uma dor, depois de compreender a sua função, por intermédio da pesquisa do Dr. Brand. Este livro foi o resultado da minha própria descoberta. O sofrimento amedronta muito menos quando se entende o seu papel e o seu valor.

### *Ajudando Outros*

O psicólogo Thomas Malone da Clínica Psiquiátrica Atlântica diz que há na vida dois tipos de pessoas. Um grupo é doentio e eivado de insuficiências. Estão sempre se lastimando:

— Por favor, gostem de mim; por favor, gostem de mim.

O outro grupo é composto de pessoas suficientemente sãs para serem aqueles que amam. O psicólogo afirma que a melhor cura para o primeiro grupo é ajudá-los até o ponto em que eles possam transformar-se em ajudadores e aptos a amar outros.

Se conseguirem chegar a essa posição, preencherão automaticamente as suas profundas necessidades de atenção e amor.

Penso que haja uma situação semelhante entre os sofredores.

Psiquiatras e conselheiros descobriram que a cura pode se processar, se os pacientes passarem a ajudar os outros e a dar um pouco de si, em vez de estarem sempre a receber auxílio e atenção.

Joni Eareckson contou-me o quanto se sentiu chocada ao descobrir que muitas pessoas aleijadas preferiam permanecer nas casas de reabilitação. Parecia-lhes mais fácil ficar ali, no meio de pessoas que compreendiam as suas condições, do que enfrentarem o mundo “lá fora”. Joni tornou-se a sua líder, esforçando-se nos exercícios, animando-os, dando-lhes esperanças, e querendo ser liberada. O mero processo de colocar-se no lugar deles revelou-se terapêutico. Ela tornou-se mais forte. A sua auto-imagem melhorou, e ela cessou de pensar em si como uma sofredora digna de piedade.

Brian Sternberg passou por um processo emocional semelhante quando começou a falar nas conferências da Associação dos Atletas Cristãos em diversos lugares dos Estados Unidos, e Leo Beuerman conseguiu realizar-se nas suas atividades comerciais.

### *Esperando Pela Dor*

Este livro começou com a experiência de Claudia Claxton, que se defrontou repentinamente com a doença de Hodgkin e o espectro da morte. Conversei longamente com Claudia e o seu marido sobre o fato de a crise pela qual atravessaram tê-los unido, quando muitas crises idênticas separam os casais.

Por que o medo e o desânimo não romperam o íntimo relacionamento dos dois? John, o marido, tinha uma profunda compreensão do que se passava, pois era assistente do capelão num hospital, onde vinha observando as reações das pessoas à dor e à morte.

— Tenho visto pacientes morrerem, — contou-me John. — Não é

como nos espetáculos de televisão ou nos filmes como Aeroporto. Nos filmes, casais que há anos vivem brigando, quando se vêm diante de perigos, esquecem todas as suas diferenças e unem-se. Entretanto, não é assim na vida real.

— Quando há uma crise na vida do casal, o resultado é a caricatura do que já existe no seu relacionamento. Nós dois já nos amávamos profundamente e entendíamos-nos muito bem.

Por essa razão, a crise uniu-nos ainda mais. Confiávamos um no outro. Não houve sentimentos de censura ou irritação entre nós dois. A crise da doença de Claudia apenas trouxe à superfície e aumentou os sentimentos que já existiam.

De acordo com a opinião de John, a melhor maneira de preparar-se para uma crise é ter uma vida profunda e de apoio mútuo enquanto se tem saúde. Sofrimento mental e dor física são apenas um aviso de que há um problema; são os sintomas de uma doença, não a doença em si. Não se pode construir repentinamente bases de força moral a partir do nada; elas têm de vir desde o princípio do relacionamento.

Quem aprende a confiar nos outros e partilhar a vida com eles quando tem saúde, terá uma reação mais natural quando chegar a dor.

Vê-se isso comumente nos diversos modos das pessoas se prepararem para a velhice, um período de grande sofrimento psicológico. Há um ditado: “Os jovens têm o semblante com o qual nasceram; os velhos adquirem o semblante que merecem.”

Aquilo que já foi vivido cristaliza-se na personalidade menos flexível da velhice. Nessa idade, o corpo começa a decair. Descobre-se que não se pode mais fazer o mesmo que antes. Evitam-se os espelhos, porque a beleza foi substituída por cabelos ralos, rugas, e pele manchada. Os amigos morrem, a pessoa torna-se um peso para a família, e é fácil para o velho pensar que está apenas esperando a morte; é-lhe extremamente fácil imaginar que não está contribuindo com coisa alguma para a vida, e que apenas dela retira.

J. Robeiton McQuilkin, presidente da Faculdade Bíblica da Colúmbia, foi certa vez interpelado por uma senhora idosa, que enfrentava estes problemas:

— Robeiton, por que Deus permite que fiquemos velhos e

enfraquecidos? Por que tenho eu de passar por este sofrimento?

Depois de pensar um momento, ele replicou:

— Acho que Deus planejou a força e a beleza da juventude como um dom físico. Mas a força e a beleza da velhice são dons espirituais. Aos poucos, vamos perdendo a força e a beleza que são temporárias para que possamos concentrar-nos na força e na beleza que duram para sempre. Sendo assim, estaremos ansiosos para deixar o que é temporário, a parte do nosso ser que está em decadência, ansiosos para entrar no nosso lar eterno, celestial. Se ficássemos sempre jovens, fortes e bonitos, era bem possível que jamais quiséssemos deixar este mundo!

Se há um segredo em lidar com o sofrimento, o mais citado por aqueles a quem entrevistei combina com essa linha de pensamento. Para sobreviver, o espírito precisa ser alimentado de tal maneira que seja libertado além do seu corpo; e, assim, no final, o espírito triunfará. A fé cristã nem sempre oferece recursos para o corpo. Nem Brian Sternberg, nem Joni Eareckson foram curados, apesar de milhares de orações. Entretanto, Deus promete força sobrenatural para o espírito. Quando não há mais nada em que se possa apoiar, nem na própria pessoa, Deus lá está, firme como uma rocha.

Falando a seus seguidores, Jesus constantemente enfatizava uma nova visão da vida, visão que ressaltava o espírito e não o corpo. “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma...” (Mateus 10:28), disse ele aos discípulos.

Paulo escreveu sobre o mesmo assunto: “Ora, de um e outro lado estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne.” (Filipenses 1:23, 24).

O Livro dos Mártires, escrito por Fox, é geralmente considerado uma narrativa estranha, forjada, de pessoas que procuraram ser alvo de atenções mediante o sofrimento.

Entretanto, quem o ler cuidadosamente ficará impressionado com a verdade da expressão “o sangue dos mártires foi a semente da igreja”. Com o Cristianismo, entrou no mundo um novo pensamento: o corpo é habitação de um espírito eterno e, assim, todo sofrimento deve ser considerado como infortúnio temporário que somente atinge parte do ser humano. Fox registra relatos de medonhas e incríveis torturas que



os santos suportaram com hinos de louvor nos lábios. É o triunfo do espírito sobre o corpo.

A dor não é apenas um fenômeno físico. Atitudes de medo e desânimo afetam a intensidade da dor. Mas temos os exemplos inspiradores daqueles que demonstraram ser o espírito humano capaz de superar as piores circunstâncias. Como o homem é tanto corpo quanto espírito, o Cristianismo pode oferecer uma verdadeira e benéfica esperança.

Jamais achei que o cristão estaria livre de sofrimento, porque nosso Senhor sofreu. E cheguei à conclusão que ele sofreu, não para livrar-nos do sofrimento, mas para ensinar-nos a suportar o sofrimento. Pois ele sabia que não há vida sem sofrimento.

Alan Paton Clamor, O querido país

### *O Antecessor*

O Cristianismo oferece uma contribuição enigmática, quase paradoxal àqueles que lutam com o problema do sofrimento.

Alguns, obviamente, não compreendem a sua mensagem.

Vejamos uma declaração eloqüente de uma trabalhadora rural, migrante e mãe, conforme a narrativa de Robert Coles no livro Migrantes, montanhese e mineiros.

No ano passado fomos a uma pequena igreja em Nova Jersey... Na mesma cidade em que nasceram todos nossos filhos, inclusive o nenê. O reverendo Jackson estava lá na igreja, nunca vou esquecer o nome dele; ele nos disse que nos calássemos, que devíamos estar felizes por estarmos nos Estados Unidos, porque é um país cristão e não um país sem Deus. Então, o meu marido perdeu a paciência; acho que ficou muito nervoso. Ele se levantou e começou a gritar, foi sim!

Chegou perto do reverendo Jackson e mandou que ele calasse a boca e não viesse falar a nós, os migrantes. Mandou que voltasse para sua igreja, fosse onde fosse, e nos deixasse sozinhos e não ficasse ali em pé, como se fosse muito bonzinho fazendo favor para a gente.

Então, ele fez a coisa pior que podia: pegou a Ana, a nenezinha, e pôs bem na cara dele, do ministro, como nunca vi ninguém fazer. Não sei bem o que ele disse, as palavras certas, mas disse que ali estava a nossa Aninha, que nunca tinha ido ao médico, mas estava doente... que a gente não tinha dinheiro, nem para a Ana, nem para os outros, nem para nós.

Depois, ele levantou a Ana bem alto, mais alto do que o reverendo, e perguntou por que ele não orava por ela, por que não orava para os donos da plantação serem castigados pelo que estavam fazendo com a gente, com todos os migrantes. . . Daí, meu marido começou a gritar, cada vez mais alto, contra Deus, que ele não cuidava da gente, cuidava só e muito bem das outras pessoas dali.

O reverendo respondeu, e esse foi o grande erro, se foi! O reverendo disse que era para a gente tomar cuidado e não começar a pôr a culpa em Deus, a criticar e a fazer queixa dele, porque Deus não tinha nada que cuidar das coisas que os donos da plantação faziam, não tinha nada a ver com a vida da gente, aqui na terra.

— Deus cuida do futuro de vocês. — Foi o que o reverendo disse, e, puxa, meu marido explodiu! Acho que ele gritou umas 10 vezes para o reverendo:

— Futuro, futuro, futuro. — Daí meu marido pegou a Ana e quase enfiou na cara do reverendo. A Ana começou a chorar, a coitadinha, e ele perguntou ao reverendo qual o futuro” da Ana, e perguntou o que é que ele, o reverendo, ia fazer, se tivesse um “futuro” igual ao da gente. Disse depois para o reverendo que ele era igual a todo o resto, ganhando dinheiro à custa da gente. Segurou a Ana tão alto como pôde, bem juntinho da cruz, e falou para Deus que era melhor ele não ter ministros falando por ele, que era melhor ele ver as coisas ele mesmo, e não ter pregadores” – continuou falando pregadores, pregadores” — falando por ele.

Quando acabou de falar dos pregadores, veio para junto da gente. Não havia um barulho na igreja, não senhor, tudo quieto... até que uns homens falaram que ele tinha razão, que meu marido estava certo. . . e todo mundo bateu palmas.

Achei tudo isso meio esquisito.

Esta família de migrantes demonstra perfeitamente o dilema da dor e do sofrimento. Por que Deus permite um mundo onde há crianças

doentes, onde falta dinheiro, e falta esperança? O problema deles não é abstrato nem filosófico. É humano. É o sofrimento da filhinha Ana e eles não vêem solução. Será que Deus se importa com isso?

Gostaria de ter uma resposta para o dilema daquela família, mas não me é possível. São pessoas que precisam de solução para o seu problema, e não de conselhos. E essa solução só virá, se alguém corresponder às suas necessidades com amor verdadeiro.

Mas, eu posso afirmar que num ponto aquele irado trabalhador rural estava completamente errado. Segurando a filhinha na cara do reverendo, e no alto perto da cruz, ele interpelou a Deus que descesse à terra e visse ele mesmo como era esse mundo. Não adiantava, ele disse, que Deus tivesse pregadores falando por ele.

Acontece que Deus veio. Ele tornou-se um ente humano, ele viu e sentiu por si mesmo como este mundo é. Jesus teve o mesmo corpo que cada um de nós. As suas fibras nervosas não eram biônicas. Sentiam a dor, como todos sentem. Este fato histórico pode ter muita repercussão sobre o medo e o desespero impotente dos sofredores. Este fato histórico ajuda-nos a enfrentar a dor.

### *O Homem Que Queria Ser Rei*

Pense naquilo que você conhece da vida de Jesus. A Bíblia diz que não há tentação conhecida pelo homem que Jesus não tenha experimentado. Ele sentiu-se só, cansado, faminto, atacado pessoalmente por Satanás, assediado por aproveitadores, perseguido por inimigos poderosos.

Jesus foi a única pessoa que pôde planejar seu próprio nascimento. Ele humilhou-se, trocando um corpo celestial perfeito por um frágil corpo de sangue, músculos e ossos.

Quando ele começou o seu ministério, o povo escarneceu:

“Pode alguma coisa boa vir de Nazaré?”... uma antiga caçada étnica. Jesus, o caipira, o aldeão de Nazaré.

E como era Jesus? Há uma única descrição física dele em toda a Bíblia, e encontra-se no livro do profeta Isaías: Não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse” (Isaías 53:2).

Os seus vizinhos de infância expulsaram-no da cidade e tentaram matá-lo. Os seus amigos duvidaram da sua sanidade mental. Os líderes da época relataram orgulhosamente que nenhuma autoridade ou líder religioso acreditava nele.

Aqueles que o seguiam eram um heterogêneo grupo de pescadores e camponeses, entre os quais aquele migrante sentir-se-ia perfeitamente à vontade.

As promessas feitas por Jesus devem ter parecido tremendamente vazias ao povo daqueles dias. Ele acabou defrontando Pilatos, um perplexo governador romano. Do lado de fora, as massas gritavam:

— Crucifica-o, crucifica-o!

Ele que curou a tantos não pôde salvar-se a si próprio.

Um Rei, este homem? Só se fosse de “faz-de-conta”! jogaram um belo manto de púrpura sobre ele, mas o sangue das pancadas de Pilatos escorreu pelas suas costas e pelas suas pernas, coagulando-se no pano.

Este homem, Deus? Mais improvável ainda. Até mesmo para os seus discípulos, que o tinham amado e seguido por três anos, as perspectivas eram sombrias. Eles recuaram, por entre a multidão, temerosos de serem identificados com o falso rei.

Os seus sonhos de um soberano poderoso, capaz de banir a dor e o sofrimento do mundo, tornaram-se pesadelo.

A cena, com os cravos pontudos e morte sangrenta e o baque surdo da cruz ao cair no buraco aberto no solo, já foi contada tantas vezes, que nós, que nos horrorizamos com as notícias da morte de um cavalo de corrida ou de filhotes de focas, nem mais prestamos atenção quando nos é novamente narrada. Foi uma morte horrível, uma execução muito mais cruel do que as execuções rápidas do mundo de hoje: câmaras de gás, cadeiras elétricas, enforcamentos. Foi uma execução que durou horas em frente a uma multidão escarnecedora.

A humanidade de Jesus vergada pelo peso que carregava entrou em colapso quando, no apogeu da agonia, ele, o mestre da oração, descobriu repentinamente que suas orações não eram ouvidas. Abandonado pelos homens, viu-se abandonado por Deus e gritou:

— Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Foi como se a terra entrasse em convulsão. O solo estremeceu, pedras despedaçaram-se, os túmulos devolveram corpos mortos há muito tempo, e o sol escondeu-se da terra por três horas. Incrivelmente, o Criador do Universo demonstrou uma última qualidade humana, a coragem, que nenhum soberano onipotente seria normalmente chamado a experimentar. A sua alma chegou ao ponto extremo, mas não se desintegrou.

A morte de Jesus é a pedra angular da fé cristã, o fato mais importante da sua vinda ao mundo. Não se pode seguir Jesus sem defrontar a sua morte; os Evangelhos estão repletos de detalhes. Ele profetizou sobre o que aconteceria durante o seu ministério, mas as predições só foram compreendidas depois que aconteceram, quando então tudo parecia acabado para os discípulos. Parecia que a sua vida tinha-se acabado prematuramente. Os seus seguidores ouviram as suas palavras triunfantes na noite anterior; ao vê-lo gemer e contorcer-se na cruz, aquelas palavras devem tê-los assediado cruelmente.

### *Não Mais Sozinhos*

Que consolo para o problema da dor e do sofrimento poderia vir de uma religião baseada num acontecimento como a Crucificação? Foi na cruz, que o próprio Deus sucumbiu à dor.

Acontece, porém, que não estamos abandonados. O trabalhador rural com a sua filhinha doente, o garoto de seis anos sofrendo de leucemia, os angustiados parentes dos acidentados de Yuba, os leprosos de Louisiana, nenhum deles precisa sofrer sozinho. Porque Deus esteve entre nós, ele entende perfeitamente.

O conceito da cruz deixado por Jesus no mundo, o conceito mais universal da religião cristã, é prova de que Deus muito se importa com o nosso sofrimento, com a nossa dor. Ele morreu de dor. Atualmente a cruz é coberta de ouro e levada ao pescoço por lindas garotas, o que mostra o quanto nos temos desviado da realidade histórica. Mas o símbolo é válido, o único entre todas as religiões do mundo. Muitas delas têm deuses. Mas o Cristianismo tem um Deus que se preocupa com o homem de tal maneira que se tornou homem e morreu. Dorothy Sayers diz: Seja qual for o motivo pelo qual Deus resolveu fazer o homem como ele é, limitado, sofredor e sujeito a tristezas e morte, ele teve a honestidade e a

coragem de tornar-se também homem. Seja qual for o seu plano para com a sua criação, ele cumpriu as suas próprias regras e foi justo. Nada exigirá do homem, que não tenha exigido de si mesmo. Ele próprio sofreu toda a gama da experiência humana, desde as irritações triviais da vida em família, desde as restrições constrangedoras do trabalho pesado, desde a falta de dinheiro até os piores horrores da dor e da humilhação, derrota, desespero e morte. Quando ele foi homem, agiu como homem. Ele nasceu na pobreza e morreu na desgraça, e achou que valeu a pena.

Para alguns, a imagem de um corpo pálido tremendo numa noite escura dá idéia de derrota. Que bondade há num Deus que não controla o sofrimento do seu filho? Que bem pode tal Deus fazer à humanidade? Todavia, pode-se ouvir um som mais alto: o som de um Deus gritando ao homem:

— Eu o amo.

O amor foi condensado para todos os seres humanos naquela figura solitária e ensangüentada. Jesus, que tinha declarado que poderia chamar os anjos, a qualquer momento, para salvá-lo do horror, escolheu não fazê-lo, por nossa causa.

Porque Deus nos ama de tal maneira, que mandou o seu único Filho morrer por nós.

Deste modo, a cruz, que é um eterno empecilho para alguns, tornou-se a pedra angular da nossa fé. Qualquer debate sobre a dor e o sofrimento entrosados no sistema divino leva-nos, realmente, de volta à cruz.

Sujeitando-se Jesus à dor, de certo modo ele dignificou-a.

De todas as vidas que ele poderia ter vivido, escolheu uma vida sofredora. É por causa de Jesus, que jamais posso dizer de alguém:

— Deve estar sofrendo por ter cometido algum pecado. — Jesus não pecou, mas sentiu dor. Também não posso dizer:

— Sofrimento e dor devem significar que Deus esqueceu de nós; ele deixou-nos sós para a autodestruição. — Embora Jesus tenha morrido, a sua morte tornou-se a grande vitória do mundo, unindo Deus e o homem. Deus transformou aquele terrível dia em um bem supremo.

Os seguidores de Jesus não estão isentos das tragédias deste

mundo, bem como ele não esteve. Deus nunca prometeu que os tornados não atingiriam as nossas casas quando em direção das casas dos nossos vizinhos pagãos. Os micróbios não fogem dos corpos cristãos. Entretanto, Pedro pôde dizer aos sofrendores cristãos: “Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos” (1Pedro 2:21). A Bíblia ainda vai além, usando expressões que não tentarei explicar, como “participantes do seu sofrimento” e “completai o seu sofrimento”, indicando que o sofrimento pode ser, não um horror a ser evitado a todo o custo, mas um meio de graça para tornar-nos mais parecidos com Deus.

### *A lembrança de Jesus*

Qual o resultado prático da identificação de Cristo com a pessoa que sofre? Já vimos os exemplos de Brian Sternberg e Joni Eareckson. Ambos narraram a fortaleza conseguida por eles quando compreenderam que Deus também tinha suportado a dor. Um dramático exemplo desta compreensão pode ser observado no ministério do Dr. Paul Brand, quando trabalhava entre os leprosos em Vlore, na Índia. Ele pregou ali um sermão, um dos mais conhecidos e dos mais apreciados.

Naquela ocasião, Brand e os seus auxiliares estavam entre os poucos daquela região capazes de tocar ou de aproximar-se de alguém com o mal de Hansen. O povo da cidade afastava-se dos leprosos. Brand entrou discretamente numa reunião dos doentes, e sentou-se numa esteira no pátio, ao ar livre. O ar estava pesado com os diversos odores de corpos amontoados, miséria, condimentos velhos, ataduras imundas.

Os doentes insistiram com o Dr. Brand para que ele lhes falasse algumas palavras, e ele relutantemente aquiesceu.

Ficou de pé, sem saber o que dizer, olhou para os pacientes à sua frente. Seu olhar pousou nas suas mãos, dezenas e dezenas, quase todas viradas para dentro, na posição típica do leproso, mãos que pareciam garras, algumas sem dedos, outras ainda com alguns tocos. Muitos deles sentavam em cima das mãos, para escondê-las.

— Sou um cirurgião médico, especialista em mãos, — começou ele, e aguardou que fosse feita a tradução para o tamil e para o hindi. — Por esse motivo, toda vez que me encontro com alguém, olho instintivamente para as suas mãos. O quiromante diz que pode contar o futuro pelas mãos. Eu posso contar o passado. Por exemplo, posso dizer

qual o trabalho de uma pessoa pela posição dos calos e pela condição das unhas. Posso até dizer algo sobre o caráter da pessoa; realmente, gosto muito de mãos.

Fez uma pausa e olhou para aquelas fisionomias ansiosas.

— Como eu gostaria de ter tido a oportunidade de encontrar-me com Cristo e estudar as suas mãos! Mas, sabendo como ele era, posso quase imaginá-las, posso quase senti-las.

Parou novamente, e depois passou a imaginar como teria sido o seu encontro com Cristo e o que elealaria das suas mãos.

Ele descreveu as mãos de Cristo, desde a sua infância, quando ainda eram pequenas, desajeitadas, tentando pegar as coisas inutilmente. Falou, depois, das mãos do menino Jesus, pegando desajeitadamente um pincel ou um estilete para tentar desenhar as letras do alfabeto. Chegou depois às mãos do carpinteiro, ásperas, cheias de nódoas, com unhas quebradas e contusões causadas pela serra e pelo martelo.

Passou a falar das mãos de Cristo, o médico, o restaurador.

Parecia que a compaixão e a sensibilidade irradiavam das suas mãos, pois quando ele tocava as pessoas elas sentiam que algo de divino vinha delas. Cristo tocou os cegos, os enfermos, os necessitados.

— Então, — continuou o Dr. Brand, — as suas mãos foram crucificadas. Sofro só ao pensar que um prego possa atravessar o centro da minha mão, pois sei que há ali dentro um enorme conjunto de tendões, nervos, vasos sanguíneos e músculos. É impossível fazer um cravo atravessar o centro da mão, sem incapacitá-la. Quando penso que aquelas mãos benfazejas e curadoras sofreram tal tortura, isso me lembra do quanto Cristo estava preparado para suportar. Deixando que isso acontecesse, ele identificou-se com todos os seres humanos deformados e aleijados existentes neste mundo. Ele não somente foi capaz de suportar a pobreza com os pobres, o cansaço com os cansados, mas... também teve as mãos dilaceradas, as mãos de garra, dos aleijados.

O efeito sobre os pacientes que o escutavam, todos eles párias da sociedade, foi eletrificante. Jesus... um aleijado, com as mãos dilaceradas, mãos de garra, como as deles?

Brand continuou:



— Mas, vieram depois as suas mãos ressurretas. O que mais me admira é que, apesar de pensarmos na vida futura como algo perfeito, quando Cristo apareceu aos seus discípulos ele disse: “Vê as minhas mãos” e convidou Tomé para pôr o dedo na marca deixada pelo prego. Por que ele quis continuar com os ferimentos da sua humanidade? Não seria por que ele queria levar de volta consigo uma lembrança eterna dos sofrimentos das pessoas aqui na terra? Ele levou consigo os sinais do sofrimento para que pudesse continuar a entender as necessidades daqueles que sofrem. Ele quis ser um dos nossos para todo o sempre.

Ao terminar, Paul Brand observou novamente as mãos, todas elas levantadas, por todo o pátio, palmas com palmas, num gesto de respeito indiano, o namaste. Eram os mesmos tocos, as mesmas mãos sem dedos, as mesmas mãos encurvadas.

Entretanto, ninguém tentava escondê-las. Elas ali estavam erguidas, perto do rosto, em homenagem a Brand, mas também com um novo sentimento de orgulho e dignidade. A reação de Deus ao próprio sofrimento tornou mais fácil a reação deles.

T. S. Eliot escreveu em um dos seus Quatro Quartetos:

O cirurgião ferido maneja o aço  
Que contesta o elemento sem têmpera;  
As mãos sangrentas concedem, sentimos,  
A bem marcante compaixão do médico divino  
Solvendo o enigma da febre.  
A cirurgia da vida fere.  
No entanto, consola-me saber que o  
Próprio Cirurgião, o  
Cirurgião Ferido, sentiu as punhaladas  
da dor e todas as tristezas.  
Não pergunto ao ferido como se sente,  
eu mesmo me torno uma pessoa ferida.  
Walt Whitman

## *O Resto do Corpo*

Mesmo com o exemplo da sua vida, morte e ressurreição, a missão de Jesus na terra não foi terminada. “Construirei a minha igreja”, declarou ele, “e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.”

Nestes quase 2.000 anos, a igreja esteve sem a presença visível de Cristo. Não podemos levar as pessoas a um lugarejo do Oriente Médio para que o nosso líder as cure.

Ao contrário, ele deixou a sua mensagem com pequenos grupos de fiéis que se reuniam para adorá-lo. Refletindo sobre o papel da igreja sem o seu líder visível, o apóstolo Paulo fez a analogia do corpo de Cristo, a qual é, para mim, uma das melhores em toda a Bíblia. Cristo é a cabeça invisível, disse Paulo, e nós somos os membros do seu corpo. Estamos organicamente ligados com a parte restante da igreja, e, como os bilhões de células individuais do nosso corpo, cada um de nós pode afetar a saúde e a sobrevivência de todo o corpo. Quais são as deduções desta analogia? Haverá no corpo de Cristo a estrutura da dor como no nosso corpo?

## *O Rei Que Se Tornou Servo*

Todos os cristãos estão familiarizados com a idéia de Cristo como Senhor. Entendemos o fato de ele, como cabeça do corpo, dirigir a sua igreja no mundo. Teremos, porém, negligenciado outra faceta da analogia: as limitações que a cabeça tem?

É uma impressionante e misteriosa verdade que Deus, de uma maneira estranha, limitou-se. Quando ele resolveu não ser o corpo inteiro, mas apenas a cabeça invisível, Jesus tornou-se, de certo modo, servo do corpo.

Mesmo durante a sua vida aqui na terra, Jesus estava preparando-nos. Em que foi que ele demonstrou satisfação?

Não foi como realizador de atos sobrenaturais. Já mencionei a tendência que Jesus tinha em “minimizar” a repercussão dos seus milagres, tendo-os realizado às vezes relutantemente.

Mas Lucas 10 registra o exemplo de um fato que muito alegrou a Jesus. Ele mandou setenta dos seus seguidores aos lugarejos circunvizinhos e esperou por eles. Quando voltaram e contaram as

extraordinárias vitórias, como expulsão de demônios, Jesus proferiu uma torrente de exultação e louvor espontâneo. Ele estava verdadeiramente emocionado.

O próprio Jesus não fez o trabalho dos setenta; limitou-se a dar-lhes instruções e a enviá-los. A experiência foi bem sucedida, provando que o seu trabalho podia ser realizado por seus inexperientes seguidores. O plano de Jesus foi o de entregar a mensagem do evangelho nas mãos de homens vaidosos e imperfeitos. Limitou-se a ser a cabeça da igreja. Deixou os braços, pernas, ouvidos, olhos e a voz para um grupo de discípulos incompetentes. . . e para você e para mim.

A decisão de Jesus de agir como cabeça de um grande corpo afeta a nossa opinião sobre o sofrimento. Ele nos usa, freqüentemente, para ajudarmos uns aos outros quando surge o sofrimento. De certo modo, a dor é uma luta pessoal que ninguém pode ajudar a suportar. Mas um corpo constitui um complexo, dentro do qual dores individuais podem ser cuidadas, tratadas, e talvez curadas.

A dor física é útil porque força o corpo a cessar outras atividades e concentrar-se na causa da dor. Se um jogador de basquete quebrar o pulso, ele precisará deixar o jogo e tratar dele até que sare. Da mesma maneira, nós, os membros do corpo de Cristo, devemos aprender a devotar-nos às dores do resto do corpo. Podemos tornar-nos a encarnação emocional do corpo de Cristo. Assim como o mundo jamais ouvirá as Boas Novas, a não ser pelos nossos esforços, também a igreja de Cristo jamais experimentará a reação curativa do sofrimento, a menos que aprendamos a focalizar as dores do corpo e a agir como agentes curativos.

O Dr. Paul Brand desenvolveu esta idéia como a chave da sua filosofia pessoal:

As células individuais precisam desistir da sua autonomia e aprender a sofrer umas com as outras antes que os organismos multicelulares possam ser produzidos e depois sobreviver. O mesmo planejador criou também a raça humana, tendo em mente um propósito novo e mais elevado. Não somente as células do corpo humano devem cooperar umas com as outras para que haja harmonia no organismo, como também os indivíduos da raça humana devem sentir-se responsáveis uns pelos outros de tal modo que haja um novo relacionamento entre os indivíduos, e entre esses e Deus.

Tanto no corpo humano como nesta nova espécie de

relacionamento, a chave do sucesso está na sensação de dor.

Todos nós nos regozijamos com o perfeito funcionamento do corpo humano. Entretanto, quando se trata do mau relacionamento existente entre os homens, nada mais fazemos a não ser entristecer-nos. Na sociedade humana porque ainda não sofremos suficientemente continuamos a sofrer.

Grande parte da tristeza existente no mundo tem como motivo o egoísmo do ser humano, que simplesmente não se incomoda com o sofrimento do próximo. No corpo humano, quando uma célula ou um grupo de células cresce e desenvolve-se à custa do resto do organismo, chamamos isso de câncer e sabemos que, se lhe for permitido multiplicar-se, o corpo está condenado. É importante notar o seguinte: para que o câncer não se desenvolva, é preciso que haja absoluta lealdade de cada célula para com o corpo e para com a cabeça. Nos dias de hoje, Deus está incitando-nos a aprender com os seres mais elementares da sua criação e, então, em um nível mais elevado, aplicar esses ensinamentos, participando desta comunidade que ele está preparando para a salvação do mundo.

### *Gritos e Sussurros*

Nada há que possa unir tanto os nossos corpos como a estrutura da dor. Uma unha infeccionada, no dedo do pé, proclama alto e bom som que aquele dedo é importante, que é meu, que precisa de atenção. Se alguém pisar no meu dedo, vou gritar:

— Ei, o de baixo é meu!

E isso eu sei muito bem, porque naquele momento alguém está se apoiando num sensorio da dor. E eu sou delimitado pela dor. Quando os gritos de dor são ignorados, ou talvez quando a pessoa se torna calejada e insensível a eles e deixa parte do seu corpo deteriorar-se, o corpo caminha para a autodestruição. Lembremo-nos do exemplo da criança que mordeu o próprio dedo, brincando depois com o sangue, porque havia perdido o sentido do tato. Não tinha consciência de que o dedo fazia parte do corpo, uma parte que ela precisava proteger.

Sabe-se que os lobos devoram uma das suas pernas traseiras quando ela se torna dormente no frio inverno. A dormência interrompeu a unidade do corpo; evidentemente eles não mais percebem a perna como

parte do corpo.

Líbano, Rodésia, Irlanda são altos gritos de dor vindos do corpo de Cristo. Dissensões em Sínodos. Escândalos com alguns líderes cristãos. Será que paramos para escutá-los?

Qual a nossa reação? Ou será que, pela dormência, permitimos que eles se destruam, sacrificando um membro do corpo de Cristo? Os gritos de dor nem sempre estão longe de nós; sempre há alguns em todas as igrejas, em todas as posições eclesíásticas. Desempregados, divorciados, viúvos, acamados, decrépitos, velhos. . . estamos procurando escutá-los?

Através dos anos, a igreja cristã, segundo a opinião geral, tem feito um trabalho medíocre quanto ao corpo de Cristo.

Parece, às vezes, que irá devorar a si própria, como por exemplo durante a Inquisição e nas guerras religiosas. Mesmo assim, Cristo, comprometido com o livre-arbítrio, ainda conta conosco para cumprir a sua vontade no mundo, com o poder do Espírito Santo.

Ouçamos alguém que conhece a lealdade devida ao corpo:

“Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?” (2 Coríntios 11:29).

Ou ainda: “Lembraí-vos dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus tratos, como se, com efeito, vós mesmos em pessoa fôsseis os maltratados” (Hebreus 13:3). Ou ainda outra voz:

A igreja é católica, universal, do mesmo modo que as suas ações; tudo o que ela faz pertence a todos, quando a igreja batiza uma criança, isso me afeta, pois aquela criança está desde então relacionada com a cabeça que é minha cabeça, incorporada a um corpo do qual também sou membro. E quando a igreja enterra um homem, isso me afeta, pois a humanidade toda é do mesmo Criador, e é uma coisa só; quando um homem morre, o capítulo não é arrancado do livro, mas sim traduzido para uma linguagem melhor; portanto, cada capítulo precisa ser traduzido. Deus emprega diversos tradutores; há capítulos traduzidos pela idade, alguns pela doença, alguns pela guerra, outros pela justiça; todavia, a mão de Deus está em cada tradução, e a sua mão levantará todas as folhas para trazê-las para aquela biblioteca, onde cada livro estará aberto um para o outro... O homem não é uma ilha, bastando-se a si próprio; cada homem é um pedaço do continente, uma parte do todo. Um

torrão levado pelas águas do mar significa perda para o continente, como significaria perda se desaparecesse um promontório, ou a sua propriedade, ou a do seu amigo; a morte de qualquer homem diminui o meu próprio ser, pois faço também parte do gênero humano. Jamais preciso indagar por quem os sinos dobram, eles dobram por mim e por ti.

Se o homem levar o seu tesouro em lingotes de ouro, e não tiver coisa alguma em moeda corrente, o seu tesouro será inútil quando estiver viajando. A tribulação é ouro em lingote, não é moeda corrente para o uso diário; mas com o seu auxílio chegamo-nos cada vez mais perto do nosso lar celestial. Alguém pode estar terrivelmente doente, e sua aflição pode ser muito profunda, como o ouro numa mina, e não lhe ser de nenhuma utilidade. Mas os sinos que me contam da sua aflição podem retirar o ouro, que será de proveito para mim. Isso se, ao considerar o mal dos outros, eu refletir sobre o mal que há em mim e recorrer a Deus, que é a nossa única segurança.

Levai as cargas uns dos outros, diz a Bíblia. É uma lição sobre dor que todos concordam. Alguns não acham que a dor seja uma dádiva; outros acusam Deus de ser injusto por permiti-la. Mas o fato permanece que a dor e o sofrimento habitam conosco, e precisamos reagir. A reação de Jesus foi carregar os fardos daqueles que ele tocava. Para viver no mundo como o seu corpo, a sua encarnação emocional, precisamos seguir o seu exemplo.

“Bendito seja o Deus e Pai. . .”, diz Paulo. “É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus. Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo” (2 Coríntios 1:3-5).

O plano que Deus tem para o seu corpo sintoniza-se com a maneira pela qual ele está trabalhando no mundo. Algumas vezes ele interfere no relacionamento dos membros, fazendo milagres, dando freqüentemente uma força sobrenatural àqueles que dela necessitam. Mas, na maioria das vezes, ele conta conosco, que somos os seus agentes, para fazer o seu trabalho neste mundo. Anunciamos a sua mensagem, trabalhamos para a sua justiça, oramos por misericórdia e... sofremos com os sofredores. Precisamos confortar uns aos outros, e transmitir a cura; assim fazendo, seremos reconhecidos

como o corpo de Cristo e ele, a cabeça, receberá a glória.

As pessoas morrem da maneira que viveram. A morte torna-se a expressão de tudo o que se foi, e só podemos levar para a morte aquilo que trouxemos para a vida.

Michael Roemer

Produtor de Morte

### *Um Perfeito Mundo Novo no Além*

Para aqueles que sofrem, o Cristianismo oferece uma última contribuição, a mais importante de todas. Como já tivemos oportunidade de observar, a Bíblia toda, 3.000 anos de história, cultura e drama humanos, focaliza como uma lente de aumento a sangrenta morte no Calvário. É o clímax da história, a pedra angular. Mas não o fim da história. Jesus não permaneceu na cruz. Depois de passar três dias na tumba escura, ele foi visto com vida novamente. Vida! Seria mesmo possível? Os seus discípulos, no começo, não acreditaram.

Ele, porém, apareceu a eles deixando-os tocar-lhe o novo corpo.

Cristo deu-nos a possibilidade de uma vida futura sem dor e sem sofrimento. Assim, todas as nossas dores são temporárias. Teremos um futuro sem dor. Nos dias atuais, quase nos sentimos embaraçados ao falar sobre a crença de uma vida futura perfeita com recompensas e punições baseadas em nosso procedimento aqui na terra. Uma vida além parece-nos um modo fácil, estranho e covarde de fugir aos problemas deste mundo. Os muçulmanos negros têm um costume funerário que rivaliza com alguns dos costumes cristãos pela sua estranheza. Quando o corpo está exposto, os amigos íntimos e a família rodeiam o esquife e ali, todos em pé, olham silenciosamente para o morto. Não há lágrimas, nem flores, nem canto. As irmãs muçulmanas passam pequenas bandejas das quais todos tiram uma pastilha de hortelã. A um dado sinal, colocam-nas na boca. Vagarosamente as pastilhas se derretem, e, ao sentirem a doçura, meditam na doçura da vida que eles estão comemorando. Quando a pastilha se acaba, isso também tem um significado. Simboliza o fim da vida.

Ela simplesmente dissolve-se, não mais existe.

Há algo no homem que se rebela contra tal crença. De onde vem a palavra “Imortal”? Por que é assassinato matar um homem e não o é matar um gato?

Poderemos concordar com os muçulmanos negros, com os materialistas, com os marxistas que este mundo, corroído pelo infortúnio e pelo sofrimento, é o fim do homem? Tal noção apareceu somente depois de 7.000 anos de registro histórico. Todas as sociedades primitivas e todas as culturas antigas acreditavam numa vida após a terrena. (Se não fosse pelas suas crenças, o trabalho dos arqueólogos teria sido muito difícil, pois os antigos deixaram indícios culturais nos túmulos.)

### *A Mudança Que Está Para Vir*

Em contraste, os cristãos esperam por um mundo onde toda a lágrima será enxuta e onde todo o sofrimento desaparecerá.

Temos metáforas não muito comuns para descrever a vida após a morte, tais como estradas de ouro e portões de pérolas, que simbolizam para os escritores o máximo de esplendor.

Seja o céu como for, não haverá nele o desconforto desta vida. Novos prazeres, não imaginados, farão parte da vida futura, temos vislumbres do que ela será, ligeiros sentimentos de uma profunda alegria, tão efêmera agora, mas então realizada e permanente.

É como se estivéssemos fechados num quarto escuro, como no livro *Sem Saída* de Sartre. Mas, frestas de luz conseguem infiltrar-se — virtude, glória, amostras da verdade e da justiça — convencendo-nos de que além das paredes há um mundo que vale todo o sofrimento aqui suportado.

A esperança que esta crença pode trazer a alguém prestes a morrer está claramente ilustrada num filme documentário de 1976, que foi apresentado pela Rede Norte-Americana de Televisão. O diretor-produtor Michael Roemer filmou *Morte em Boston*. O filme apresenta os últimos meses de atividade de diversos pacientes cancerosos desenganados. Entre eles, há dois casos que demonstram o máximo de desespero e o máximo de esperança.

Harriet e Bill, este de 33 anos, são vítimas de um colapso nervoso.



Preocupada com a perspectiva de ficar viúva com dois filhos, Harriet ataca violentamente o esposo que está às portas da morte.

— Quanto mais isso se prolongar, pior será para todos nós —. Diz-lhe ela.

— O que aconteceu com a meiga e suave garota com quem me casei? — pergunta Vili. Harriet conta ao entrevistador:

— Aquela garota meiga está sendo torturada pelo câncer do marido. Quem vai querer uma viúva com dois filhos de 8 e 10 anos? Eu não queria que ele morresse, mas se tem de morrer, por que não morre logo?

Nas últimas semanas de vida em comum, a família não suporta o medo da morte. Atacam-se mutuamente, queixando-se e gritando, destruindo o amor e a confiança. O espectro da morte é demasiadamente grande.

Todavia, o Rev. Bryant, de 56 anos, também às portas da morte, pastor de uma Igreja Batista de negros, apresenta um contraste surpreendente.

— Justamente agora, — diz ele, — estou vivendo um dos maiores momentos da minha vida. Acho que nem Rockefeller chegou a ser tão feliz como eu.

A câmara focaliza o Rev. Bryant pregando à sua congregação sobre a morte, lendo a Bíblia para os seus netos, e fazendo uma viagem ao Sul para visitar o local em que nascera. Ele manifesta uma calma serenidade e confiança de quem está apenas dirigindo-se para o lar, para um lugar sem dor.

No seu funeral, o coro batista canta “Ele dorme”. E, à medida que as pessoas passam pelo esquife, alguns tocam-lhe a mão ou o peito. Eles sabem estar perdendo um amigo querido, mas só por um pouco de tempo. O Rev. Bryant defronta-se com um começo e não com um fim.

Qualquer debate sobre a dor é incompleto sem esta perspectiva sobre a sua natureza temporária. Um polemista hábil poderia possivelmente convencer alguém de que a dor é uma coisa boa, melhor do que qualquer alternativa permitida por Deus. Talvez. Mas, na realidade, a dor e o sofrimento são muito menos do que se pensa. Como imaginar a eternidade?

É tão mais extensa do que a nossa curta vida aqui na terra que se torna difícil até mesmo visualizá-la. Pode-se traçar uma linha de giz de ponta a ponta num quadro-negro de três metros, e depois fazer na linha um pequenino círculo. Para uma célula microscópica de um germe, localizada no meio do círculo, o traço pareceria enorme. A célula poderia levar toda a vida explorando o seu comprimento e largura. Até mesmo um ser humano, que se afaste para melhor observar o quadro-negro, se admirará e achará imenso aquele traço de três metros em comparação com o círculo que a célula chamaria de seu lar.

O mesmo acontece com a eternidade comparada com esta vida.

Setenta anos é muito tempo, e dá para termos muitas idéias a respeito de Deus e da sua aparente indiferença ao sofrimento ao longo daqueles setenta anos. Mas, será razoável julgar Deus e o seu plano para o universo pela pequenina amostra de tempo que passamos aqui na terra? Tão pouco razoável quanto o é para aquela pequenina célula julgar um quadro-negro inteiro pela pequena mancha de giz onde ela passa a vida. Será um julgamento justo? Será que nos falta a perspectiva do universo e do infinito?

Quem se queixaria se Deus permitisse uma hora de sofrimento numa vida inteira de conforto? Por que, então, nos queixamos de uma vida que inclui sofrimento, quando aquela vida é apenas uma hora dentro da eternidade?

Segundo o esquema cristão, este mundo e o tempo que aqui passamos não são tudo o que existe. A terra é um campo experimental, um ponto na eternidade, mas um ponto muito importante, porque Jesus disse que o nosso destino depende da nossa obediência aqui. Na próxima vez que você quiser clamar contra Deus em desespero angustiante, pondo toda a culpa nele por estar neste mundo miserável, lembre-se de que foi apresentado menos de um milionésimo da evidência, e que é esse milionésimo que desfralda a bandeira da rebeldia.

### *Ainda Não*

O escritor Thomas Howard comenta que a dor real do sofrimento não é a dor do momento, pois mártires têm provado que essa dor pode ser bem suportada. A grande mágoa é que Deus parece ter os olhos fechados. Parece que os seus ouvidos estão tapados com cera. Lemos na Bíblia muitos relatos de cura, vemos outros testemunhos na

televisão, e nós ou nossos queridos continuamos a ser consumidos pela doença. Onde está Deus? Por que ele nos evita? Por que não responde? A única resposta que conseguimos é o silêncio mortal.

Nada.

Nesses casos, a Bíblia não auxilia muito, pois ao lado da ressurreição do filho da viúva de Naim, muitos outros filhos permaneceram mortos. Pedro foi libertado da prisão; João Batista foi executado. Paulo foi usado para curar pessoas, mas o seu pedido para a própria cura não foi atendido.

Howard destaca duas passagens surpreendentes pela lição que oferecem:

O sepultamento de Lázaro e a conversa na estrada para Emaús. Poderíamos, porém, contestar:

— Ambas tiveram uma conclusão dramática além de feliz.

Isso não acontece agora. — Mas o tempo de espera de cada história pode trazer-nos um ensinamento: os quatro dias em que o corpo de Lázaro apodrecia no túmulo e sua família chorava lágrimas de desapontamento pela aparente indiferença de Jesus; e os dias em que os discípulos estavam convencidos de que o reino dos céus tinha sofrido um colapso. Aqueles dias (Lázaro morto e Jesus no túmulo) formam um paralelo com os tempos de angústia, que dependemos, com corações ansiosos, defrontando-nos com a dor. Aqueles seguidores aniquilados haviam visto Jesus curar muitas pessoas. Por que não tinha ele agido? Seria porque eles tinham fé pequena? Como, então, conseguir mais fé?

Naqueles dias de depressão, parecia-lhes que Deus havia passado de largo.

Analisando, agora, ambas as histórias, podemos ver como as peças se ajustam. Em quatro dias, as duas tiveram um final triunfante. Tanto Lázaro como Jesus voltaram à vida. Todos regozijaram-se. Na verdade, a história de ambos tornou-se mais exultante porque houve morte.

Howard comenta aqueles dias de depressão:

A questão é que por um número X de dias a experiência deles foi de fracasso. Para nós, infelizmente, o “número X de dias”

pode ser grandemente multiplicado. E não nos conforta muito saber que, comparando o nosso sofrimento com o de Maria e Marta ou comparando-o com o dos dois discípulos na estrada de Emaús, a diferença está apenas na quantidade.

Eles tiveram de esperar quatro dias. Nós teremos de esperar um, cinco, ou setenta anos. Qual a diferença real? Isso é como dizer a alguém, que está sendo torturado, que a sua dor é diferente da minha apenas na quantidade, quando a minha dor resume-se numa cutícula solta que nem incomoda.

Entretanto, a diferença é mesmo a quantidade. Mas há, talvez, pelo menos certo consolo para aqueles cuja experiência é idêntica à de Maria e Marta, e idêntica à de outros: na experiência do cristão fiel está incluída a experiência da morte. Parece fazer parte do plano, e seria quase impossível declarar que a morte foi o resultado da falta de fé de alguém.

Para cada um de nós, não só para Maria e Marta ou para os dois homens do caminho de Emaús, haverá uma solução triunfante. Com Deus, estamos seguros. Nenhum pardal cai sem o seu consentimento e até os cabelos da nossa cabeça estão contados. Toda e qualquer oração foi ouvida, mesmo aquelas que nos pareceram vazias e sem resposta.

George MacDonald diz: “O Senhor veio para enxugar nossas lágrimas. É o que ele está fazendo agora; é o que ele fará tão-logo possa; e, enquanto não puder fazê-lo, proferirá para que as lágrimas fluam sem amargura; ele nos dirá que chorar é uma bênção, pois traz consolo. Aceite agora o seu consolo, e prepare-se assim para o consolo que virá.”

Para que se tenha a perspectiva completa do papel da dor e do sofrimento, é preciso que se visualize toda a vida do indivíduo. E as promessas da Bíblia são em grande número:

“Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar” (1Pedro 5:10). “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas. (2 Coríntios 5:17, 18).

Pedro e Paulo estavam tão certos do resultado final que tudo, ministério, saúde e a própria vida, tinha como base as promessas de Cristo.

## *Morte e Nascimento*

Ironicamente, a morte, a ocorrência que mais causa sofrimento emocional, é na realidade uma transferência, uma época de grande alegria, pois só então nós nos apropriaremos da vitória de Cristo. Descrevendo o resultado da própria morte, Jesus usou o símile de uma mulher em dores de parto, sofrendo até o momento do nascimento do seu filho quando, então, tudo é substituído por arrebatamento (João 16:2 1).

A nossa morte pode ser considerada um nascimento. Imagine só o que não seria se você tivesse consciência da sua vida fetal e pudesse lembrar-se agora daquelas sensações:

O mundo era escuro, sem perigos, seguro. Você achava-se circundado por um líquido morno, protegido de qualquer choque. Nada fazia. A alimentação era automática e uma batida sussurrante de um coração assegurava que alguém muito maior do que você provia todas as suas necessidades. A vida consistia em simplesmente esperar, sem saber propriamente o quê, mas qualquer mudança parecia remota. Não havia objetos pontudos, nem dor, nem aventuras ameaçadoras.

Uma existência ideal.

Um dia, você sentiu um puxão. As paredes caíram. Aquelas macias almofadas começaram a pulsar e a desferir golpes, esmagando-o e empurrando-o para baixo. O seu corpo estava dobrado, pernas e braços curvados. Você caiu, de cabeça para baixo. Pela primeira vez em sua vida, sofreu dor. Estava num mar de substância irritante. Sentiu, então, uma pressão ainda maior, quase insuportável. A cabeça estava sendo achatada, e foi você empurrado mais e mais para dentro de um túnel escuro. Ó, a dor! Barulho! Mais pressão!

Você sentia dores. Ouviu um gemido, e foi tomado de medo súbito e terrível. O seu mundo entrou em colapso.

Pareceu-lhe o fim. Viu, então, uma luz cortante, ofuscante.

Mãos frias e ásperas puxaram-no. Uma palmada dolorosa! Uááá!

Parabéns, acabou de nascer.

A morte é bem semelhante. No final do canal do nascimento, tudo parece aterrador, agoureiro, e cheio de sofrimento. A morte é um túnel assustador e nós somos sugados para dentro dele por uma força poderosa.

Ninguém espera pela morte ansiosamente. Temos medo. Há opressão, dor, escuridão... É o desconhecido. Mas, além da escuridão e da dor, há um novo mundo perfeito. Quando, depois da morte, acordarmos naquele radiante mundo novo, nossas lágrimas e dores serão apenas memória. Apesar de sabermos que o novo mundo é muito melhor do que este aqui, não temos condições de saber exatamente como ele é. Os escritores da Bíblia contam-nos que, em vez do silêncio de Deus, teremos a sua presença e vê-lo-emos face a face. Receberemos, então, uma pedra e sobre ela será escrito um nome, que ninguém mais sabe. O nosso nascimento será completo. Seremos novas criaturas (Apocalipse 2:17).

Você pensa às vezes que Deus não ouve? Que seus gritos de dor desvanecem-se no nada? Deus não é surdo. Ele está tão mortificado pelo mundo quanto você. O seu único Filho morreu aqui. Ele, porém, prometeu pô-lo em ordem. Nada desaparece simplesmente.

Esperemos pelo fim. Deixemos que a sinfonia arranque as últimas notas discordantes de lamento antes de irromper a melodia. Como Paulo disse: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus” (Romanos 8:18, 19).

“Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:22, 23).

Quando olhamos para trás, para a partícula da eternidade que foi a história deste planeta, ficamos impressionados não por sua importância, mas por sua insignificância. Vista da constelação Andrômeda, a destruição do nosso sistema solar inteiro seria quase invisível, um palito de fósforo bruxuleando à distância, para depois escurecer para sempre.

Pois nesse simples palito de fósforo, Deus sacrificou a si próprio.

A dor pode ser considerada, no dizer de Berkouwer, o grande “ainda não” da eternidade. Faz-nos lembrar do lugar onde estamos, e desperta em nós a sede do lugar para aonde iremos um dia.

No auge do sofrimento, falou Jó:

Quem me dera fossem agora escritas as minhas palavras! Quem me

dera que fossem gravadas em livro! Que com pena de ferro, e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha!

Porque eu sei que o meu redentor vive, e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro em mim (Jó 19.23-27).

Eu creio que um dia, todas as contusões, todas as células cancerosas, toda a dor, todo o embaraço e toda mágoa serão curados e todos os cruéis momentos de esperar sem esperança serão recompensados.

### *Deus Sabe Que Sofremos*

Durante grande parte da minha vida, concordei com os que se rebelam contra Deus por ele permitir a dor. O sofrimento pesava muito. Não conseguia compreender um mundo tão cheio de coisas más como este.

Porém, ao conversar com aqueles cuja dor era muito maior do que a minha, seus efeitos surpreenderam-me. O sofrimento tanto podia produzir fé, realmente fortalecida como semear o agnosticismo. E, ao conversar com aqueles que sofriam do mal de Hansen, especialmente, convenci-me do importante papel da dor no mundo.

De um modo geral, não haverá solução para a dor até que Jesus volte e transforme a terra. Pela fé, apóio-me nessa grande esperança. Se eu não acreditasse verdadeiramente que Deus é um médico e não um sádico, e que ele sente em si a presença torturante dos nervos que não estão em harmonia com o organismo”, abandonaria imediatamente todas as tentativas de investigar os mistérios do sofrimento. A minha irritação contra a dor dissipou-se principalmente por uma razão: passei a conhecer Deus. Ele me deu alegria, amor, felicidade e misericórdia. Foram centelhas, no meio do meu mundo confuso e iníquo, mas a sua presença foi suficiente para convencer-me de que o meu Deus é digno de confiança.

Conhecê-lo vale qualquer sofrimento.

Como me sentiria, então, ao defrontar-me novamente com uma pessoa amiga, num leito de hospital, com a doença de Hodgkin?

Afinal de contas, foi assim que começou a minha pesquisa. Eu me sentiria com uma fé sólida em alguém, fé esta que sofrimento algum pode corroer. E, como o Cristianismo é posto em prática num mundo real entre pessoas reais, também tenho necessidade de conforto para entender o papel do sofrimento no mundo.

### *Onde está Deus quando chega a dor?*

Desde o começo ele esteve presente, planejando um sistema de dor que, mesmo em um mundo decaído e rebelde, leva a marca do seu gênio e equipa-nos para a vida neste planeta.

Ele tem observado o reflexo de sua imagem em nós enquanto entalhamos grandes obras de arte, empreendemos aventuras grandiosas, sobrevivemos num misto de dor e prazer quando ambos se entrelaçam tão intimamente que se tornam quase indistinguíveis.

Ele tem usado a dor, até mesmo nas suas formas mais cruas, para ensinar-nos, pedindo-nos que nos voltemos para ele. Ele tem-se humilhado a fim de conquistar-nos. Ele tem observado este planeta em que vivemos, permitindo misericordiosamente que o empreendimento humano siga o seu próprio caminho.

Ele tem permitido que clamemos aos céus e imitemos Jó com estridentes e ruidosos acessos de raiva, culpando a Deus por um mundo que nós estragamos.

Ele tem-se unido ao pobre e ao sofredor, estabelecendo um reino celestial que lhes é favorável, do qual os ricos e poderosos freqüentemente se esquivam.

Ele tem prometido força sobrenatural para nutrir nosso espírito, ainda que o nosso sofrimento físico não seja aliviado.

Ele tem-se unido a nós. Tem sofrido, sangrado e clamado conosco. Ele tem honrado eternamente aqueles que sofrem compartilhando da sua dor.

Ele está conosco agora, ministrando-nos através do seu Espírito e por meio dos membros do seu corpo, comissionados a auxiliar-nos e a aliviar-nos os sofrimentos por amor de Cristo, a cabeça.

Ele está esperando e reunindo os exércitos do bem. Um dia, ele



desencadeá-los-á. O mundo verá uma última explosão de dor antes da vitória final. E, então, ele criará para nós um incrível mundo novo, e a dor não mais existirá.

Eis que vos digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soar, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória.

Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão? (1 Coríntios 15.-SI-55).

\*\*\*

Esta obra foi digitalizada originalmente em formato .txt com base na legislação abaixo, para uso exclusivo de deficientes visuais. Distribuição gratuita.

Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sobre “Direitos autorais. Alteração, atualização e consolidação da legislação”.

TITULO III - Dos direitos do autor.

Capitulo IV - Das limitações aos direitos autorais.

Art. 46 - Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I - A reprodução:

d) De obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema BRAILLE ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários.